

COMPRAR
ABR. 1940

SERÕES

Setembro de 1905



50

Summario

MAGAZINE

	PAG.
OS COCHES DA CASA REAL (12 <i>illustrações</i>) por JULIO DANTAS.....	189
CASO DA RUA (4 <i>illustrações</i>) por JUSTINO DE MONTALVÃO.....	201
RUBIA Poesia, por MARIANO GRACIAS.....	208
A CASA PORTUGUEZA — 2. ^a parte (7 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por ROCHA PEIXOTO.....	209
FONTE DOS AMORES (1 <i>vinheta</i>) poesia, por JULIO BRANDÃO.....	215
O CHAPEU ALTO (9 <i>illustrações</i>) por PINTO DE CARVALHO (Tinop.).....	216
A TRANSFORMAÇÃO DO AR ATMOSPHERICO (13 <i>illustrações</i>).....	220
SE A MOCIDADE SOUBESSE... — III (3 <i>illustrações</i>) por AGNES E EGERTON CASTLE.....	226
CONSTRUÇÃO DE UM BARCO BARATO (8 <i>illustrações e 1 vinheta</i>).....	235
A UNIVERSIDADE DE COIMBRA — 2. ^a parte (2 <i>illustrações, dois emblemas e uma vinheta</i>) por M. DA SILVA GAYO.....	239
A TERRA DOS CEGOS (4 <i>gravuras e 2 vinhetas</i>) Conclusão, por H. G. WELLS.....	249
MANHAS DE ESTRELLA DO MAR (8 <i>gravuras</i>).....	258
OS SERÕES DOS BÉBÉS — (O PALACIO DOS LIRIOS) (4 <i>gravuras</i>).....	262
QUEBRA-CABEÇAS (1 <i>illustração e 1 vinheta</i>).....	266
HUMORISMOS DA LINGUA CHINEZA (1 <i>illustração e 24 caracteres chinezes</i>).....	270
ACTUALIDADES (11 <i>illustrações</i>).....	272
<u>OS SERÕES DAS SENHORAS</u> (38 <i>illustrações</i>)	
CHRONICA GERAL DE MODAS..... pag. 33	A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... pag. 39
Os NOSSOS FIGURINOS..... » 35	PELOS ALTOS..... » 41
UMA CANTORA AMIGA DE BONECAS... » 36	LAVORES FEMININOS..... » 42
CHAPÉUS DE OUTONO..... » 37	TRATAMENTO DAS MÃOS..... » 44
TRABALHOS DE COSTURA..... » 38	NOTAS DA DONA DE CASA..... » 50
A MAIS AGRADAVEL DAS MUSICAS... » 39	CONSULTORIO DE LUIZA..... » 52

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

SOUVIENS-TOI

PIANO E CANTO — *Musica de OSCAR DA SILVA*..... 4 paginas

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro
Anno.....	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre.....	1\$200	Moeda fraca.....	Frs.....
Trimestre.....	600	12\$000	15,00

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Correspondencia dos SERÕES

MAGAZINE

Continuamos a receber um grande numero de artigos, alguns dos quaes oportunamente serão publicados. Mas insistimos no convite para que de todos os pontos do paiz nos remetam artigos sobre quaesquer circumstancias que tornam interessantes as respectivas localidades e que não sejam por demais conhecidas: um momento, uma tradição local, um phenomeno de character geologico ou ethnographico, etc., isto, já se vê, n'uma redação correcta, embora sem grandes assomos de litteratura, e de uma leitura amena e correntia. Excellente será, quando esses artigos venham acompanhados de algum documento graphico, proprio para illustração.

Assim se tornará a nossa revista, conforme o nosso desejo, uma publicação essencialmente portugueza, um repositorio de curiosas e valiosas informações sobre tudo quanto respeita á nossa terra. É por isso que não é facil terem n'ella cabimento as innumeraveis traduções com que os nossos amaveis collaboradores atulham positivamente o nosso archivo, nem as longas dissertações philosophicas, nem as aliás louvaveis tentativas de neophytos do Parnaso, nem os contos que não tenham um certo alcance ou moral ou historico ou educativo. Quando não fizessemos uma rigorosa selecção, nem que os *Serões* se tornassem semanaes, com a mesma extensão de texto por cada numero, lograriam abranger toda a collaboração espontanea que recebemos e que em todo o caso agradecemos cordialmente, como prova do interesse que tem merecido a nossa revista.

Essa mesma abundancia, ligada ao excessivo trabalho que demanda uma publicação d'esta indole, nos força a não respondermos individualmente a cada uma das pessoas que desejam honrar-nos com a sua collaboração.

QUEBRA CÂBEÇAS

No artigo «Perguntas de algibeira» veiu um problema de caminhos de ferro, que suscitou justificados reparos a dois dos nossos leitores. Ha effectivamente erro, de que os *Serões* se penitenciam, não querendo lançar responsabilidade ás costas do inglez que lhe impingiu o problema com aquella solução.

Escolhemos de entre a correspondencia que a este respeito recebemos o seguinte trecho de *Deucalião* que resume claramente o caso:

«O viajante A que sae de Lisboa ao meio dia, não póde encontrar antes de chegar a Faro o comboio que d'ali sahiu á meia noite, por isso que a distancia é percorrida em horas e portanto o comboio sahindo de Faro á meia noite chegou a Lisboa ás 10 horas da manhã, duas horas antes do cavalheiro A seguir viagem. O mais que poderá acontecer é encontrar á hora da partida (meio dia) o comboio que sahiu de Faro ás 2 horas da noite, e pelo caminho os sahidos ás 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 da manhã, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, e 10 da noite, encontrando ainda este ultimo a partir de Faro. Ergó, incluindo os que encontra na estação de chegada e na de partida, encontra ao todo 21. Não será esta a resposta *correcta*?...»

Identica observação faz o correspondente que se assigna *Saloio de Belem*.

Na secção *Para scismar*, mereceram as honras de referencia o paradoxo arithmetico e o geometrico, postos a claro por *E'ss'E'me*, e J. F. de B. A falha do primeiro vem da extracção da raiz quadrada, por isso que não se attendeu a que essa raiz, no caso sujeito, deve ter nos dois membros da equação signaes contrarios. No paradoxo geometrico não se attendeu ao movimento de translação de todos os pontos, o qual, em relação ao de rota-

ção, é maior á medida que os pontos se aproximam do centro commum.

Sobre o problema geographico que propozemos sobre a epigraphie *Onde irá parar?* conservaram-se mudos os nossos leitores, a não considerarmos uma resposta inexacta que recebemos de Espinho e sobre a qual pedimos ao correspondente o favor de reconsiderar. Convidamos egualmente todos os nossos prezados leitores a scismarem um bocado sobre o caso e a enviarem-nos o resultado das suas lucubrações. Por isso abstemo-nos por emquanto de apresentar a solução do problema.

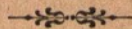
O paradoxo arithmetico que nos envia o sr. L. T. semelhante ao que publicámos, é já por demais conhecido. Eis a razão por que não lhe damos logar. Mas não desanime o nosso amavel correspondente, e empenhe-se por enriquecer esta nossa secção. Egual convite temos a honra de repetir aos nossos numerosos leitores.

A NOSSA COLLABORAÇÃO NO BRAZIL

Com grande alegria nossa, já começámos a receber dos nossos estimados leitores do Brazil carinhosas manifestações do seu interesse pela nossa revista, em artigos para collaboração, a que opportunamente daremos publicidade. Alvoroadamente agradecemos.

Aos nossos irmãos de além do Atlantico convidamos para que nos enviem os productos do seu engenho e dos seus talentos, que correspondam á indole especial dos *Serões*. Teremos um grande orgulho, se por esta forma contribuirmos a tornar mais intimas as relações litterarias entre os dois povos da lingua portugueza.

Advertimos que seria vantajosissimo acompanharem os seus artigos de documentos que facilitassem a illustração.



Com o titulo *Episodio da segunda invasão* recebemos um artigo muito apreciavel. Pedia-mos porém ao seu auctor, que se envolva n'uma modestia muito louvavel, para nos obter umas photographias dos locaes onde os factos descriptos tiveram logar. Egualmente lhe pediamos para, de futuro, não fazer uma letra tão microscopica.

OS NOSSOS CONCURSOS

Sentimo-nos plenamente satisfeitos com a idéa que tivemos da realisação de diversos concursos. Para o concurso photographico, cujo praso termina a 3o do corrente, temos recebido grande numero de photographias, algumas d'ellas muito mimosas. Ha aspectos das nossas praias e thermas, trechos da beira-mar, que são encantadores, e que escolhidos, revelam da parte dos concorrentes um alto sentimento artistico.

Ao concurso photographico, seguir-se-hão outros, sendo talvez dos primeiros a realisarmos, os concursos litterarios e artisticos, destinados a exercer uma notavel influencia nos dominios da Arte e Litteratura.

Tambem pensamos em abrir um concurso entre os nossos assignantes, destinado a servir de estimulo áquelles que mais nos teem ajudado, obtendo o maior numero de assignaturas.

Assim, procuraremos corresponder ao apreço e á sympathia com que os *Serões* teem sido recebidos dentro e fóra do paiz.

O 1.º NUMERO DOS SERÕES

Apesar dos nossos desejos, não nos foi possível ainda concluir a reimpressão do 1.º numero dos *Serões*. Tão depressa porém essa reimpressão esteja concluida, o que será por estes dias, envial-o-hemos a todos os nossos presados assignantes que o requisitarem.

GOARMON & C.ª

Fabrica a Vapor de Mosaicos hydraulicos

Azulejos nacionaes e estrangeiros. Ditos em cartão. Tijolos em cimento

21, T. DO CORPO SANTO — LISBOA

Catalogos sob requisição

Aberto pelos "SERÕES"

PRIMEIRO CONCURSO DE PHOTOGRAPHIAS

EM vista do largo desenvolvimento da photographia em Portugal, é por um concurso n'esta especialidade que os **Serões** inauguram a serie de concursos, prometidos no seu prospecto e tendentes a dar alento a todas as manifestações de arte, de sciencia, de industria, de actividade intellectual do nosso paiz, em summa.

Attendendo á quadra do anno que actualmente atravessamos, o nosso concurso será especialmente limitado a

PHOTOGRAPHOS AMADORES

e a

Photographias tiradas nas praias e thermas de Portugal, incluindo paizagens, trechos da beira mar, aspectos do oceano, grupos de banhistas ou de typos regionaes, especialmente casando-se com o aspecto physico do meio ou suggerindo qualquer ideia dramatica ou comica, etc.

Devem além d'isso os concorrentes submeter-se ás seguintes

CONDIÇÕES

- 1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja o de 9×12 centimetros.
- 2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos **SERÕES** com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos **SERÕES** reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.
- 3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos **SERÕES**.
- 4.º — A direcção dos **SERÕES** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhes enviem um envelope devidamente estampilhado.
- 5.º — A decisão dos **SERÕES** será definitiva.
- 6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos **SERÕES** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente.
- 7.º — Haverá **TRES PREMIOS**, sendo o primeiro de **10\$000 RÉIS**; o segundo **Uma collecção dos 4 volumes dos «Serões»** já publicados; o terceiro **Uma assignatura de um anno nos «Serões»** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

(Boletim para cortar e remetter com a photographia)

PRIMEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 30 DE SETEMBRO

Titulo da photographia

Local em que foi tirada

Nome e endereço do photographo amator

Declarção. — Declaro que não sou photographo de profissão, e que a photographia, que junto remetto, foi tirada por mim e nunca foi publicada.

Assignatura

Endereço: Á Direcção dos **SERÕES**, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138



Casa Chinezza

Antiga loja de chá e café

— DE —

Joaquim Pereira da Conceição

CHÁS VERDES E PRETOS

Brindes permanentes a todos os freguezes

LEQUES DE NOVIDADE

Louças e charões da China e Japão

LENÇOS DE SEDA DA INDIA

234, RUA DO OURO, 236

(Em frente do Monte-pio Geral)

LISBOA

Casa Ferrari

FUNDADA EM 1846

Fornecedora de SS. MM.

91, RUA NOVA DO ALMADA, 93

ESPECIALIDADE

EM

Doces d'ovos, neve e doce de copa

Grande variedade em vinhos finos nacionaes e estrangeiros, licores, cognacs, etc., etc.

Fornece esmeradamente serviços completos de almoços, lunchs, jantares, soirées e bailes, encarregando-se de toda e qualquer encomenda inherente à sua arte, tanto no continente e ilhas como Africa e Brasil.

VIERLING & C.^A

LIMITADA

Cambio e papeis de credito

Compram e vendem moedas estrangeiras

Praça do Municipio, 1, 2 e 3

Rua do Arsenal, 44 e 46

Retrozaria DAVID

(Sobrinho)

Sempre as mais recentes

NOVIDADES

76, Rua Nova do Almada, 78

B. gr.

OFFICINA
PHOTOMECANICA
 S.^o AMARO & LISBOA
 ESCRIPTORIO
 C.^o DO FERREGIAL 6-1.^o
 Photolithographia
 e Photogravura.
 THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

PARA AS MÃES PORTUGUEZAS

PARABOLAS

POR

Antonio Correia de Oliveira

1 VOL. ENCADERNADO, 700 RÉIS

Foi um dos livros a quem a critica portugueza e brasileira teceu mais justos e rasgados elogios. O livro *Parabolas*, não fez mais do que evidenciar o talento do seu auctor, já comprovado em outras obras, como os poemas *Auto de Junho* e *Ara*. Tem paginas de amor e de saudade, onde o sentimento esvoaça em ondas de tristeza e com rasão disse um critico, referindo-se a este trabalho:

«A alma portugueza, essa que não reconhece céo mais lindo nem terra mais fresca do que a que lhe coube por berço, está cheia de vida n'este livro».

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{DA}

Rua do Ouro, 132 a 138

LISBOA

MARMORINA

Patente n.º 4:858

Pavimento sem fendas em côres variadas, impermeavel e incombustivel, proprio para casas de banho, sanatorios, hospitaes, cosinhas, etc., e todo e qualqer piso que se deseje tornar impermeavel; excellente cobertura para soalhos velhos de 600 a 1\$500 réis o metro quadrado em qualqer côr. Secca em 24 horas.

GOARMON & C.^A 21, T. do Corpo Santo LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

Fundada em 1846

Ferreira & Oliveira Lim.^{da} — Livreiros-Editores

132, Rua Aurea, 138 — LISBOA

FORNECEDORES DE S. M. EL-REI

DEPOSITARIOS DAS PUBLICAÇÕES DO ESTADO

SORTIMENTO DE LIVROS DE TODAS AS ESPECIALIDADES

Distribuição Mensal gratuita aos nossos clientes da "BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA" catalogo dos livros publicados no paiz, e nos principaes mercados estrangeiros

MAPPAS GEOGRAPHICOS Portuguezes, Francezes, Inglezes e Allemães

MATERIAL PARA ESCOLAS E LYCEUS

Bancos, Carteiras, Lousas, Contadores, Quadros para o estudo das línguas, das sciencias, da geographia e da história. Espheras de diversos preços desde 500 rs. Apparelhos de demonstração. Estojos de desenho e pintura, lapis, tintas e papel.

DIVERSOS ARTIGOS DE PINTURA

Dão-se com solicitude todas as informações bibliographicas que nos sejam pedidas

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Romances, Viagens, Sciencias, Historia, Artes, Musica,
Conhecimentos uteis, Modas, etc.



Plano da publicação

Uma vez por mez darão os **Serões** aos seus leitores um elegante volume, de 100 a 150 paginas, impresso em fino papel de arte, profusamente illustrado, com collaboração escrupulosamente escolhida, para que possa ser recebido com inteira confiança nas familias.

Cada numero se comporá :

1.º Do magazine propriamente dito, de 80 a 120 paginas, semelhante ás publicações congéneres do estrangeiro, mas com um plano mais vasto, abrangendo todas as manifestações da intelligencia humana, e comprehendendo :

- a) romances, novelas e contos dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros, cuidadosamente escolhidos ;
- b) narrativas de viagens, descripções geographicas, artigos de sciencia, tudo apresentado sob a forma mais amena e pittoresca ;
- c) artigos elucidativos sobre a geographia, a ethnographia, a vida social, politica e domestica em Portugal, sobre todas as manifestações da intellectualidade portugueza, os nossos artistas, os nossos homens de letras, descripções interessantes dos nossos monumentos, das nossas industrias, das nossas paisagens, das nossas romarias, das nossas feiras, das nossas cidades ; as nossas alegrias e as nossas tristezas ;
- d) monographias historicas, sempre revestindo uma fórmula anecdotica e incisiva, especialmente referidas á fecunda e épica historia do nosso paiz ;
- e) uma seccão de **Actualidades**, dando conta de todo o movimento social, litterario e artistico do mundo, subdividida por varios titulos, como : **Grandes topicos**, noticias dos grandes acontecimentos politicos e sociaes que interessam a humanidade ; **Vida na arte**, contendo a analyse summaria dos livros mais interessantes publicados entre nós e no estrangeiro, ideia do movimento theatral, com a critica succinta das

mais notaveis peças, noticia das mais importantes obras de arte apparecidas, exposições, galerias, etc.; **Vida na Sciencia**, com informações sobre os inventos mais uteis, as descobertas mais curiosas, os factos scientificos e industriaes de maior monta; **Vida no sport**, noticias do movimento sportivo, yachting, automobilismo, tauromachia, atletismo, gymnastica, etc. **Variedades**, miscellanea de noticias sobre todos os assumptos que não caibam nos titulos antecedentes, anedotas de interesse de momento, etc.

- f) uma secção denominada **Quebra-cabeças**, com problemas de indole scientifica, paradoxos interessantes, etc.
- g) artigos especiaes sobre jogos, exercicios de differente natureza, assumptos de sport, etc.
- h) **Os Serões das creanças**, contendo historietas para a infancia, cuidadosamente escolhidas nas collecções estrangeiras, ou devidas á penna de escriptores nacionaes experimentados no genero.

2.º Os Serões das senhoras, suplemento constante de 10 a 20 paginas. numeradas em separado, contendo:

Chronica geral de modas: Figurinos e modelos de vestidos, chapheus, etc, com a maneira mais economica e facil de os executar;

Uma **folha de moldes**, expressamente desenhada, para traje e roupas de senhoras e creanças, e ainda de homens, facilitando e simplificando o trabalho domestico;

Lavores femininos, explicação, com desenho á vista, de trabalhos de costura, bordado, renda, crochet, pintura, etc., todos os trabalhos caseiros, emfim, com a maneira mais simples e economica de os executar;

Chronica do movimento da sociedade portugueza, casamentos, baptisados, soirées, bailes, etc.

Notas da dona de casa, receitas simples de culinaria, hygiene domestica, applicações da sciencia ao conforto e vida economica de familia, *menus*, etc.

Ainda para servir as suas leitoras, os **Serões** estão organisando uma agencia que se encarregará de compras de toda a natureza em Lisboa e no estrangeiro, sem retribuição alguma.

3.º A Musica dos Serões, outro suplemento de 4 a 8 paginas, com trechos facéis para piano, ou piano e canto, dos melhores compositores portuguezes e estrangeiros, ou reproducção dos mais bellos trechos de musica.

Desejando que os **Serões** sejam uma representação, quanto possivel fiel, de todas as forças vivas da mentalidade portugueza, procuraremos a collaboração dos homens de maior nomeada entre nós, nas sciencias, nas lettras e nas artes,

e acolheremos com alvoroço toda a especie de collaboração que se nos offereça, comtanto que, pelo interesse do assumpto e pela singeleza da linguagem, se possa adequar aos moldes em que planeamos o jornal. Incitamos os nossos leitores e leitoras a fornecer-nos elementos de collaboração litteraria ou artistica, como por exemplo curiosidades locais, tradições, contos figurados, photographias curiosas, etc., etc., ainda que não venham revestidos de fórma litteraria, mas sejam apenas suggestões, ideias, lembranças sobre assumpto de geral interesse, etc.

Alem d'isso, os **Serões** abrirão frequentemente concursos de litteratura, de arte, de photographia, de sciencia, etc.

Toda a collaboração accete será paga.

Por este modo procuram os **Serões** corresponder á sua ambição: a de se tornar um agente efficaz e sincero do desenvolvimento nacional e a de promover o amor pela nossa terra e pela nossa arte e ensinar a apreciar o muito que temos de bom e interessante.

As difficuldades oppostas á reunião de todos os elementos materiaes e intellectuaes, indispensaveis para o conseguimento do nosso plano, explica a demora na publicação do 1.º numero, que só agora conseguimos apresentar, ao fim de mais de um anno de trabalho, e de enormes sacrificios monetarios. Este numero representa já um progresso, mas ainda o reconhecemos susceptivel de aperfeiçoamentos que gradualmente tentaremos, e para os quaes contamos com o favor do publico do paiz e dos nossos irmãos espalhados pelas colonias, Brazil e estrangeiro, que nos **Serões** encontrarão a cada passo recordações illustradas da patria, que todos tanto devemos amar.

Em resumo, os **Serões** serão uma publicação indispensavel a todos que queiram saber o que se faz e o que se pensa em todos os ramos do saber humano e terão uma leitura tão variada que todas as classes de leitores encontrarão em cada numero ou um conselho, ou um conhecimento, ou uma hora de leitura amena e honesta.

Condições de publicação

Cada numero dos **Serões** de 100 a 150 paginas, com 2 supplementos e de 100 a 200 illustrações, magnificamente impresso em papel couché

200 réis avulso em todo o paiz

Para se avaliar do quanto é reduzido este preço, basta que se diga que cada numero dos **Serões** tem mais materia que a de um volume vulgar de 200 a 300 paginas formato in-8.º

Cada anno formarão os **Serões** 2 volumes contendo

mais materia que doze volumes vulgares de formato in-8.º

e custando cada um **1\$200 réis** em brochura e **1\$600 réis** encadernado com capa de ferros especiaes.

ASSIGNATURAS : (Pagamento adeantado)

Para Portugal, Ilhas, Colonias e Hespanha

Por anno (12 numeros)..... 2~~7~~200 réis

Os assignantes de um anno recebem assim um numero de graça

Por semestre (6 numeros)..... 1~~7~~200 réis

Por trimestre (3 numeros)..... 600 »

Para o Brazil

Por anno (12 numeros) moeda fraca.. 12~~7~~000 réis

Para o estrangeiro

Por anno (12 numeros) 15,00 frs.

O preço de numero avulso no Brazil e estrangeiro será marcado pelos nossos correspondentes.

Assigna-se em todas as livrarias e nas repartições do Correio

Temos ainda uma pequena quantidade da 1.^a serie dos *SERÕES* completa.

Esta série fórma 4 volumes, cheios de interessantes artigos de diversas indoles, collaborados por varios escriptores e artistas do nosso paiz, sob a direcção intelligente e carinhosa de um homem, cujo nome, tanta é a sua modestia, era desconhecido da maioria dos assignantes. Commetteremos agora a indiscrição de o revelar, como exemplo de quanto pode a perseverança unida a uma vasta erudição e a um requintado gosto. Foi elle o sr. Adrião de Seixas, já sobejamente conhecido no mundo das letras, e cujo nome ficará ligado aos *SERÕES*, como seu primeiro inspirador e fundador.

O preço dos quatro volumes é :

Em brochura..... 4\$800

Encadernado..... 6\$400

Para os assignantes da nova série dos *SERÕES* vendemos a antiga série a *pagamentos mensaes de 800 réis*.

A nova série dos *SERÕES* continuará a publicação d'alguns interessantes trabalhos interrompidos, entre os quaes avulta a obra do dr. Haupt sobre Architectura Portugueza.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Ferreira & Oliveira L.^{da}, Editores

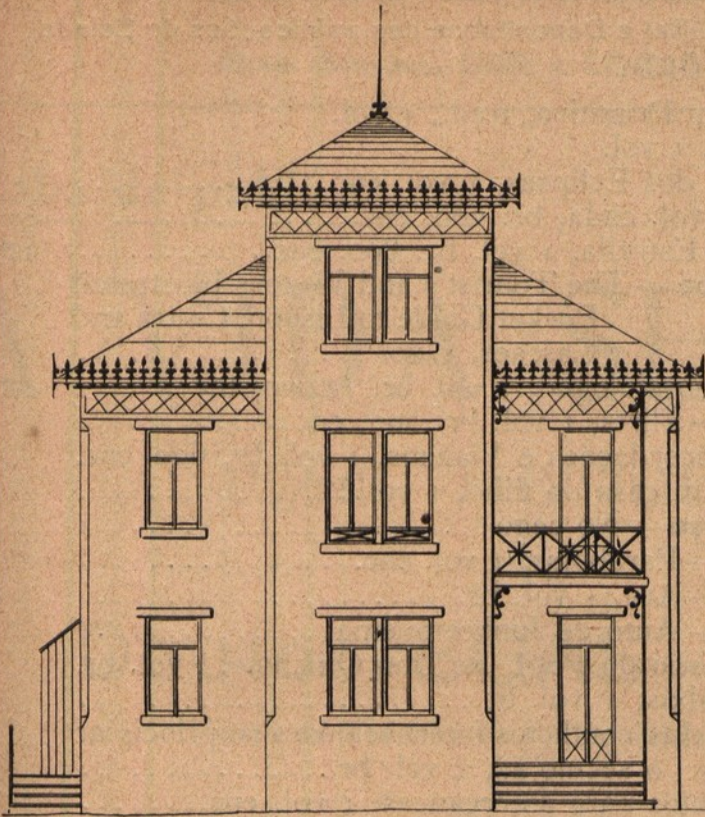
LIVREIROS DE S. M. EL-REI

DEPOSITARIOS DAS PUBLICAÇÕES DO ESTADO

Rua Aurea, 132 a 138—Lisboa

UM BRINDE PRINCIPESCO

Um appello coroado
do melhor exito!!...



Todas as Fabricas, aquellas que fornecem exclusivamente OS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO, acabam de quotisar-se entre si para offerecerem aos freguezes d'estes importantissimos armazens um **BRINDE** que ficará memoravel nos annaes commerciaes de Portugal, ou seja

O CHALET IDEAL

Este **BRINDE** representa um bilhete de agradecimento ao Publico que tão hem soube comprehender os seus interesses, correndo em massa a este importantissimo estabelecimento; é uma demonstra-

ção de gratidão para com os proprietarios d'estes armazens, que conseguiram triplicar-lhe a venda dos seus productos. Muito reconhecidos, offerecem pois,

O CHALET IDEAL

Para a construcção d'este chalet foi escolhido o melhor sitio dos arredores de Lisboa, isto é, a linha de Cascaes.

O CHALET IDEAL será construido no sitio de Cae-Agua, entre as estações de S. João do Estoril e Parede e ficará situado em frente da nova estação de Cae-Agua já approvada pela Companhia e pelo governo, e que se espera que fique concluida até ao fim do corrente anno; tem praia e todas as condições para que possa dar-se-lhe o nome de **Chalet Ideal**.

O CHALET IDEAL será de magnifica construcção e possuirá todos os confortos d'uma casa moderna, terá o divisões e será cercado por um lindo jardim de 300 metros quadrados.

O CHALET IDEAL representa uma pequena fortuna e pobres e ricos podem aspirar a conseguil-o sem dispendio d'um unico real

O CHALET IDEAL será entregue ao portador do bilhete com equal numero ao da sorte grande da Grande Loteria Portugueza do mez de dezembro. Os bilhetes para conseguir **O Chalet Ideal** não custam nada, são **GRATIS**. Ba-ta effectuar compras na importancia de cincoenta mil réis para obter um bilhete.

Todas as compras não inferiores a 2\$500 réis terão direito a uma senha e cada 20 senhas a um bilhete para **O Chalet Ideal**.

Alem d'este brinde, todos os portadores de bilhetes ficam habilitados aos **600** brindes que por seu turno os proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado distribuirão ao mesmo tempo e pela mesma loteria, pois serão tantos os brindes quantos os premios sorteados na mesma. Todos os brindes representam uma verdadeira chuva de ouro e uma somma fabulosa. Eis a lista d'elles:

1.º BRINDE, **O CHALET IDEAL**. — 2.º Brinde, **Um magnifico piano vertical, marca Frantz**. — 3.º Brinde, **Uma rica mobilia para quarto**. — 4.º Brinde, **Uma esplendida mobilia de casa de jantar**. — 5.º Brinde, **Uma linda mobilia da sala**. — 6.º, 7.º e 8.º Brindes, **3 bicyclettes americanas, marca Reading Standard**. 9.º a 30.º Brindes, **21 phonographos «Pathé»**. Os restantes numeros premiados terão direito cada um a **Meia duzia de lindas chavenas de phantasia para café**.

O Plano detalhado será publicado opportunamente. A planta e alçado d'**O CHALET IDEAL**, serão expostas desde o dia 6 nas vitrines d'estes GRANDES ARMAZENS.

A distribuição das senhas principiou no dia 6

Pede-se para citar os **Serões** ao responder aos annunciantes

Ferreira & Oliveira, Lim.^{da} — Livreiros-Editores

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Fornecedores de S. M. El-Rei e Depositarios das publicações do Estado

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

Justino Botelho — O Homem Primitivo, trad., 1 vol.	
João Chagas — Bom Humor, 1 vol.	
Lopes d'Azevedo — Historia dos Eclipses, 1 vol. enc.....	300
Cervantes — D. Quichote, 3 vol. cada, br. 200, enc.....	300
Adelino d'Abreu — Serra da Estrella, 1 vol. br. 800, enc.....	17000
Francis Chassereau Coombe — The Tourist's and Visitors Illustrated Pocket Guide to Lisbon, Cintra and Cascaes, 1 vol.....	300
Egas Moniz — Vida Sexual (physiologia), 1 vol. br. 17000, enc.....	17250
Henrique de Vasconcellos — Flirts, 1 vol. br. 500, enc.....	700
Anthero de Figueiredo — Recordações e Viagens, 1 vol. br. 600, enc.	800
Maximiliano d'Azevedo — Em casa do filho, 1 vol.....	200
Henrique Lopes de Mendonça — Nó cego ... *.....	300
Antonio Correia d'Oliveira — Parábolas, 1 vol. enc.....	700
» » » — Ara, 1 vol. br.....	600
» » » — Auto de Junho, poema.....	100
Theophilo Braga — Tricentenario da Publ. do Don Quichote, 1 vol. br.	200
Antonio de Soveral — Libambos, 1 vol. br.....	500
A. Cruz de Rocha Peixoto — Os conflictos Internacionaes ao principiar o seculo xx, 1 vol. br.....	800
Maria P. Figueirinhas — Contos para as creanças, 1 vol. enc.....	800
Raul Brandão — A Farça, 1 vol. br.....	600
Arnaldo da Fonseca — Mulher amada, 1 vol. br.....	500
Candido Figueiredo — Lições praticas da lingua port. 3 vol. br. 27100, enc.	27700
Conde de Sabugosa — O Paço de Cintra, edição de luxo, 1 vol.....	17500
José Syder — O Jogo das Damas, 1 vol. br. 500, enc.....	650
Marcellino Mesquita — Almas Doentes, 1 vol br.....	400
Alfredo Keil — Collecção e Museus de Arte em Lisboa, 1 vol. br.....	200
Luiz Guimarães — Pedras Preciosas, edição de luxo, 1 vol.....	17000
Queiroz Ribeiro — Caminho do Céu, 1 vol. enc.....	800
Conego Anaquim — O Genio Portuguez aos pés de Maria, 1 vol. br..	600
Gonçalves de Sousa — A secçagem da fructa, 1 vol. br.....	300
Alexandre Malheiro — Chronicas do Bihé, edição de luxo, 1 vol.....	17200
Augusto Louza — Na Suissa, 1 vol. br.	500
Freire de Campos — Guia Pratico do creador e amator de cavallos, 1 vol. br.	600
Visconde de Villarinho de S. Romão — O Minho e as suas culturas, 1 vol. br.....	27000
José Joaquim d'Almeida — Coisas d'Africa, 1 vol. br.....	400
J. Mattos Braameamp — O Tiro de Caça, 1 vol. br.....	400
Augusto Fuschini — A architectura religiosa na edade media, 1 vol. br.	17000
Joaquim Madureira — Impressões de theatro, 1 vol. br. 17000, enc..	17200
Anselmo Vieira — A Questão fiscal e as finanças portuguezas, 1 vol. br.	27000

NO PRÉLO

- Emilio Garcia — Os que furam, 1 vol. (comedia)
 Figueiredo — Manual de Arboricultura, 1 vol.
 Pedro Dória Nazareth — Primeiros soccorros a doentes.
 Swift — Viagens de Gulliver, 1 vol.
 E. de Pina Machado — Alma Errante (versos)

A SAHIR DO PRÉLO — 2.^a edição dos «Serões» n.º 1.

Ferreira & Oliveira, Lim.^{da} Livreiros Editores

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Acaba de publicar-se:

A VIDA SEXUAL

1.^a Parte — PHYSIOLOGIA

PELO

Doutor EGAS MONIZ

Lente de Medicina da Universidade de Coimbra

2.^a EDIÇÃO

Um volume in-8.^o de 350 paginas com gravuras, brochado 1\$000 réis

Encadernado 1\$250 réis

Pelo correio, franco de porte

A primeira edição d'este livro esgotou-se em mezes. O assumpto é tratado d'uma fôrma accentuadamente scientifica e ao mesmo tempo de facil comprehensão para todos os leitores.

DO MESMO AUTOR:

A VIDA SEXUAL

Pathologia

1 vol. in-8.^o-br. 1\$000 rs. com encad. especial 1\$250

=== A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS ===

Pelo correio, franco de porte

LIVRARIA FERREIRA

FUNDADA EM 1846

FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA

Livreiros Editores

LIVREIROS DE S. M. EL-REI

DEPOSITARIOS DAS PUBLICAÇÕES DO ESTADO

RUA DO OURO, 132 A 138 — LISBOA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES MILITARES

- Black and White** War Album. The Fight in the Far East. An Illustrated History of the Russo-Japanese War of 1904. Fol. *Office* net, 7/6
- Dunslow** (S. E.) and **Jones** (R. J.) The Commission of H.M.S. *Eclipse*. (Log Series.) Cr. 8vo, pp. 140. *Westminster Press* bds., net. 4/
- Fremantle** (Hon. Sir E. R.) The Navy as I have Known It. 1849-1890. With Portrait. Roy. 8vo, pp. 488. *Cassell* net, 16/
- Harbottle** (Thomas Benfield) Dictionary of Battles. From the Earliest Date to the Present Time. 8vo, pp. 288. *Sonnenschein* 7/6
- Legge** (R. F.) The Auxiliary Officer's Handbook of General Information and Company Officer's Lecture Book With an Intro by Field-Marshal Viscount Wolseley. 12mo, pp. 246. *Gale & Polden* net, 3/6
- Macquoid** (C. E. K.) Strategy. Illust. by British Campaigns, With Introduction by Field-Marshal Earl Roberts. V.C. Including 12 Maps and 7 Plats. Roy. 8vo, pp. 272. *Cassell* net, 10/6
- Markham** (Admiral John) Selections from the Correspondence of During the Years 1801-4 and 1806-7. Edit. by Sir Clements Markham. (Navy Records Soc. Publications. Vol. 28.) 8vo, pp. xx-451. *Society* 12/6
- Miremont** (Comte de) Practical Methods in Modern Navigation. For the Ready Solution of Daily Problems at Sea. 8vo, pp. 116. *G. Philips* net, 4/
- Nobbs** (F. E.) and **Berger** (W. T.) The Commission of H.M.S. *Fox*, East Indies Station. 1901-1904. (Log Series.) Cr. 8vo, pp. 312. *Westminster Press* net. 4/
- O'Connor** (W. D.) Heroes of the Storm. Cr. 8vo, pp. 281. *Houghton Minfli* (Boston) 7/6
- Reynard** (F. H.) The Ninth (Queen's Royal) Lancers, 1715-1903, 8vo, pp. 258. *W. Blackwood* net, 42/
- Stirlingshire** Dumbarton, Clackmannan, and Kinross Militia, Highland Borderers Light Infantry, now 3rd Battalion Argyll and Sutherland Highlanders (Princess Louise's), Records of the Compiled by A. H. Middleton. Imp. 8vo, pp. 255. *E. Mackay* (Stirling)
- Thomson** (Lt. Col. S. J.) The Transvaal Burgher Camps, South Africa. Cr. 8vo, limp. pp. 74. *Hugh Rees* .. net, 2/6
- Wattst** (W. H.) The Commission of H.M.S. *Retribution*, North American and West Indies Station. 1902-1904. (Log Series. No 17.) Cr. 8vo, pp. 193. *Westminster Press* net. 4/
- Hamon** (A.) Psicología del militar profesional, edición corregida y aumentada con una defensa y un prefacio, traducción de José Prat; un vol. en 8.º, peseta 1

A SAHIR BREVEMENTE

O HOMEM PRIMITIVO

VIAGENS DE GULLIVER

2.º volume da Bibliotheca

Segunda publicação da Bibliotheca

de Conhecimentos Uteis

OBRAS PRIMAS

Livraria Ferreira & Oliveira

R. do Ouro, 132 a 138—LISBOA

Esta livraria, fundada em 1846, não só tem editado grande numero de obras que teem causado certa sensação no mundo litterario, como é hoje uma das mais bem sortidas do paiz.

Livros

Temos um grande sortimento de livros de todas as especialidades em todas as linguas. Fornecemos com solicitude todos os livros que nos sejam encommendados, e com muito prazer damos gratuitamente todos os esclarecimentos bibliographicos que nos sejam pedidos.

Assignaturas de jornaes

Tomamos assignaturas para todos os jornaes portuguezes e estrangeiros, aos melhores preços.

Material escolar

Encarregamo-nos de fornecer toda a qualidade de material escolar, mobiliario, mappas, espheras, aparelhos de physica, chimica, etc., e damos gratuitamente todos os esclarecimentos sobre preços e qualidades que nos sejam pedidos.

Artigos de desenho e pinturas

Estamos montando uma secção especial d'estes artigos, de que distribuiremos em breve catalogos pela nossa clientela.

Encadernações

Nas nossas officinas de encadernações encarregamo-nos de todos os trabalhos simples e de luxo.

Trabalhos typographicos

Encarregamo-nos de todos os trabalhos typographicos, taes como livros, jornaes, theses, etc.

Livros oficialmente approvados para o ensino primario

Estamos habilitados a satisfazer todas as requisições que se nos façam n'este genero. Possuimos os livros de leitura, pautas e exemplares calligraphicos, livros de desenho, agricultura, chorographia e historia, moral e doutrina christã, educação civica, e arithmetica, além de todos os livros auxiliares do ensino.

A nova edição do nosso catalogo dos livros de ensino, e que é muito desenvolvida, deverá sahir por estes dias, encarregando-nos de a remettermos a quem a requisitar.

Livro indispensavel a todos os professores

O AUXILIAR DO PROFESSOR PRIMARIO

POR

M. MIRANDA — Professor official

I volume brochado, 150 réis

Livraria Ferreira & Oliveira Lim.^{da}—Editores

RUA DO OURO, 132 A 138—LISBOA

OBRAS PRIMAS

Bibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas
antigas e modernas

O Engenhoso Fidalgo D. Quichote de la Mancha

POR

Miguel de Cervantes Saavedra

Inaugurando esta Bibliotheca, nenhuma publicação achámos mais adequada do que o **D. Quichote de la Mancha**. Obra d'uma reputação universal, e cujas edições successivamente se esgotam em toda a parte do mundo, ella deve figurar na estante de todos os que procuram desenvolver a sua mentalidade, e dos que se deleitam na leitura d'um bom livro de critica.

E não nos enganámos na escolha que fizemos. Esta nova edição do **D. Quichote**, feita em condições muito economicas, e ao alcance de todos, ricos e pobres, sem que por isso deixassemos de lhe conservar a belleza artistica da execução, constituiu um verdadeiro successo. Formam a obra tres bons volumes, acompanhados d'um esplendido retrato de Cervantes.

A seguir publicaremos as

Viagens de Gulliver

trabalho devido á penna do distincto escriptor humorista **Jonathan Swift**, e que tem merecido, em diversos paizes, os justos e merecidos louvores da critica.

Seguir-se-hão obras de Shakespear, Moliere, Goethe, Miller, Dickens, La Fontaine, Gorki, Wells, Rod, Prévost, Ibsen, Maupassant, Pereda, Galdós, Ibáñez, D'Annunzio, etc., etc.

As *Obras Primas* serão publicadas aos volumes mensaes, impressos em bom papel, com impressão cuidada, e na sua maioria artisticamente illustradas.

PREÇOS AVULSO

Cada volume de 200 a 400 paginas, em brochura, 200 réis; encadernado a percalina com forros especiaes, 300 réis.

Por assignatura

Serie de 5 volumes, em		Serie de 10 volumes, em	
Brochura	900	Brochura	1\$800
Cartonados	1\$400	Cartonados	2\$700

Os pedidos deverão ser feitos a

Ferreira & Oliveira, Lm.^{da}

LIVREIROS-EDITORES

132 a 138, Rua do Ouro, 132 a 138

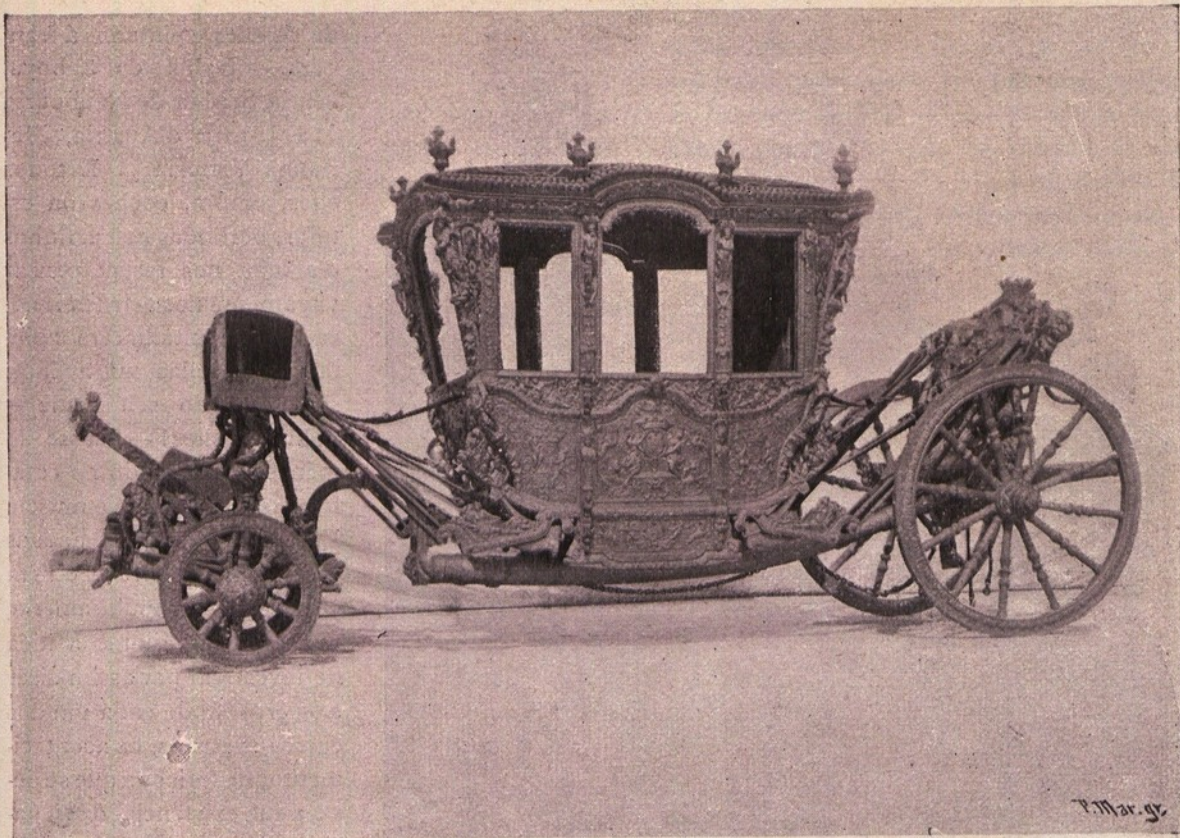
|| LISBOA ||



A VIRGEM DOS LYRIOS

O pintor Bouguereau, ultimamente fallecido e a que os Serões prestam devida homenagem na secção de Actualidades, era notavel pelas suas tendencias docemente idealistas.

Da suavidade encantadora que caracterisava as suas telas, mais impregnadas porventura de sentimento de belleza plastica do que de mysticismo religioso, é prova frizante o bello quadro que reproduzimos, talvez uma das suas obras menos conhecidas em Portugal, onde aliás contava Bouguereau um grande numero de admiradores.



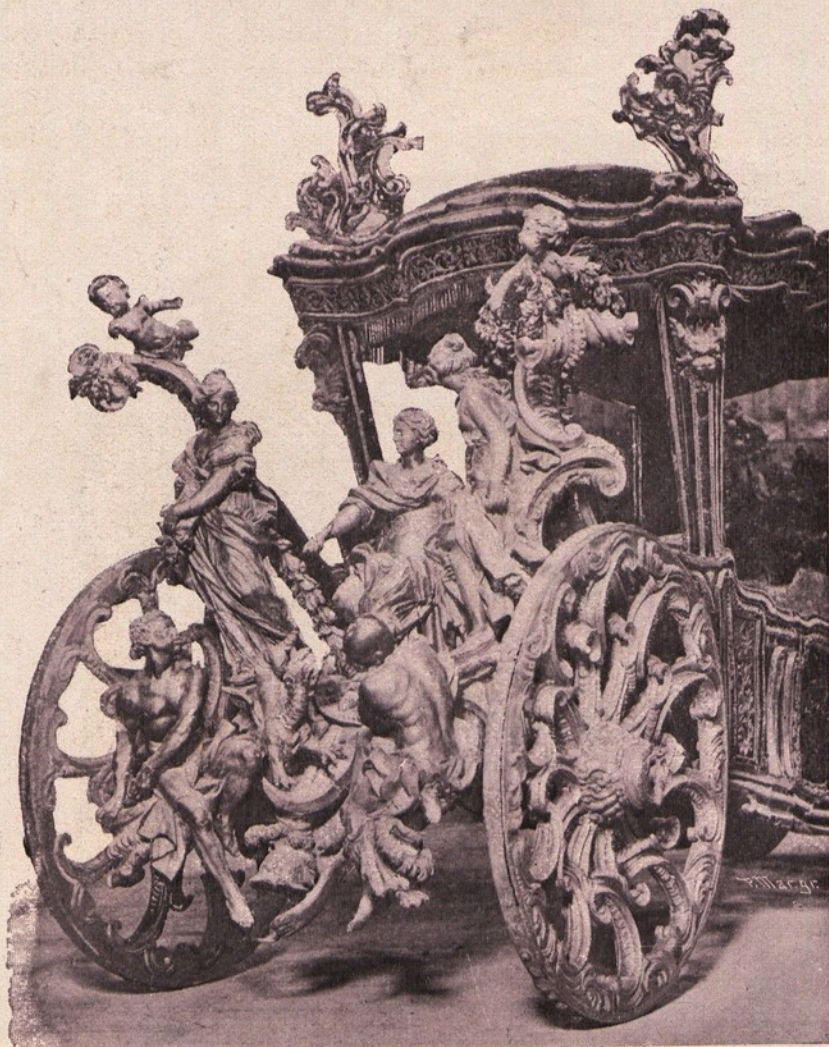
COCHE DOS MM COROADOS (D. MARIANNA VICTORIA)

Os côches da Casa Real

O antigo picadeiro mandado construir por El-rei D. José no Paço de Belém, onde o José Roquete, o Victorino, o *Antonico gordo* e o proprio marquez de Marialva fizeram prodigios de gineta e de estardiôta, acaba de ser transformado, por iniciativa de S. M. a Rainha, em deposito dos carros nobres da Casa Real. Desappareceu d'ali o velho *Estafermo* que em tempo teve a honra de castigar com a ponta do seu chicote alguns infantes portuguezes,— e o mais moderno dos betumes substituiu a terra revolta onde se afundavam heroicamente as patas dos cavallos.

Onde existiu uma escola de picaria, existe hoje um verdadeiro museu. Vinte côches alinhados, solémmes, oscilando nos correões, erguem nobremente, na meia-penumbra, o oiro sumptuoso da sua talha, como vinte pequenas capellas suspensas, bocejando velludos e brocados, espelhando cristaes, animando pinturas. N'uma impressão contradictoria de fragilidade,

succede-se symétrica, regular, a monotonia dos jogos e das rodas, aquellas immensas rodas quasi léves, ricamente entalhadas desde os raios aos tapadouros, que ha um século, século e meio, dois séculos, caminham tropeçadamente na solemnidade dos cortejos, dos casamentos, das embaixadas. Os panéis, as molduras, as cimalthas, aquella estylisação constante d'anjos e de amores, toda aquella profusão de talha doirada ennobrecida pela pátna do tempo, sobre tudo a grandeza calma e hieratica das grandes berlindas joanninas, dão a quem pela primeira vez entra no antigo picadeiro de Belém, a impressão confusa d'um museu d'arte religiosa. Respira-se uma atmosphera de sacristia entre aquelles velhos oiros empallidecidos ha cincoenta annos nas cocheiras do Calvario,—e em frente de cada um d'esses côches, d'essas estufas, d'essas berlindas, a gente sente instinctivamente vontade de tirar o chapéu. O culto supersticioso do passado leva-nos a olhar com um certo respeito



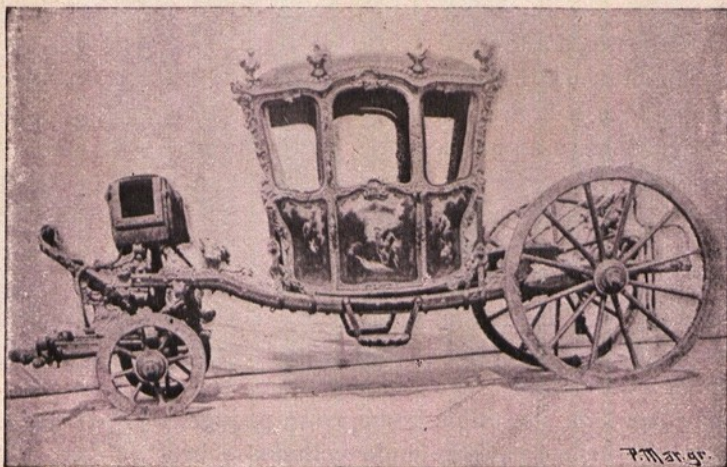
JOGO TRAZEIRO D'UM DOS COCHES DE D. JOÃO V

aquelles coxins altos onde se assentaram reis e príncipes, o persevão onde pozeram os pés, todos aquelles pequenos interiores de camarim, a cada um dos quaes está preso, indissolúvelmente, um farrapo de Historia.

Muitos d'estes côches representaram um largo papel na nossa historia diplomatica: todos, sem excepção, constituem documentos preciosos para a historia da nossa Arte. A alguns d'elles estão ligadas velhas e nobres tradições de grandeza e de sumptuosidade: são verdadeiras syntheses de determinadas épocas. Outros evocam-nos complicados e fugitivos perfis de Princezas e de Rainhas, léves como figuras de Watteau ou de Boucher, polvilhadas e cheias de joias, mosqueadas

de signaes e pintadas á franchezza, — Izabel de Saboya, Maria Sophia de Neubourg, Marianna d'Austria, Marianna Victoria... E todos elles, emfim, coches ou estufas, berlindas ou carrinhos d'arruar, nos fazem pensar vagamente nos artistas ignorados que entalharam e pintaram aquellas maravilhas, sem que do seu nome — pobres d'elles! — ficasse ao menos um vestigio no catalogo official do novo museu. Esse catalogo, que é apenas um inventario brève e nem sempre escrupulosamente exacto, suggeriu-me a idéa de investigar por assim dizer a *biographia* de cada um dos carros expostos, os acontecimentos historicos a que se deve a sua existencia, o seu papel na historia politica e diplomatica do tempo, os nomes dos entalhadores e pintores que os executaram, e finalmente a relação das grandes personagens que através oito ou dez gerações, tiveram a honra de oscillar dentro d'aquellas estufas doiradas e bamboleantes.

As poucas notas — poucas, infelizmente — que consegui obter, constituem o presente artigo.



BERLINDA DE D. PEDRO II

*
* *
Filippe II, quando em 1581 veio legalisar e completar a usurpação, trouxe consigo os primeiros côches que appareceram em Portugal. (1)

Um d'elles, o proprio côche onde vinha o rei com o cardeal Alberto, uma immensa «estufa» quasi barbara, armada em ferro, coberta de couro com pregaria e forrada interiormente d'uma especie de brocado riquissimo, conservou-se entre nós e faz parte actualmente do deposito de Belém. É o n.º 2 do catalogo. Deve-se portanto a esse rei beato e sombrio, sangrento e formalista, de quem o velho Cordoba dizia que «*su risa y cuchillo eran confines*» (2) a introdução do uso dos coches em Lisboa.

Escusado accrescentar que a moda pegou. D'ahi a pouco, os mais ricos fidalgos portuguezes, entre elles os duques de Bragança e de Aveiro, mandavam encommendar em Paris e na Hollanda côches sumptuosos. Cincoenta annos depois, já era vulgar apparecerem pelas ruas da velha cidade, oscillando nos correões, enormes «estufas» tropegas e doiradas, cujo tejadilho attingia as rótulas dos primeiros andares. Em 1640, um dos senhores da casa de Redondo offercia a D. João IV um côche riquissimo, com o persevão marchetado de tartaruga e marfim, e dentro d'elle uma magnifica baixella de prata. (3) D'ahi por diante era sempre n'esse côche que o rei sahia para a solemnidade da procissão do Corpus-Christi. Entretanto, o uso dos carros nobres nas ceremonias e actos officiaes não conseguiu vingar completamente: a não ser na procissão do Corpo de Deus, o rei, nas grandes solemnidades,

sahia sempre a cavallo, á antiga portugueza, embrulhado na sua opa tradicional de brocado d'oiro. Só na cerimonia do casamento por procuração da Infanta D. Catharina, filha de D. João IV, com Carlos II de Inglaterra, é que os côches começaram definitivamente a servir nos préstitos reaes. O ca-



JOGO DIANTEIRO D'OUTRO COCHE DE D. JOÃO V

samento d'esta princeza, que teve a honra de introduzir em Inglaterra o uso do *five-o'clock-tea*, só veio a realisar-se mais tarde, em 1666, no reinado de D. Affonso VI. No mesmo anno, este pobre rei «*en opinion de demi-homme natural*», como dizia um embaixador, casou com Maria Francisca Izabel de Saboya, que trouxe para a côrte um magnifico côche mandado fazer por Luiz XIV: é o n.º 18 do catalogo, a que chamam vulgarmente—côche de D. Affonso VI.

O uso dos carros nobres estava definitivamente radicado. Começou então o abuso. Os fidalgos, os proprios mercadores, arruinavam-

(1) O primeiro côche que appareceu na Europa foi a estufa offercida em 1545 a Maria d'Anjou, mãe de Luiz XI, por Ladisláu IV da Hungria. Mas a moda não pegou, e os côches só voltaram a apparecer em Paris por occasião do casamento de Henrique IV com Maria de Medicis (1600).

(2) *Chronica de Filippe II*, por Cabrera de Cordoba, cap. I, pag. 562.

(3) *Os côches da Casa Real*, pelo Abbade de Castro e Sousa.

se em côches, em liteiras, em cadeirinhas. Uma cadeirinha «de ataúde», forrada de brocado, custava, em 1600, cincoenta mil réis: (4) um côche não custava menos d'uma fortuna. Choveram então as pragmaticas sobre o luxo. De 1668 a 1749, nada menos de cinco leis sumptuarias: abril de 1668, agosto de 1686, novembro de 1698, maio de 1708, junho de 1749. N'esta ultima (5) prohibiam-se «os filetes doirados nas cadeirinhas, liteiras e séges d'arruar» e as pinturas de «figuras e mascaras», permitindo apenas que os coches «tivessem braços ou cifras com moderada tarja». Além d'isso, a pragmatica de 1749 mandava reservar a côr encarnada para os «redingotes, casacas e capotes da casa Real», não se esquecendo de determinar que «as pessoas que vão em côches e liteiras se façam acompanhar apenas dois lacaios, além dos cocheiros e sotta-cocheiros ou liteireiros».

Mas D. João V era o primeiro a dar o exemplo da dissipação.

Quando o conde de Villar Maior, Fernando Telles da Silva, partiu como embaixador extraordinario a buscar-lhe a noiva á côrte de Vienna d'Austria (1706), levava ordem de passar pela Hollanda e de encommendar na Haya os côches em que havia de fazer a sua entrada solémne. Eram sete riquissimas berlindas, «as mais ricas carroças que jámais se viram n'esta côrte Imperial», diz o padre Francisco da Fonseca, traduzindo na sua «Relação da Embaixada» (6) as palavras da *Gazeta* de Vienna d'Austria. «A primeira, em que ia S. Ex.^a —acrescenta o douto capellão do conde—era toda doirada com engenhosa e soberba talha, e por dentro forrada de um tissu d'ouro com flôres de sêda, o mais rico que se podia vêr: as cortinas eram do mesmo tissu com riquissimas bordaduras e rendas de finissimo ouro; o tecto, ilhargas e espaldar estava coberto de velludo carmezim, mas com tão altos bordados d'ouro que apenas se distinguia o fundo: coroavam-n'a dez pomos dourados, e de todas as faces tinha as armas de Sua Excellencia, que são dois leões em campo vermelho e os outros dois quarteis em branco». A segunda

berlinda, em que ia o Thesoureiro Real, o secretario da Embaixada e o mestre de camara, era outra maravilha. As restantes faziam igualmente honra aos artistas hollandezes que as executaram: a Hollanda tornara-se uma segunda patria dos côches. (7)

Mas D. João V não ficou por aqui. Poucos annos depois, André de Mello e Castro, futuro conde das Galvêas, enviado extraordinario do monarca ao santo padre Clemente XI, fazia a sua entrada solémne em Roma, nos tres mais sumptuosos côches que a cidade dos Papas tinha visto em embaixadas estrangeiras. (8) D'uma alta importancia sob o ponto de vista politico e diplomatico, a viagem de André de Mello foi tambem interessantissima para historia da nossa arte. Os tres côches, ou melhor, as tres «estufas», voltaram para Portugal e ainda serviram, em novembro de 1795, nas cavalladas de fidalgos que se fizeram no Terreiro do Paço. Depois, não sei que destino levaram. Fariam parte dos quarenta e tantos côches que foram para o Brazil com D. João VI? Para se formar idéa da sua sumptuosidade, basta ver as magnificas gravuras em cobre que acompanham a «*Relation du voyage de monseigneur André de Mello e Castro a la cour de Romme*, etc.», publicada em Paris no anno de 1709, e lêr a descripção que De Bellebat, estribeiro de André de Mello e autor do livro, faz das trez célebres «carroses». As duas primeiras foram executadas em Roma, sob a direcção de Manoel Gonçalves Ribeiro, gentilhomen da embaixada, e com a collaboração de dois artistas portuguezes, ambos entalhadores: Antonio Salci Selleiro e José Machado, de que não encontro noticia em Raczyński. Estas duas estufas, diz De Bellebat, eram dois verdadeiros «montes d'ouro». A primeira especialmente, cheia de figuras em vulto por todos os lados, podia considerar-se uma obra prima de talha e de pintura. Dos quatro cantos da caixa nasciam quatro figuras em mezo-corpo,—a Justiça, a Moderação, a Liberdade e a Prudencia; nos braços do côche, dominando os jogos dianteiro e trazeiro, outras quatro figuras que symbolisavam as

(4) *Tempos d'Agora*, por Martim Affonso de Miranda, vol. I, pag. 166.

(5) *Collecção de Leis*, (1643).

(6) *Embaxada do Conde de Villar Mayor Fernando Telles da Silva, de Lisboa á côrte de Vienna d'Austria*, etc., pelo padre Francisco da Fonseca. — Vienna, officina de João Diogo Krüner, pag. 330.

(7) O uso dos côches, relativamente moderno, teve a sua origem na Hungria. As liteiras eram muito mais antigas e remontam aos reis da Bithynia.

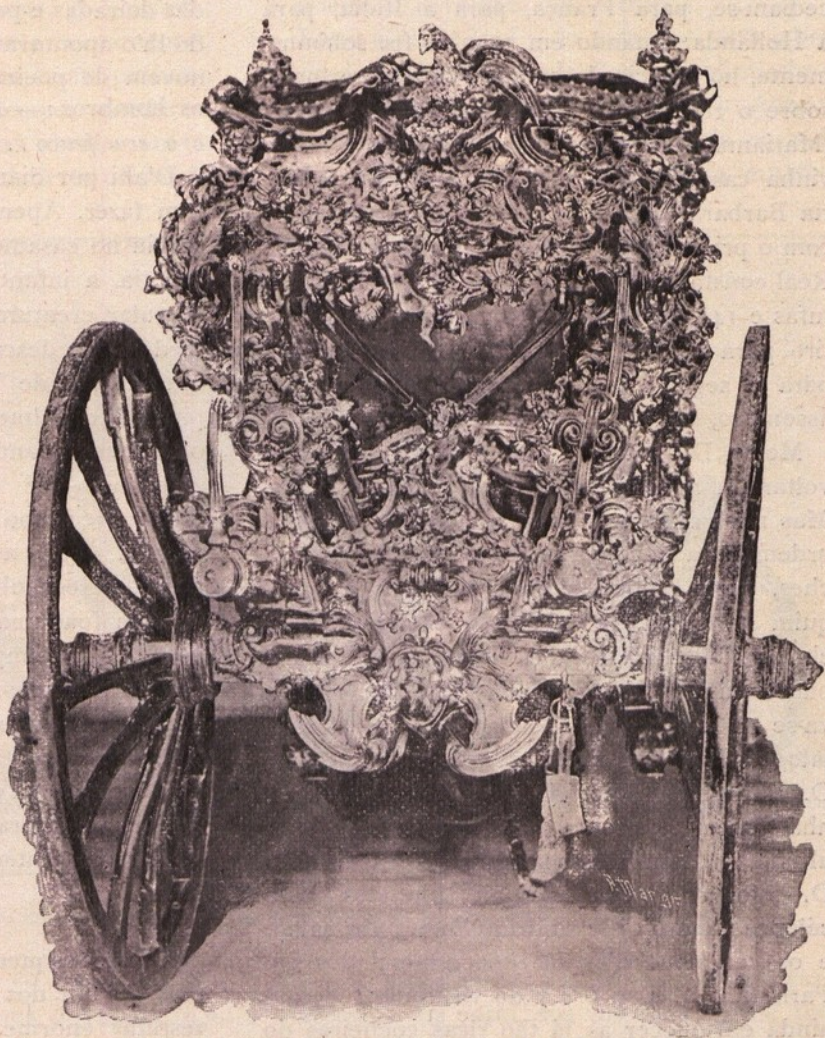
(8) *Relation du voyage de Monseigneur André de Mello e Castro à la cour de Rome en qualité de Envoyé extraordinaire du Roi de Portugal D. Joan V auprès de la Magesté Clement XI*,—chez Avisson, Paris, 1709.

quatro partes do mundo, e no couce, a Religião sob a fôrma d'uma mulher sombria e velada, erguendo piedosamente um mouro cahido por terra. Todas as figuras, entalhadas a primor e laminadas d'um esplendido ouro, enriqueciam o jogo trazeiro, animavam-n'o com a maior originalidade, ao passo que entre os braços da frente as figuras intonsas do Tejo e do Tibre sustinham a concha doirada onde o cocheiro punha os pés. Todo o côche era forrado interiormente de velludo carmezin bordado a fio d'ouro, cortinas de brocado riquissimo velavam as portinholas, e sobre o tejadilho vermelho, quasi em dômo, tres Amores doirados erguiam graciosamente a corôa real. Dir-se-hia que para arrastar essa molla immensa seriam necessarias muitas parrelhas de cavallos; mas não, — dois simples urcos hollandezes tiravam-n'o facilmente. Era este o côche em que ia André de Mello e Castro. Os outros, onde iam os gentishomens da embaixada, o mestre de camara José Bartole, o mordomo Pedro Vaz Tarouco, e dois abbades, não ficavam muito áquem da soberba «estufa» do embaixador: eram d'uma riqueza esmagadora e d'uma solemnidade triumphal. Comprehende-se facilmente a impressão profunda de estranheza e de espanto que semelhante exhibição produziu em Roma e especialmente entre o sacro-

collegio. Foi um successo. Aquella enfiada de côches doirados e bamboleantes era bem o delirio de grandezas d'um monarca freiratico e perdulario. O peor é que por detraz do esplendido rei, apparecia sempre o brasileiro rico: o presente que André de Mello levava ao Papa Clemente XI era... uma soberba collecção de araras e de papagaios. (9)

Por este tempo já D. João V tinha um grande numero de côches no seu serviço.

Além das tres estufas que o futuro conde das Galvêas trouxe no seu regresso de Roma, contavam-se entre os melhores o côche de Filipe II, o côche de D. João IV, offerecido pela casa de Redondo, a que já me referi, os côches trazidos pelas rainhas Izabel de Saboya (1666), Maria Sophia de Neubourg (1687) e Marianna d'Austria (1708), as duas berlindas de D. Pe-



JOGO TRAZEIRO DA BERLINDA DE D. JOSÉ — PINTURAS DE CYRILLO WOLCKMAR MACHADO

dro II (n.ºs 4 e 19 do catalogo), e os bellos côches inglezes que vieram para a côrte com a rainha viuva d'Inglaterra, D. Catharina, filha de D. João IV. Além d'estes devia haver muitos outros. Mas ainda não eram bastantes. D. João V dizia como Luiz XIV no seu manual para uso do Delphim: «*J'enrichis mon Royaume en dépensant beaucoup*». D'ahi a pouco, mandava construir novos côches, entre os quaes o da corôa (n.º 14 do catalogo), o côche para seu proprio uso (n.º 15), o côche para o faccinora do irmão (côche de D. Fran-

(9) *Ut supra*.

cisco, n.º 16), e duas berlindas para os meninos de Palhavã,—chamando para dirigir os trabalhos um pintor francez de nome Pedro Antonio Quillard, que pintava á maneira de Watteau (10). Depois, como não tinha onde metter tanto carro nobre, mandou construir, com a sua habitual fanfarronada de grandezas, as cocheiras reaes do Calvario. Entretanto, as encommendas de novos côches succediam-se, para França, para a Italia, para a Hollanda. Quando em 1729 se fez solémnemente, no palacio de madeira doirada armado sobre o rio Caia, a troca das duas princezas (Marianna Victoria, filha de Filippe V, que vinha casar com o principe D. José, e Maria Barbara, filha de D. João V, que ia casar com o principe das Asturias) o estado da Casa Real constava de 10 côches, 8 berlindas, 29 estufas e 141 séges, com 353 urcos ou frisões de tiro para os côches, e 468 cavallos e mulas para as seges e para os creados. (11) Era um assombro, era uma verdadeira mania.

Morto D. João V, tudo indicava que não voltariam a construir-se mais carros nobres. Mas não: d'ahi a alguns annos D. José dava ordem para a construção de tres novos côches, cujos paineis seriam pintados por Joaquim da Costa, José Raposo e Cyrillo Wolckmar Machado. Um d'esses côches, um exemplar riquissimo de que fallarei adiante, conserva-se no deposito de Belem: é o n.º 7 do catalogo. Este, o côche dos MM coroados que D. Marianna Victoria trouxe de Hespanha como pertença matrimonial, e, por ultimo, a berlinda mandada construir por D. Maria I com paineis pintados pelo célebre Pedro Alexandrino (n.º 3 do salão) e os carrinhos d'arruar encommendados em Paris (n.ºs 3, 4, 5, 6 e 7 do vestibulo), vieram ainda enriquecer as já tão ricas cocheiras do Calvario. Estes carrinhos d'arruar, muito leves e muito elegantes, marcavam então em Lisboa a ultima moda. As infantas D. Maria Benedicta, D. Marianna Josépha e D. Maria Dorothéa andavam n'elles constantemente, em correrias pelas quintas. Eram o terror do velho musico da côrte David Péres, o mesmo que está pintado em Quéluz, no tecto da sala das Talhas, de batuta em punho, homem tão timorato, que

um dia, vendo uma nodoa de zarcão n'uma das meias e julgando que era sangue, desmaiou. Quem então primava no governo d'esses carrinhos era o conde d'Aveiras, neto d'aquelle outro conde do mesmo titulo, João da Silveira Tello de Menezes, a quem D. João V comprou por duzentos mil cruzados o palacio de Belém. Não fazia outra coisa: passava os dias á desfilada n'aquellas pequeninas rhédas doiradas e perigosissimas. A Rainha, quando lh'o apontavam ao longe, a perder-se n'uma nuvem de poeira, era certo dizer, encolhendo os hombros: — *Deixal-o, coitado, é o seu forte e o seu fraco...*» (12).

D'ahi por diante, poucos côches se mandaram fazer. Apenas a riquissima berlinda que serviu no casamento do principe D. José com sua tia, a infanta D. Maria Benedicta,—essa singular creatura de quem mais tarde Belckford dizia, descrevendo-lhe o luto:—«Parece uma figura de Velasquez...» Esta berlinda, pintada igualmente por Pedro Alexandrino; o côche mandado fazer em Paris por Anselmo José da Cruz Sobral e offerecido ao Arcebispo de Thessalonica, confessor da Rainha, (13) e as duas magnificas estufas vindas de Hespanha como pertença nupcial de Carlota Joaquina (n.ºs 1 e 21 do catalogo), são os ultimos exemplares notaveis. A historia dos côches terminava. O ultimo que D. João VI encommendou em Inglaterra, em 1825, por intermedio do então ministro da fazenda conde da Povoa, era já uma vulgar carruagem de gala.

Vejamos agora detidamente, um a um, alguns côches mais interessantes do museu de Belém.

* * *

À mão esquerda de quem entra, logo depois de um dos côches de Carlota Joaquina, «estufa» enorme com espaldar de couro negro pregado em volta e molduras sóbriamente abertas em talha doirada, está o velho côche de Filippe II. É tambem uma estufa,—e, como vimos, a primeira que entrou em Portugal.

Acérca d'esta riquissima peça de museu, vêm a proposito entendermo-nos sobre as designações tantas vezes repetidas de «estufa», «côche» e «berlinda»,—designações que não são arbitrarías. Côche é propriamente o carro de apparato, muito trabalhado de talha e

(10) *Os côches da Casa Real*, pelo Abbade de Castro e Sousa.—Raczynski, *Dicc. des Arts*.

(11) Artigo de Vilhena Barbosa sobre os côches da Casa Real—*Archivo Pittoresco*, vol. 10, pag. 241.

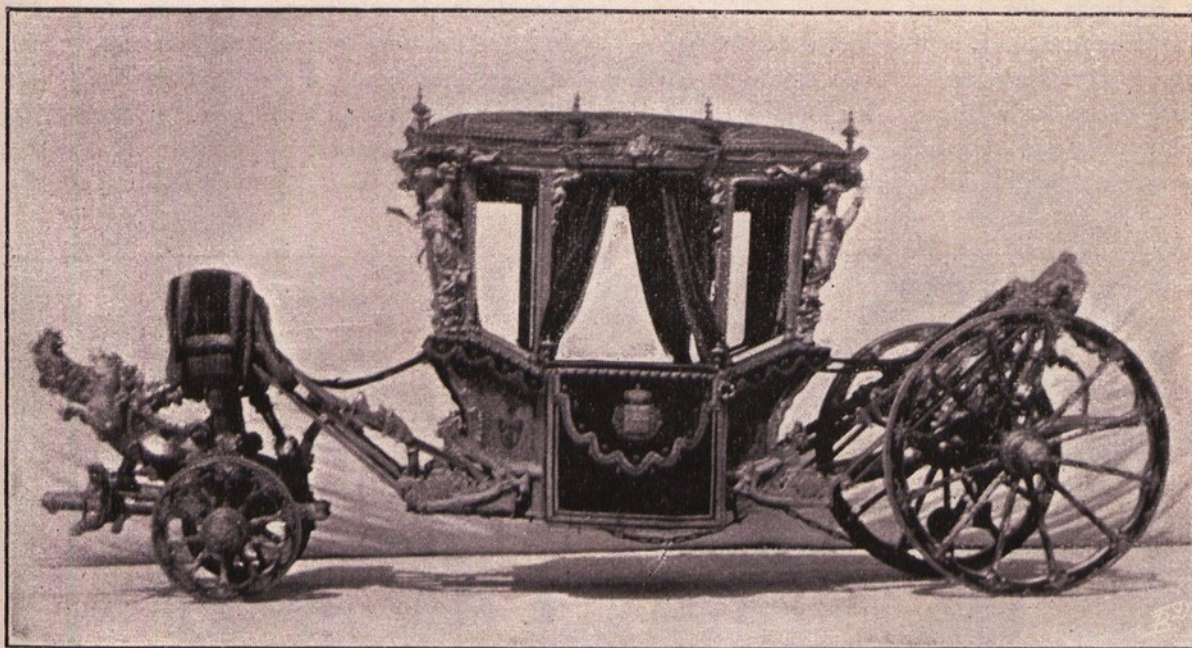
(12) Marquez de Rezende, *Descrição do Palacio e Quinta de Queluz*,—*Panorama*, vol. XII.

(13) Abbade de Castro e Sousa, *loc. cit.*

de pintura, mas pesado e sumptuoso; entretanto, a palavra emprega-se hoje para designar indifferentemente qualquer carro nobre. Entre «estufa» e «berlinda» é que ha sensiveis differenças. A estufa é o côche de grandes dimensões, coberto em parte ou na totalidade de couro negro, com grossa pregaria doirada e pouca obra de talha, ás vezes com banco ao meio ou escabéllos lateraes: é o côche das viagens, o côche das estradas. A berlinda, pelo contrario, é leve, esbelta, ornamental, muito estylisada e muito rica, com pinturas dos melhores artistas do tempo, molduras, cornijas, braços, jogos e rodas abertas em talha doirada: é o côche da cidade, o côche de

caixilhados em chumbo, tal qual como os do primeiro côche que appareceu em Paris,—o do celebre marechal de França, Francisco de Boissompierre. Por fóra, nada mais tosco; interiormente, tudo comodidade e riqueza, desde o estofa que forra os coxins até ao tecto, um riquissimo tecto de talha doirada aberta sobre velludo vermelho. É bem o typo da estufa de viagem, construida de forma a supportar a poeira e a rudeza das estradas.

Logo adiante (n.º 3 do catalogo) está a berlinda de D. Maria I, toda d'oiro, elegantissima, valorisada pelas pinturas de Pedro Alexandrino de Carvalho (1730-1810) e pela obra de talha de Silvestre de Faria, artista entalha-



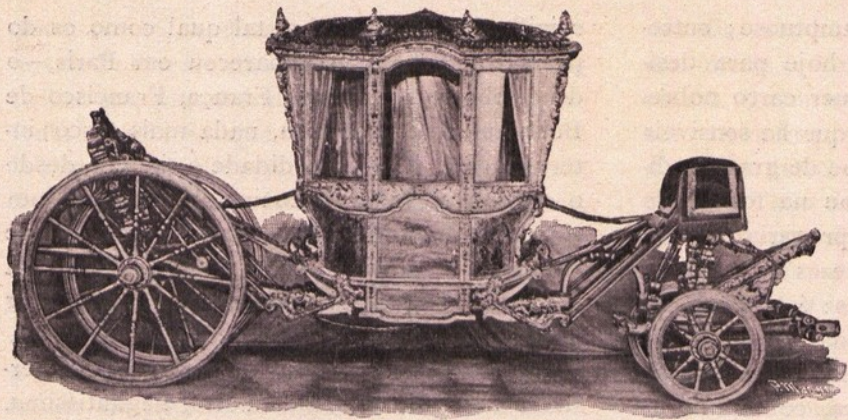
COCHE OFFERECIDO PELO PAPA CLEMENTE XI À D. JOÃO V, QUANDO ENVIOU A FAIXA-BENTA AO PRINCIPE D. JOSÉ

luxo, o côche de arruar. O côche de Filipe II (n.º 3), o de Marianna d'Austria (n.º 17), e os de Carlota Joaquina (1 e 21) são exemplos de estufas; os côches de D. João V (14, 15 e 16), o de D. Maria I (3) e o da princeza Maria Benedicta (20), representam o typo puro da «berlinda».

Como exemplo de estufa, o côche de Filipe II é completo. Todo armado em ferro e coberto de couro pregado, tem lateralmente, sobre os estribos, os escabéllos característicos onde se sentavam as pessoas de menos cathgoria; sustentando os guarda-lamas, uns cachos de flôres de ferro, primitivas e brutaeas, onde ainda se percebe o doirado antigo, e dos lados umas vidraças de vidros pequenos, en-

dor que trabalhou nas salas de Queluz e especialmente na sala dos *Serenins*, quasi toda obra sua (14). Esta berlinda serviu pela primeira vez quando D. Maria I conduziu ao mosteiro da invocação de Jesus as cinco religiosas que mandara vir de Carnide. Toda a pintura é feita sobre motivos mythologicos: nos paineis lateraes ha umas figuras de faunos lindamente tocadas, e nas portinholas, sob baldaquinos verdes, as armas de Portugal. É curiosa a disposição dos correões, que se prendem á caixa junto dos mascarões dos cantos, e séguem rasteiros passando por uma

(14) Marquez de Rezende, *ut supra*.



COCHE DO INFANTE D. FRANCISCO

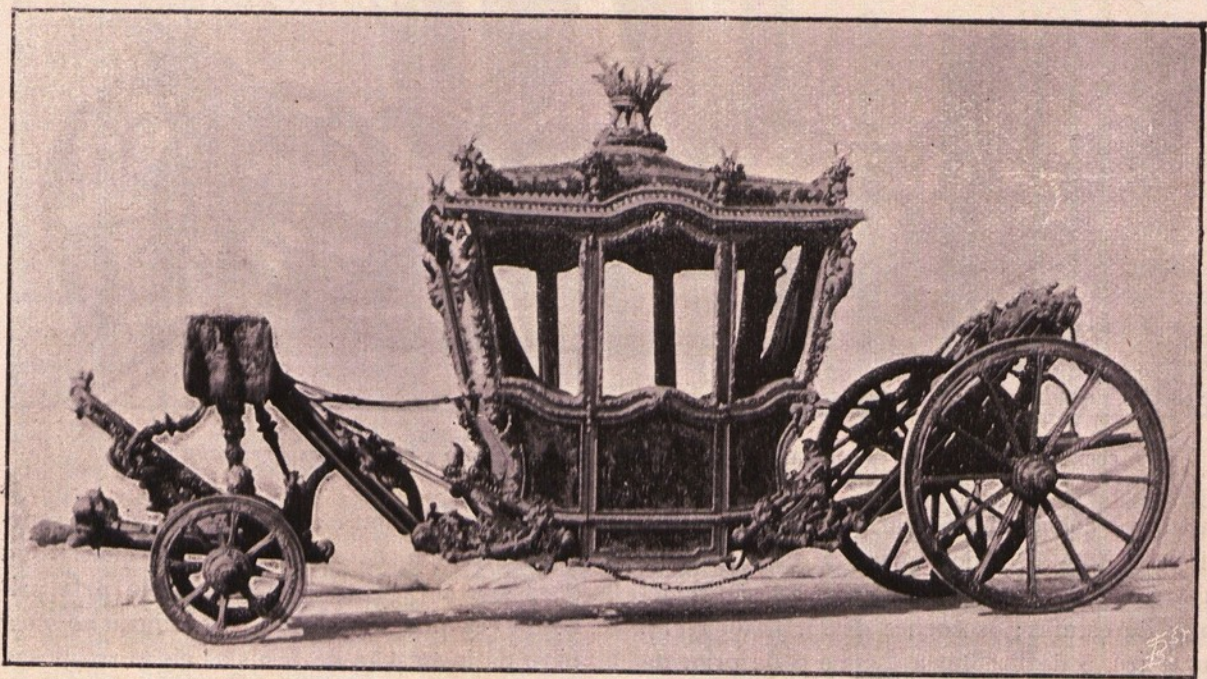
cabeça doirada de grypho antes de attingir as roldanas dos braços.

Deixando de lado as duas berlindas de D. Pedro II, chegamos ao n.º 6 do catalogo, o celebre côche dos MM coroados,—celebre principalmente pelas confusões a que tem dado lugar. É um côche infeliz. Quando foi restau-

verdade é que o côche dos MM coroados não é nem d'El-Rei D. Manoel nem da mulher de D. João V: é da rainha D. Marianna Victoria, (15) que casou com o principe, depois rei D. José. Offereceu-o Philippe V á filha, que o trouxe como pertença nupcial. Foi n'este côche que a futura rainha sahiu de Badajoz, a encontrar-se com o principe seu noivo no palacio de madeira do-

rada mandado construir expressamente sobre o rio Caia. Houve apenas, da parte do auctor do catalogo, uma confusão de *Mariannas*: consulte-se sobre o assumpto o bello artigo de Vilhena Barbosa publicado no volume X do «*Archivo Pittoresco*».

Ao côche de D. Marianna Victoria segue-se



COCHE DA COROA — MANDADO CONSTRUIR POR D JOÃO V

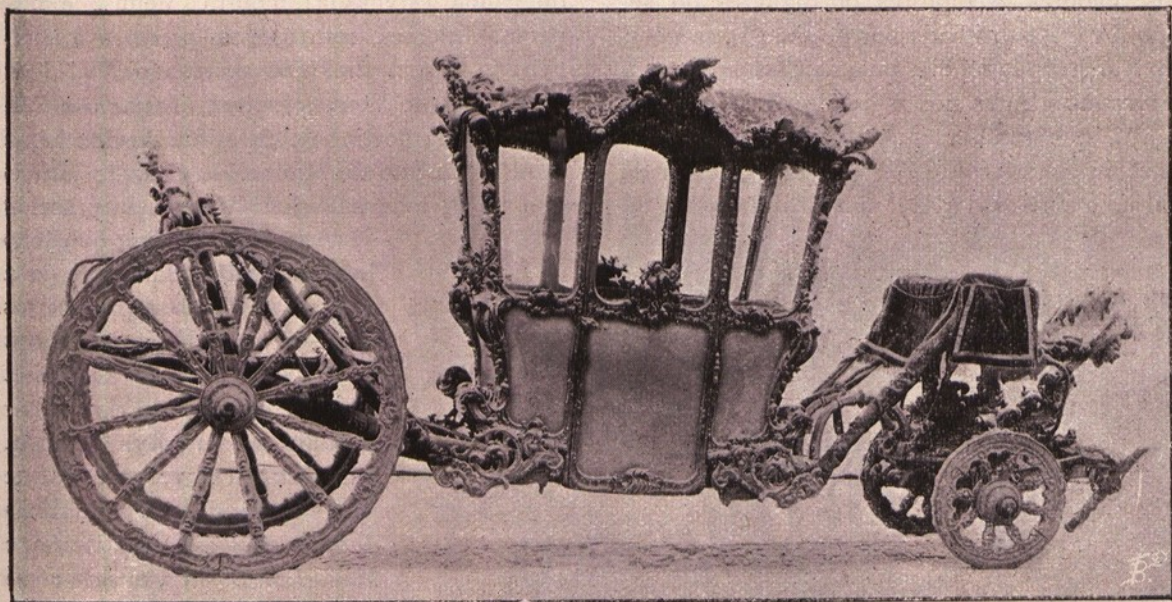
rado e doirado de novo para o casamento do Senhor D. Luiz I (1862), os jornaes do tempo, nas referencias que lhes fizeram, interpretaram mal as letras abertas em talha nos paineis lateraes e chamaram-lhe «côche d'El-Rei D. Manoel». Agora, a etiqueta do museu e o respectivo catalogo, dão-n'o como sendo o «côche de D. Marianna d'Austria». Ora a

outro riquissimo côche, o d'El-Rei D. José (n.º 7 do catalogo). É uma das berlindas mandadas construir para uso d'este monarca, com soberbas pinturas, bella talha e esplendidos cristaes. A caixa é ricamente entalhada nas molduras e paineis; por toda a parte, masca-

(15) Artigo de Vilhena Barbosa, *loc. cit.*

rões alados; no jogo trazeiro, entre os braços do côche, uma aguia rodeada d'anjos que sustentam uma grinalda de rosas. A pintura do espaldar foi executada pelo pintor Cyrillo Wolckmar Machado (1748-1823), que estudou em Roma e em Sevilha, trabalhou em Mafra e no palacio da Ajuda, e a quem se deve o retabulo do altar mór da igreja do Coração de Jesus e o conhecido quadro de S. Miguel d'Alfama, «Christo sarando os hydropicos». (16) Nos outros côches d'el-rei D. José, que não estão no museu e de que não tenho noticia, trabalharam tambem os pintores Joaquim da Costa e Gaspar José Raposo. O so-

vez de estribos. Nos quatro cantos da caixa, sobre mascarões, quatro figuras representando as quatro partes do mundo: a Europa, erguendo n'uma das mãos a thiara pontifical; a Asia, com a sua caçoula de perfumes; a Africa levantando uma palma e calcando marfins preciosos; a America, toucada de pennas, empunhando o arco e a flécha, com uma cabeça decapitada a rolar-lhe aos pés. Ao alto, nos angulos do tejadilho, anjos com grinaldas coróam as quatro figuras, e á frente, estylizados, elegantissimos, servindo de suppedaneo ao cocheiro, dois hippocampos sustentam uma concha doirada. No jogo trazeiro, os braços



BERLINDA DA PRINCEZA D. MARIA BENEDICTA — PINTURAS DE PEDRO ALEXANDRINO

berano que mandou construir esta berlinda preferia-a a todas as outras, pela commodidade e pelo equilibrio. É um magnifico exemplar, —como o é tambem o côche que se ségue, o do Papa Clemente XI (n.º 8 do catalogo). Na sua elegancia sóbria, na sua aparente simplicidade, é talvez este o mais original de todos os côches expostos, e faz honra aos artistas italianos, que ao tempo competiam com os hollandezes na construcção d'estas peças de sumptuaria. Todo elle em obra de talha doirada, trabalhado a um tempo com severidade e com delicadeza, torna-se notado desde logo pela particularidade de apresentar no lugar das portinholas meios-pannos de velludo carmezim bordado a ouro, com escabéllos em

do côche são supportados por quatro canéphas que symbolisam as quatro estações, e que se afastam em dois grupos, deixando vêr, sentado ao meio, um Amor deliciosamente entalhado e doirado. Um grande equilibrio, uma grande simplicidade, e ao mesmo tempo uma grande riqueza em toda a ornamentação. Este côche foi offerecido pelo papa Clemente XI a D. João V, em 1715, quando o Pontifice enviou a «Faixa-benta» ao primogenito d'este rei, o principe D. José. O encarregado d'esta offerta foi o Nuncio D. José Firrau, Arcebispo de Nicéa. O mesmo côche serviu logo dois annos depois, em 1717, para conduzir o primeiro patriarca de Lisboa e antigo bispo do Porto, D. Thomaz d'Almeida, quando este prelado fez a sua entrada solémne na cidade.

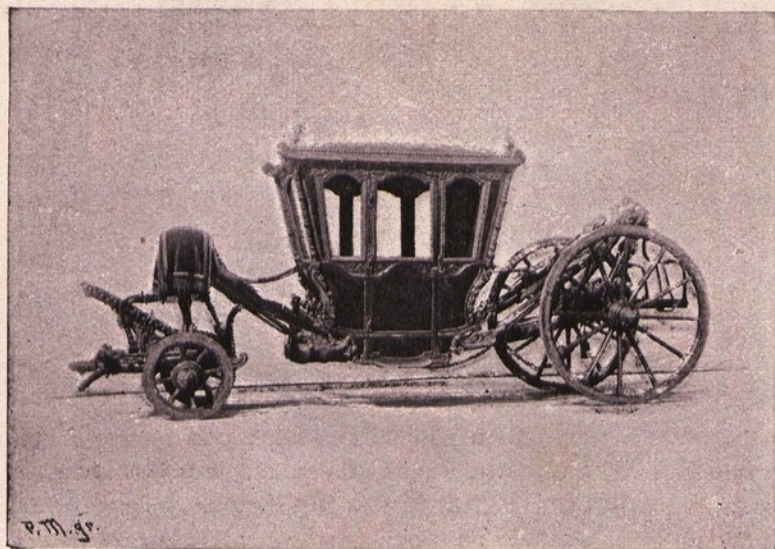
D. João V, muito sensível a todas as ama-

(16) Raczyński, *Dicc. des Artes*.

bilidades da Santa Sé, reservava este côche para as ceremonias de caracter exclusivamente religioso. Os côches em que habitualmente sahia eram dois: a estufa de Marianna d'Austria (n.º 17 do catalogo), para as viagens; o côche mandado fazer para seu uso (n.º 15), como berlinda de arruar. Este ultimo, o côche da corôa (n.º 14), o côche do infante D. Francisco (n.º 16), e os côches dos meninos de Palhavã, que não se encontram no museu, foram mandados construir por D. João V entre 1723 e 1730. A obra de talha de todos estes côches deve-se a tres artistas, dois dos quaes muito illustres: José d'Almeida, Silvestre de Faria e Felix Vicente. O primeiro, um dos maiores esculptores portuguezes do século XVIII, subsidiado por D. João V, estudou em Roma, onde foi discipulo de Carlos Monald, e tornou-se entre nós o émulo de Alexandre Giusti, que fundou em 1750 a escola de esculptura de Mafra. Do segundo, Silvestre de Faria, o entalhador da sala dos *Serenins*, já

francez, mandado vir por El-Rei D. João V, Pedro Antonio Quillard, que pintava «*des fêtes galantes*» á maneira de Watteau, e a quem foi dado o titulo de pintor da Casa Real. Devem-se-lhe muitos altos de porta em varios palacios e muitas pinturas em alçados de tremó. O espaldar do côche de D. Francisco e os painéis lateraes onde se vêem, entre as figuras das quatro estações, as armas do Infante com o competente banco de pinchar em prata, são obras de Pedro Quillard. Egualmente lhe pertencem as pinturas do côche da corôa e as do côche de arruar de D. João V, notaveis especialmente as d'este ultimo: n'uma portinhola, a figura de Neptuno entre sereias de cauda estylisada; n'outra, Venus; e nos painéis lateraes, com o feitio precioso e amaneirado das mythologias do século XVIII os medalhões de Venus, Jupiter, Mercurio e Pallas. A linda portinhola da esquerda deu logar a um bello dito de Manoel da Costa, o intimo que acompanhava D. João V nos seus passeios

de côche, nos dias em que João Jacques de Magalhães lhe dava a essencia d'ambar para certos fins: — *Vossa Magestade entra sempre pela porta de Venus*. D'ahi o comentario do Doutor Bernardes, seu physico-mór, quando o rei voltava doente para o Paço: — *Cure-o João Jacques que sabe o que lhe fez, e Manoel da Costa que sabe o que elle fez*. (17) Pedro Quillard, que morreu em 1733, já não pintou os côches dos «meninos de Palhavã»: o pintor d'esses côches, pelo menos d'aquelle que serviu ao «menino» D. Gaspar para fazer a sua entrada solemne em Braga como Arcebispo Primaz, foi José da Costa Negreiros, o mesmo que pintou o «S. Roque» para a ca-



ESTUFA DE D. MARIANNA D'AUSTRIA — N.º 17 DO CATALOGO, ONDE VEM DADA COMO PERTENÇA NUPCIAL DE D. MARIANNA VICTORIA

tivemos occasião de falar. O terceiro, Felix Vicente, tambem entalhador, era irmão de José d'Almeida. Todos estes artistas fizeram prodigios. Os côches de D. João V são uma maravilha como obra de talha, especialmente o celebre côche da corôa, cuja riquissima cornija, sustentada por quatro lindas cariatides, é uma verdadeira obra prima de concepção e de execução. Os painéis dos tres carros nobres foram pintados por um artista

pella da Ribeira das Nãos e a «Santa The-reza» para as carmelitas de Carnide (1698-1759). O côche da Corôa, que é todo elle uma maravilha de construcção, tem ainda de notavel a disposição e a riqueza dos correões, que são cobertos de velludo verde e abraçados por enormes fivellas de bronze doirado, e o persevão ou chão do côche, ricamente in-

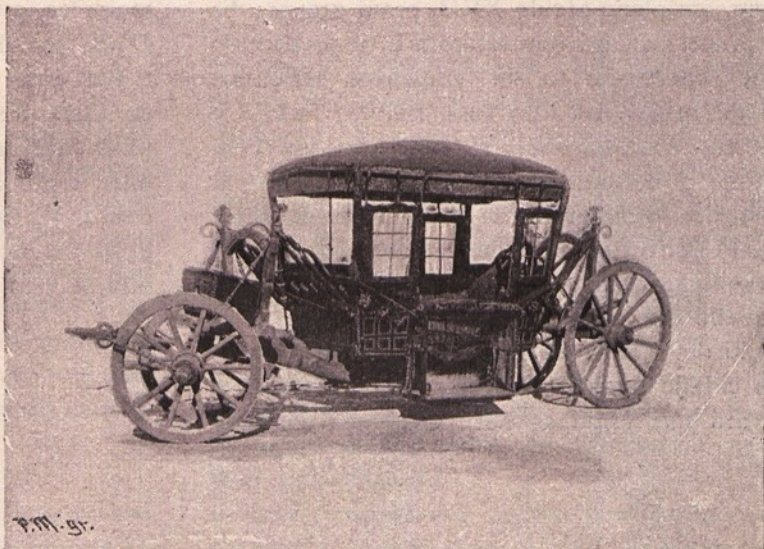
(17) *Memorias do Bispo do Grão Pará*, pag. 151.

crustado de marfim e tartaruga, e naturalmente copiado do côche de D. João IV, oferecido ao monarca por um dos senhores da casa de Redondo.

Mais adiante, passada a estufa de D. Marianna d'Austria (18), muito característica, com o seu espaldar de couro negro, a sua pregaria e os seus grupos d'Amores em talha doirada dando inserção aos correões, está a riquíssima berlinda *rocaille* da princeza D. Maria Benedicta. Esta berlinda, que é um encanto, foi mandada fazer de proposito para servir no casamento d'esta senhora com o mallogrado principe D. José, esse pobre rapazito romantico e revoltado que o marquez de Pombal sentava nos seus joelhos, que o arcebispo de Thessalonica temia, e de quem Lord Beckford nos dá em dois traços o perfil intenso. As pinturas dos paineis lateraes e do espaldar devem ser de Pedro Alexandrino: ha, n'uma das portinholas umas figuras de faunos perseguindo nymphas, que são uma maravilha. Os correões inserem-se nos cantos da caixa em grandes placas de bronze lavrado, e as rodas, delicadamente entalhadas, dão-nos a impressão d'uma extraordinaria leveza. É bem um coche de noivos, todo forrado de velludo azul. E como elle nos evoca a figura empoada e senhoril de Maria Benedicta, a poetisa, a pintora e a *virtuose*, de quem um *Elogio* do tempo refere que casara «maternalmente» com o sobrinho!

E já agora, não quero sahir do museu nem encerrar estes ligeiros apontamentos sem me referir a duas cadeirinhas forradas de damasco vermelho que estão quasi á porta, mysteriosas como mascaras, pequeninas como caixas d'amendoas, e que parecem vigiar com as suas lunetas quadradas a entrada d'aquelle riquissimo salão de côches. São duas vulgares cadeirinhas do século XVIII, mas suggerem tanta coisa, que a gente pára insensivelmente ao pé d'ellas e chega a ter vontade de as abrir para vêr se ainda sae de lá de den-

tro alguma cabeça empoada... A historia galante das cadeiras de mão, dos «ataúdes» como lhe chamavam d'antes por troça, tem dois séculos. Entre nós a grande moda foi de 1650 a 1700: as ruas da velha Lisboa enchiam-se de cadeirinhas de toço o feitio, doiradas, forradas de brocado amarello, de damasco, cheias de brazões, tarjas, divisas. «As donas enjoavam os côches e liteiras, para usarem em suas visitas de mais commodo... e iam em ataúdes, quero dizer, em cadeiras e andores...» (19) Era a tentação do mysterio. As que não tinham cadeirinhas, escondiam-se nos biôcos e nos rebuços, envol-



COCHE DE PHILIPPE II FOI O PRIMEIRO QUE ENTROU EM PORTUGAL

viam-se nos mantéos, de modo que a certas horas Lisboa dava a impressão d'uma cidade de mascarados. Foi necessario publicar um alvará prohibindo «os rebuços e chapéos com que as mulheres andavam para serem desconhecidas». (20) As cadeirinhas não eram outra coisa senão uns rebuços mais commodos, mais ricos e mais efficazes, onde se percorriam beccos, viéllas, alfurjas, onde se ia para toda a parte, mesmo para onde se não devia ir, e a cuja invenção o século XVIII deve muitos maridos infelizes,—ou, como diria o espirituossissimo bispo do Grão Pará, muitos *cucos*, *re-cucos* e *ante-cucos*... Mas, talvez por isso mesmo, ninguem se lembrou de as prohibir.

Ainda acérca da physionomia da velha Lis-

(18) Esta estufa está no catalogo como sendo de D. Anna Victoria, mulher d'El-Rei D. José. Houve troca entre este côche e o de D. Marianna d'Austria.

(19) Martim Affonso de Miranda, *Tempo d'Agora*, I, 1660.

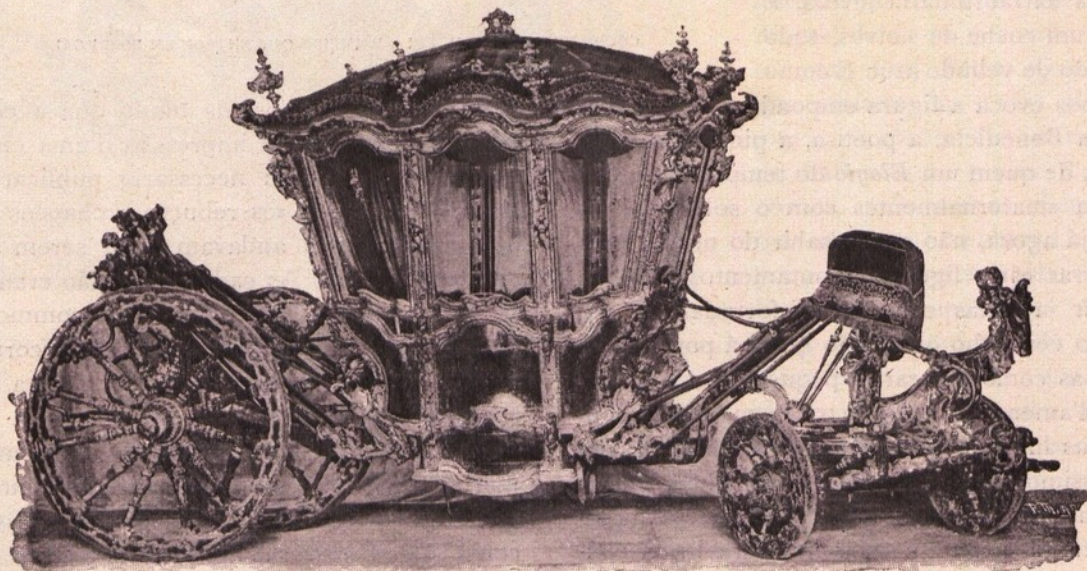
(20) Collecção de Leis (1649).

bôa de 1680, recordo-me d'um curioso alvará d'esta data em que se procurava regulamentar o movimento das estufas, berlinhas, séges e liteiras nas ruas da cidade. As ruas eram estreitas; os côches eram enormes, suspensos sobre jogos sumptuosos, com immensas rodas que á largura dos eixos juntavam ainda mais um palmo de cada lado para os tapadouros. Por conseguinte, quando no meio d'uma ladeira estreita e ingreme se encontravam em sentido contrario dois côches de grandes senhores, como não podiam passar ambos, levantavam-se frequentemente questões sobre qual d'elles havia de recuar para dar passagem ao outro. Ora as questões d'esta ordem, em pleno século XVII, eram graves; diz o proprio alvará que «viéram a tanto excesso que chegavam a ser empenhos d'honra». D'ahi brigas, espadas fóra, motins, feridas e mortes. D. Pedro II, então rei, compreendendo a necessidade de tomar uma medida energica, ordenou n'esse documento que fôsse qual fôsse o grande senhor a quem pertencesse a equipagem, o côche a recuar seria sempre aquelle que viesse subindo a ladeira; e concluiu determinando que o Senado da Camara da cidade mandasse affixar «padrões» com o alvará nas esquinas das ruas mais estreitas

e mais ingremes. Os transgressores eram degredados por cinco annos para as praças da Bahia ou Pernambuco, pagavam 2:000 cruzados para remir captivos e para despezas de justiça,—e caso chegassem a tirar as espadas incorriam, além d'isso, nas penas graves dos desafios (alvará de 13 de setembro de 1686). Como as penas eram pesadas e irremissiveis, os fidalgos acatavam as disposições reaes,—mas mandavam depois os seus liteiros, eguações e sotta-cocheiros tirar desforço, á navalha e á paulada, do vexame de se terem visto obrigados a recuar n'uma subida. Isso deu lugar a outro alvará (18 de novembro de 1687) em que se prohibia aos lacaios, cocheiros e mochilas, o uso «d'armas curtas e de bastões». D'ahi por diante, tudo entrou na ordem.

Por estas breves notas se vê que os côches da Casa Real merecem bem uma monographia cuidada e pacientemente feita. D'antes, uma visita ao antigo picadeiro de D. José, com o Victorino ou o Sédvem, era uma bella lição de picaria: hoje, pelo braço d'um erudito, é uma excellente lição de historia.

JULIO DANTAS.



COCHE DE D. JOÃO V — ERA O COCHE DE USO DO MONARCA, OBRA DE TALHA DE JOSÉ D'ALMEIDA E FELIX VICENTE
PINTURA DE PEDRO ANTONIO QUILLARD



Caso da rua

I

OUTRO dia, á hora matinal em que as chaminés das fabricas uivam como guéllas de monstros, sobre a cidade, e atravez da azulada neblina que esfuma as perspectivas, o esvoaçar de chales das costureiras correndo lembra palpitações d'azas — ia eu descendo a rua, quando um ajuntamento atraiu a minha curiosidade vagueante.

O que seria?...

Algumas d'essas pittorescas disputas de mulheres que n'uma crise histerica de ciúmes se injuriam, despenteadas e esbracejando, entre as gargalhadas trocistas da turba, com fuzilantes ditos d'um plebeismo tão imprevisito? Algum d'esses casos triviaes da rua—scenas flagrantes da farça ou da tragedia popular—que d'improviso abrem na melancolica banalidade da vida urbana um intermezzo de riso ou de pranto?...

Insinuei-me no grupo, entre uma viçosa e morena lavadeira com a trouxa á cabeça e um cautelleiro côxo que se firmava na ponta do pé valido, encostado á moleta, para vêr melhor, por cima da cabeça ruiva d'uma garotita descalça—e olhei tambem.

Com as mãos crispadas no peito (oh! o gesto inolvidavel d'essas dolorosas mãos de bruniadeira, arroxeadas de queimaduras!...) uma rapariga toda curvada golfava o sangue dos pulmões, estorcida n'uma convulsão de tosse que lhe sacudia, a cada arranco, o mirrado tronco d'etica.

Devia ter vinte annos. Trazia um pobre ves-

tido tingido. O lenço de luto, caído nos hombros osseos, mostrava os cabellos pretos enrodlhados n'um *puxo* mal pregado com ganchos d'aço, ao alto da nuca, e as orelhas de cêra, transparentes, despregadas do craneo, com as arrecadas d'oiro pendulando sobre o pescoço esguio.

Em toda a sua pobre figura combalida, havia a curvatura precoce que o trabalho rude, a má alimentação e a miseria imprimem ás escravas do inexoravel mal hereditario, dia a dia aggravado no ambiente suffocante e morbido das officinas.

Uma companheira, pallida e sardenta, amparava-lhe a testa com a mão estendida—e, n'um movimento subito, a cada jorro da hemoptise, retraia o corpo para que o sangue, ao esparrinhar nas pedras, lhe não manchasse a saia de chita.

Tolhida de espanto, circumvagando os olhos afflictos, n'uma angustia inexprimivel, só baluciava:

—Ai Jesus! que ella morre-me aqui!...
Ai meu Jesus Senhor!...

Em roda, o grupo ia augmentando:—creadas de servir, em cabello, com a ceira das compras pendente do braço; garotos de jornaes, simiescos e vivos, estendendo os pescoços por entre os hombros das leiteiras de saios ensacados, e das varinas com as canastras á cabeça; soldados de faces glabras e boçaes, sob os kepis avivados de encarnado; quinquilheiros ambulantes com os taboleiros suspensos sobre o peito; hortaliceiros com as gigas carregadas de hortaliças verdes; operarios magros das fabricas, pedreiros com os grandes cabazes ao hombro e trolhas vestidos

de branco, mastigando á pressa a broa do almoço...

Aquelle trecho de rua tomava de repente uma animação dramatica, palpitante de vida, de côr, de movimento, como um palco de pedra, ao ar livre. Um carro de bois parára, com o lavrador, de carapuça verde e de camisa d'estopa arregaçada, debruçado no caniço de verga, e o moço de tãmanos, apoiado á aguilhada, arregalando os olhos rusticos. Abriam-se as saccadas, com vazos de craveiros, e as vidraças onde surgiam, ainda de penteador e de caracoés na testa, as damas da vizinhança ao lado dos maridos, de meia-face ensaboadas, com a navalha de barba suspensa nos dedos.

As portas das lojas proximas, appareciam os caixeiros, penteados e em chinellos. Das esquinas, os gallegos, com os chinguiços ao hombro, vinham correndo. E até um velho cego do fado, pela mão do pequenito roto, parára também, olhando sem ver, com a guitarra enfiada n'um sacco de riscado.

Cruzavam-se as perguntas, os ditos de piedade. Todos os que iam chegando queriam saber, pediam informações, alongando as cabeças avidas por cima dos mais, com esse ar de commiserção passiva, essa curiosidade pasmada e fatalista do povo habituado á miséria e á desgraça.

—O que foi? o que aconteceu?...

—Algum ataque?

—É tão nova ainda, pobresinha!

—Diz que é de paixão, por causa do conversado a deixar para casar com outra!...

Uma lamuria de dó corria de bocca em bocca.

—Coitada de Christo! coitadinha da pobre!...

Ao meu lado, uma carvoeira, viuva e grávida, com um filhito todo enfarruscado ao colo, aconselhou:

—Era dar-lhe um copinho d'aguardente!

—Credo, mulher! que até pode abafar!—contradiu logo uma cigareira d'olhos garços e vivos, que levantára do chão o chale da tísica, todo manchado pelo sinistro vômito sangrento.

—Antes assucar... Vinho da Companhia com assucar é que faz parar logo!

—Ou pôr-lhe uma cruz de palhas, nas costas, que é remedio sagrado!—disse a lavadeira.

—O melhor era levar-a já para o hospital, que até pode morrer aqui, sem confissão!

—E onde está a maca? Quem vae buscar uma maca?

—Ai Jesus Senhor! Ai meu pae do ceu!—soluçava a companheira, desnordeada, segurando a testa da tísica.

Alguem lembrou então que a conduzissem para alguma casa da vizinhança.

Ampararam-na nos braços a cigareira e a amiga, encaminhando-a para uma mercearia proxima. Mas a cada passo tinham de parar. Toda sacudida pela tosse cava, vacilando nas pernas lassas, a pobre, ao menor movimento, levava as mãos crispadas á bocca—e por entre os dedos, aos borbotões, o sangue jorrava, salpicando as pedras do passeio...

Sentaram-na porfim n'um banco, ao pé do balcão. Deram-lhe vinho e assucar mascavado, n'uma tijela vidrada. Como não tinha sequer força para a levar aos labios, foi a carvoeira grávida, toda curvada, com o filhito seminú embrulhado no regaço, quem lhe deu de beber—os maternas olhos a luzir de piedade, a luzir de ternura no rosto todo enfarruscado.

—Vá, só mais um golinho, para espertar!

Passando-lhe a mão pelos cabellos, n'um afago de carícia, a companheira amimava-a.

—Bebe, Roza, bebe mais um golinho, que isso passa!

A rapariga fechou os olhos, deixou pender a cabeça sobre o hombro da amiga, n'uma prostração, n'um cançasso infinito. Tinha a testa inundada de suor frio. Tremiam-lhes os labios ensanguentados. O coração latejava-lhe como um passaro preso que bate as azas, agonisando. Entre o corpete desabotoado, via-se-lhe o começo do peito esquelético:—e pendendo d'uma fita de veludo, enrolada ao pescoço, uma madeixa de cabelo castanho, atada com um fio de retroz verde, tremia, oscilava, sobre o seio offegante.

—É o cabelo da filhinha que lhe morreu!—disse a outra ageitando-lh'a, n'um gesto de ternura.

Ella tornou a abrir os olhos azues, muito claros, os lacrimosos olhos infinitamente resignados e tristes—d'essa tristeza inexprimível que tem as pupilas meigas dos animaes que soffrem.

—Estás melhor, Rosa? Sentes-te melhorsinha?—perguntou-lhe a companheira.

Passou a mão pela testa humida de suor e de sangue. Alongou os olhos para a rua, n'uma singular expressão de susto, de interrogação e de receio. Quiz dizer alguma coi-



TODOS OS QUE IAM CHEGANDO QUERIAM SABER, PEDIAM INFORMAÇÕES, A LONGANDO AS CABEÇAS AVIDAS POR CIMA DOS MAIS

sa... Novo acesso de tosse afogou-lhe as palavras na garganta.

—Não falle, não falle que lhe volta!—disse a carvoeira.

Fez um signal com a mão, que logo lhe tornou a pender, exanime. O seu olhar humilde de novo fitou a rua, e veio pousar, n'uma muda interrogação anciosa, nos olhos da amiga.

—Não penses mais n'elle, filha... Deita-o ao desprezo!—exclamou a outra, desviando-lhe a cabeça para que ella não continuasse a olhar n'aquella direcção.

Mas n'uma supplica—tão transida, bom Deus! atravez de que profundos abismos de angustias soffocadas, de dores accumuladas, subindo do coração aos labios, até se exalar n'um gemido—a voz d'ella balbuciou, muito baixinho:

—Elle ainda lá está?...

Levantou-se a outra e foi até á porta da loja.

E seguindo o seu olhar, vimos então, encostado á esquina fronteira, um rapazola de melena sobre a testa, o chapéu d'aba direita para a nuca—um d'esses typos característicos do operario-fadista, do *Don-Juan* de bai-les publicos.

—Lá está elle ainda!... Aquelle garoto! aquelle malvado!...

E sem attender ao timido gesto em que ella lhe implorava o silencio, continuou, instigada por essa necessidade que a gente do povo tem sempre de desabafar, em plena rua, de revelar a quem passa os mais dolorosos segredos:

—O cara sem vergonha! Desgraçou-a para a deixar com a filhinha nos braços, e ainda por cima a atirar-lhe chufas, quando a encontra o seu caminho. O coração de pedral E nem sequer teve uma palavra de dó para a pobre infeliz, a escoar-se em sangue, por amor d'elle!...

Todos, em roda, o encararam indignados. A cigarreira, comovida, estendeu o punho magro, gritou-lhe:

—Passa fora, cão!

O malandrim encolheu os hombros, n'um tregeito de cinismo canalha, cuspiu para o lado, com um esgar de troça, e puxou o chapéu desabado sobre a melena, voltou a esquina da rua, gingando...

N'um soluço, a voz da abandonada implorou:

—Rozalina, pelo amor de Deus, vamos!...

—Mas estás toda a tremer, creatura de Deus... Mal te tens em pé!

—Não! Já estou melhor... Isto passou, vamos!

Enxugou com a ponta do lenço as ultimas lagrimas. E embrulhada no chale tingido, lá partiu, apoiada ao braço da companheira—a caminho do trabalho, a caminho da officina.

Commentando o caso, cada um seguia para a sua vida. De novo, a vibração dos pregões subiu no esplendor da manhã sonora, onde os primeiros clarões d'ouro do sol, vaporisavam, n'um fumo azulado e roseo de fluidas claridades, as ultimas cambraias fluctuantes da neblina. Sob o seu véu immaterial e diaphano de bruma, a cidade despertava immensa, erigindo no azul a sua mole de pedra, as cruces victoriosas dos seus templos, a gloria morta das suas estatuas, a columnata hirta das suas chaminés fumegantes, os seus corucheus, os seus hospitaes, as suas cadeias e as suas mansardas, sob o carrilhão alegre dos sinos, sob o tumultuar echoante das suas milhares de vozes, celebrando o triumpho impassivel da força, da riqueza, da lucta, da vida brutal, luminosa, obscura, multiforme e magnifica. As guellas das fabricas uivavam. Os pregões subiam.

Na rua, que retomou o seu aspecto habitual, apenas ficou, immovel, com a cabeça d'apostolo erguida para o alto, ao lado do pequenito roto e pallido, o velho cego, tangendo na guitarra o seu fado eterno.

II

Tem um epilogo este «caso da rua»—epilogo bem trivial e triste, como tudo o que é real—porque a historia d'essa brunideirita que outro dia encontrei, golfando o sangue dos pulmões, entre a curiosidade compassiva de povo, não é uma simples fantasia de litterato sem assumpto.

E é tão banal, talvez, esta historieta, por ser triste; talvez tão frivola, por ser verdadeira, que eu sinto que vou enfadal-os, e que melhor andaria decerto, enchendo estas tiras brancas com o chimerico enxame d'outras imagens aladas de belleza e d'arte em que vibrasse, triunfalmente, a alegria esparsa na alleluia d'esta fulva manhã d'outono e toda a harmoniosa symphonia das claras ondas que, deante das minhas janellas, emquanto escrevo, estão celebrando, na cathedral azul do Atlantico, a sua missa pagã, sob o glorioso sol que lá no alto pontifica, de mitra d'ouro...

... Pobre brunideirita macerada, os teus olhos (que eu só vi uma vez, para não tornar a esquecel-os, nem ás lagrimas que choraram) os teus olhos pizados é que nunca o verão mais, a esse divino sol que perpetuamente refulge, na sua impassibilidade olympica, sobre as perpetuas dores do mundo.



APENAS FICOU, IMMOVEL, AO LADO DO PEQUENITO ROTO E PALLIDO, O VELHO CEGO

A tua vida de sacrificada foi apenas—como a de tantas que hoje riem na candida aurora da illusão miraculosa, para amanhã chorarem na amargura ignorada do abandono—mais um d'esses innumeraveis episodios do sublime e futil Drama eterno que tantos poetas tem cantado, desde Goethe.

Gretchen, a de cabellos flavos e olhos cereuleos de pervinca, no seu florido jardim do Rheno, a fiar na dobadura, ao cair das tardes d'ouro, o branco linho da sua mortalha d'amorosa: ou essa pobre Roza brunideira (era assim que te chamavas?...) todas têm

a mesma dolorida historia, todas têm chorado as mesmas lagrimas, ao desfolhar da ultima petala d'aquella margarida fatidica das namoradas.

Mas a umas, bem aventuradas do sonho, immortalisaram-nas poetas, e para sempre gerações sentimentaes as ficarão relembrando, com emoção e lagrimas.

*

Quem tivesse palavras impereciveis para dizer teu martyrio angusto, pobre brunideira humilde!

Quem tivesse genio para te engrinaldar d'estrellas e enrolar n'um sidereo nimbo resplandecente a cabecita ossea e exangue de tuberculosa para quem a vida foi uma tortura d'escrava, entre a miseria, o sacrificio, o trabalho inexoravel de todos os dias e o pranto amargo de todas as noites!

Para seres santa, ó minha obscura e misera martyr das ruas, nem sequer o divino transe da maternidade faltou—porque d'esse sonho desfeito; que foi o teu amor e a tua morte, um malfadado fructo brotou, fructo de dôr n'uma arvore de desgraça.

Da tua existencia, a bem dizer, nada mais sei—a não ser que houve um homem que te enganou e te deixou com um filho no regaço, e que desde essa hora nunca mais soubeste o que era ter alegria, sempre curvada, a tossir, sobre o ferro, para não morrer de fome e para o sustentar a elle com o teu amargo leite de tysica.

Quem poderá descrevel-as, as agônias inexprimiveis da tua vergonha, no dia em que o primeiro fremito d'uma vida mysteriosa, depois de semanas tragicas d'incerteza, se agitou, revelador, nas tuas entranhas?

Depois, o drama de lagrimas do abandono, logo que tu confessaste, n'um alvoroço d'esperança, n'um alvoroço de receio, o teu divino segredo áquelle que, uma noite, á volta do serão, jurava nunca mais te deixar e casar comtigo...

Oh! a crueldade d'esses olhos cinicos, de repente tão mudados, a fugir dos teus. A lama das suas injurias, e a certeza, a horrivel certeza da sua infamia e da tua desgraça...

Sósinha, na tua dôr infinita, sem um olhar de piedade, ante a ironia má das que te escarneciam na visinhança ou na officina.

Sósinha, para sempre, no teu abandono de

escorraçada, sem ninguem que te tomasse as mãos roxas de queimaduras, contra o peito, n'uma caricia misericordiosa.

Como tu tentarias, a principio, esconder a tocante deformidade que te fazia expiar uma illusão com lagrimas de sangue—sobretudo, Senhora das Dores! para que a pobre velha, meio tropega e quasi cega, não soubesse a tua vergonha...

E as noites, as infinitas, as desoladas noites passadas a chorar, na dura enxerga da tua alcôva sem luz e sem ar, ao fundo d'essa «ilha do Paraizo» onde moravas com tua mãe desde que teu pae morrera, uma tarde, de um ataque de sangue, á volta da fabrica.

Quantas vezes, ella, a unica que te via, sem te ver—tristes olhos cegos d'essa cegueira sagrada das mães!—ao encontrar pela manhã o travesseiro todo molhado, te perguntaria:

—Porque choraste, Roza?

E tu responderias de certo, para a não affligir, com mêdo de que ella advinhasse:

—Não sei, mãe, foi a sonhar!

Quantas vezes cantaste, para esquecer, e não pudeste—porque os versos te saiam todos transformados em soluços.

Quantas vezes, pobresinha!

Quantas vezes pensaste em matar-te: moer vidro, tomar phosphoros, ou atirar-te ao rio, como tantas de quem lias, tremendo, a historia tragica no jornal.

E, pensando decerto na velha que ficaria ao abandono, faltar-te-ia a coragem: e em vez de partires para a morte, partirias para a officina—silhueta vaga de luto, atravez da neblina matinal, sob o chale tingido, a palpitir como uma aza negra.

—Que olheiras trazes hoje, perdida!—diriam ás companheiras, fitando a rir de malicia, os teus olhos pisados, os teus tristes olhos tão pisados, de chorar.

E a tossir, com as mãos no peito (oh! o geito d'essas mãos crispadas!) tu responderias, porventura, a rir tambem, senhora das sete dores, para que ellas não escarnecessem a tua magoa:

—A vida leva-se assim, raparigas!...

III

—Ter um filho!

Alegria das ricas!

Supplicio das pobres!

Sobretudo d'essas proscriptas do lar, d'es-

sas escravas do destino que não tem o nome d'um pae para lhe dar.

Ter filhos, é para vós, ó cheias de graça que nascestes sob a boa estrella da fortuna e para quem a existencia é um lindo romance á Bourget, que se folheia sorrindo, entre um bocejo e uma lagrima logo enxuta n'um beijo.



DESDE ESSA HORA NUNCA MAIS SOUBESTE
O QUE ERA TER ALEGRIA

Podereis gozar depois, n'esses adoraveis *bibelots* louros, o reflexo da vossa vaidade de mães felizes: embalados em berços d'ouro, trazel-os ao lado, na *mylord* armoriada ao collo das amas, com precisos enxovaes de rendas de Bruges, finas e fluidas como espumas: e, quando crescem, passear ás tardes, nos jardins, emquanto elles brincam, invejados e lindos, vestidos de velludo negro como pequeninos infantes de Velasquez.

Para as pobres abandonadas, os filhos são a miseria, a fome e a vergonha.

Alli presas, sem poder ir á fabrica ou ao *atelier*, d'onde ha-de vir o pão, enquanto o nuzinho e raquitico ente suga sangue nos tristes seios resequidos, com o botão vermelho da boquinha soffrega estendida como um bico de passaro faminto.

—Oh! se Deus o levasse!

... Viver, para que?

Dores serão teu pão, lagrimas teu vinho amargoso, quanto fores crescendo, crescendo, filho sem pae.

Antes Deus te levasse, antes...

A tua bocca procura agora um veio que não tem senão sangue para te dar.

A tua bocca em vão procurará, mais tarde, outra que tenha alivios para te consolar.

Ser batido, ser escorraçado, ter fome e não ter que comer, ter somno e não haver onde te deitar, ter amor e não haver quem te ame.

O hospital, a cadeia, a doença, o rio—valla commum dos párias—ahi tens, filho de pobre, filho enjeitado, para que lindo futuro os teus olhos se abriram á luz da vida.

—Ah! se elle viesse morto!

Quantas, innumeraveis, pelo mundo, ante o milagre da Annunciação, ao sentirem palpar a misteriosa vida occulta, murmuraram, em segredo, esta prece sacrilega e dolorosa...

... Mas — contradicção divina! — quando pela primeira vez o pequenino ser roseo e innocente estendeu para o teu seio a boquinha sedenta; quando pela primeira vez beijaste, a chorar e a sorrir, essa carne d'aurora, da tua carne e do teu sangue nascida, com que fervôr imploraste ao Deus dos infelizes que dêsse a vida e a saude ao anjinho que não podias alimentar senão com lagrimas.

Não te ouviu elle e levou-t'o, quando já ninguem ignorava a tua vergonha, e te afizeras a sonhar um futuro luminoso, cheia de amor, outra vez cheia de esperanza—da sacrosanta esperanza das mães que tudo faz esquecer, que tudo transfigura em rosas, até as pedras dos seus calvarios.

E foste desde então esse espectro do desespero e do supremo abandono que passa nas ruas, entre a agitação e o tumulto da multidão, encolhida n'um velho chale tingido: essa misera creatura escondida entre o povo, á porta das egrejas, nas manhãs douradas em que os sinos repicam alegremente a baptisado.

E como os teus olhos, silenciosamente, se

arrazariam de lagrimas, ao evocar, n'esses filhos das mães felizes, a imagem do teu pequenino morto!...

IV

Banal, não é verdade, a historieta?... Já agora, para acabar, deixem-me dizer-lhes que durou apenas mais dia e meio, depois d'aquella scena que lhes contei.

Ainda quiz voltar para a officina. Mas n'aquelle estado, sem forças sequer para pegar no ferro, mandaram-na embora.

—Morreu abafadinha em sangue!—disseram-me no casebre onde morava na «ilha do Paraizo»—um d'esses lobregos esgotos da cidade, estreitos e infectos como saguões, onde fervilha uma densa ralé prolétaria e se estiola, grulha e apodrece ao sol, uma infancia descarnada, entre charcos estagnados de despejos e bandos de gatos famélicos.

Na hora do «descanço» foram vel-a as companheiras da officina e encher-lhe de dhalias e chrysantemos o caixãozinho de paninho branco muito decente—que o patrão offereceu com uma philantropia muito para reclamar, não haja duvida.

Estava inchada, horrivel, com manchas azuladas nas faces de cêra rigidias, os dentes á mostra entre os lividos beiços crispados n'um rictus de agonia muda,—e as mãos osseas e amarellas, com signaes roxos de queimaduras, tão sequinhas de magreza—as mãos emfim quietas! em cruz sobre o mirrado peito chato.

Detal'he que talvez achem tocante; nos pés, levava umas chinellas de verniz que as amigas lhe compraram por subscrição, porque as unicas que possuia, já quasi nem solas tinham.

—Acabaram-se-lhe os trabalhos!—foi a exclamação fatalista e humilde d'uma d'ellas, ao beijar-lhe a testa gelada.

Acocorada a um canto, sobre uma caixa de pinho, com a cabeça escondida entre as mãos, a mãe soluçava:

—Com tanto amor te criei, filha da minha alma, e que desgraçadinha foste!

Tentavam as mais confortal-a.

—Ninguem sabe a sina para que nasce destinado!...

—Não se afflija, não se consuma, que mais lhe valeu ir de vez do que ficar ainda a penar, mirradinha de desgostos!

—E agora que vae ser de mim, sosinha no mundo?...

—Tenha fé, tenha fé, que Deus ha-de ter pena da sua sorte!

—Deus!... Deus!...

E não se sabia bem se n'essa palavra unica da pobre velha encolhida e tropega, a soluçar a um canto d'aquelle casebre tão pobre, havia ainda esperança ou desillusão immensa de quem passou toda a vida a invocal-o, em vão...

Bruscamente, ao longe, as chaminés das fabricas uivaram, sobre a cidade enorme, annunciando o recommençar do trabalho. E dizendo á pressa o derradeiro adeus á compa-

nheira morta—imagem do destino de tantas! —todas partiram correndo.

Cada vez mais agudos, os largos uivos, ao longe, echoavam...

A mãe ergueu a cabeça engelhada, e n'um soluço, murmurou:

—Só tu, filha, é que já não precisas mais de correr!...

—Chegou-lhe a hora do «descanço!»—disse uma visinha, que ficára ao meu lado.

—E a minha, Senhor! a minha hora quando chegará?...

E os olhos da velha procuraram o ceu—mas não o avistaram, de tão cegos de chorar.

JUSTINO DE MONTALVÃO.

RUBIA

A uma an daluza

*Loira, como a loira messe,
D'um loiro tão doce e bello,
Que de loira até parece
Que tens o sol no cabello!*

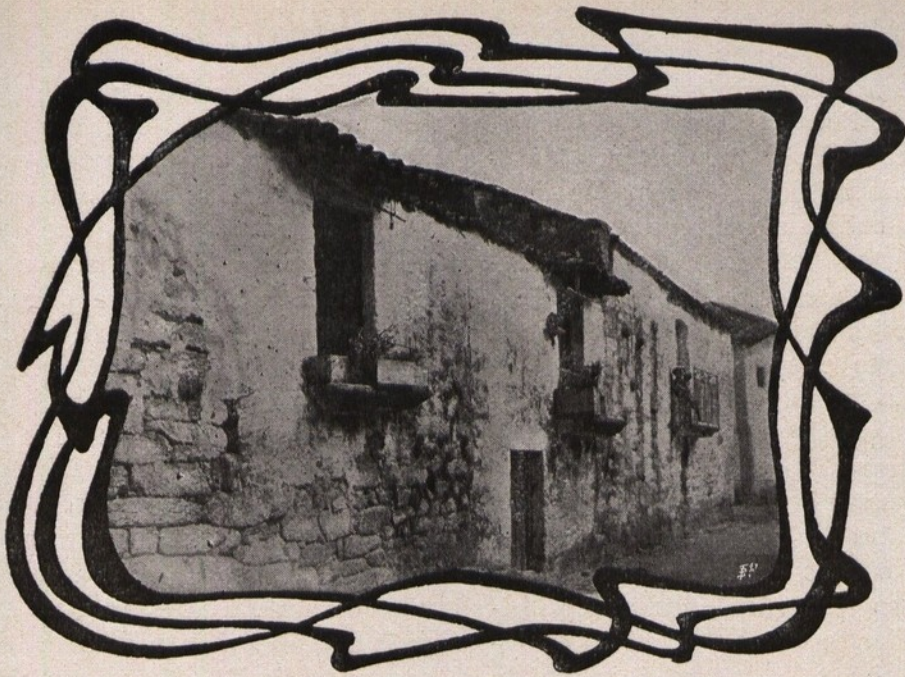
*Andei scismando e perplexo,
A meditar se essa luz
Era um palido reflexo
Do teu olhar andaluz!*

*E, decifrando adivinhas
Em teus olhos, minha louca,
Eu conclui que tu tinhas
Um sol ardente na boca!...*

*E de ti enamorado
— Ai do tresloucado que ama! —
Fui-me queimar, deslumbrado,
Na labareda da chamma!*

*Depois... minha aventureira,
Com a mais linda aventura
Levaste me a luz inteira,
Deixaste-me em noite escura!*

MARIANO GRACIAS



EM MELGAÇO

A CASA PORTUGUEZA

SEGUNDA PARTE



cabana de madeira, que primitivamente se dilatára pelas collinas da Roma antiga e que iniciou povoações mais tarde investidas,

como Londres, n'um destino proeminente, foi um dos typos de habitação em algumas estações lusitanas, subsistindo pelos tempos historicos e perdurando até hoje nos conhecidos palheiros littoraes.

Para abrigo de utensilios de pesca e de sargaço (Moinho do Bispo, Fão, Gramadoura, Lavra) ou para habitação (Espinho, Furadouro, Costa Nova, Torreira), as barracas de taboado deixaram na toponymia — Cabanas, Cabana Maior, Cabanellas, Cabanões, etc., — os vestigios da sua inicial e extensa propagação. Mas já nas cidades se edificára parallelamente com pedra, vendo-se ainda no valle do Mondego, como despojos evocantes, casas circulares colmadas á mistura com outras quadradas em que a abertura, boleando pouco a pouco, acaba nitidamente conica. Na Gralheira e em Alhões (Montemuro) ainda apparecem casas redondas como a antiga habitação do lusitano; e em

Bobadella, na Beira, a povoação viva junta á cidade extincta, renascendo uma da outra, permittem comprehender, das civilisações pre-romana, romana e post-romana, os élos d'um encadeamento ininterrupto.

A casa terreira da montanha, traduzindo o mister agricolo-pastoril do habitante, mantem-se sempre n'uma elementar rudeza constructiva. Collocam-se os blocos sem cimento ou dispõe-se o schisto em assentadas, deixando fendas por onde o fumo se esvae ou a luz entra; e a pedra, com um miudo aparelho polygonal, nem sempre se justapõe á fieira e raramente é escudada. Sob o colmasso de duas ou quatro aguas, com lages fixando os cumes e latas de madeira transversaes (Pitões, Covellães, Villarinho de Negrões) a fuligem pende em estalactites ou sequer como reveste interiormente as paredes de verniz. Tres, dois, mesmo um só compartimento aloja animaes e pessoas. Onde é cosinha é tudo: alli se dorme, alli se tece, gallinhas sobre os catres, porcos familiares, ovelhas estorvando a mulher na sua occupação com o sarilho ou dobadoura, n'uma canastra

a creança e o cão dormindo juntos. (Tibo, alturas da Peneda, Gavieira).

Na ribeira a casa terrea, frequentemente, é ainda pouco mais que uma cabana, em roda da qual ou annexadas estão as córtes da rez e dos marranchos, o cobêrto e o celleiro. A mesma simplicidade da montanha se vê ainda na cohabitação e aposentos, na disposição da pedra bruta, na cobertura a telha vã, nos postigos desguarnecidos e com o desagasalho da ausencia de vidraças. Erguendo, porém, um andar, a fachada mostra-se com duas, tres, quatro janellas sob as quaes se abrem oculos ou frestas que vão tenuemente illuminar e arejar os estabulos ou os armazens de provisões. O ingresso, vindo de fóra, faz-se muitas vezes, desde a Maia ao valle do Vouga, pela porta intermediaria do predio e do muro que veda o quinteiro enramado. Lateralmente ao edificio, ou ainda na face opposta á frontaria, uma escada de pedra sobe junta á parede até ao nivel do sobrado. Outras vezes a escada mostra-se na fachada, partindo d'um alpendre superior central ou a um dos lados, seguindo para baixo com guarda lavrada ou não, e de cujo remate se eleva, para o beiral, uma columna jonica de fuste esguio e longo.

A habitação rural toma outro aspecto com as longas varandas ao correr. De pedra e fechadas, veem-se, conforme a exposição, junto das serras (Varzea e Ovelha do Marão); de madeira são as communs, assentando sobre pilastras (Cabração, Moreira do Lima, Estorãos), ou fixadas em cachorros (Bouro, Soajo, Gerez). A communição para o sobrado faz-se pela escada perpendicular ou encostada; nos baixos recolhe-se uma parte da apeiria e está a adega, a salgadeira, ás vezes celleiros e até córtes. Em roda a-eira, as mêdas e moreias, o poço, as córtes e cortelhos, o gallinheiro, a casa do cão, os espigueiros ou canastos (Arcos, Barca, Ponte de Lima), os telheiros com as barras onde se guardam os empalhos de inverno para o gado (Baião) ou se livram das chuvadas os pães que seccam no eirado.

No Minho, a varanda salienta-se geral-

mente da fachada; em Traz-os Montes este annexo subsiste e, como além, não raro se firma em esteios da rocha regional, granito ou lousa; se assenta, porém, sobre o travejamento que vem da parede mestra e d'ella parte a escada encostada á frontaria (Bragança, Vimioso), alonga-se o beiral protegendo a uma e outra. Succede, emtanto, que muitas vezes o andar recolhe dentro e a balastrada então se nivela com a frente (Penaguião, Villa Real).

Na Beira, a varanda tem igualmente apoio na parede mestra, espessa no pavimento inferior e reintrante no segundo; não variando a parede todavia, de prumada o balcão subsiste firmado em cachorros ou esteios. A disposição e situação da varanda, que nas raras casas de dois andares passa para o ultimo (Bouro, Gerez, Moncorvo), é outra nos predios em que um pateo interior evoca a claustrada dos conventos; á excepção d'uma das faces, que encosta no visinho ou onde se rompe o amplo portão de ingresso, nas tres restantes corre de nivel com o sobrado (Tourém) exhibindo o aspecto, certamente mais modesto, d'esta parte complementar da crasta dos mosteiros.

O caracter que imprime á casa de lavoura a ausencia ou disposição dos balcões e das escadas é ainda alterado por outros pormenores e minudencias. Assim é que dos telhados, resaltando á frente sobre cachorros de madeira recortada e ligados ao frechal (Braga, Guimarães, Barcellos), sobem chaminés de typos varios, como as boieiras (Montesinho), trapeiras (Campeã) ou goteiras (Minho e Douro), as bombças (Braga e Porto), as que lembram pombaes (Amarante), ou semelham tumulos, minarettes e zimborios (Alemtejo e Algarve).

No norte, o pavimento é terreo ou empedrado, e revestido de tijolo no Alemtejo; os peitoris salientam-se um decimetro para fóra (Monsão, Melgaço, Guimarães); as padieiras e humberias são lavradas, chanfradas ou só lisas, se é que, em muitos casos, estas guarnições nem se destacam; ladeando as janellas e para a séca das fructas, de roupa ou para vasos, avultam mísulas de schisto, de calcareo ou de granito; a palhoça ou telha vã

é um abrigo que assim fica ou se reveste de forro, em masseira ou caixotão; o forno ou é commum ao povo (Barroso), ou um anexo indispensavel na cosinha, ou um accessorio independente no exterior (Algarve); a lareira ou é a grande lage usada na ribeira ou a cova funda adoptada na montanha (Castro Laboreiro).

Por fim as grimpas ou veletas figuradas (Povoa de Varzim, Villa do Conde); os angulos em bico de loiça nos telhados (Beira Baixa) ou rematados por pombas e brutescos de olaria (Eixo, Ilhavo, Avei-

das de grandes pregos (Sendim de Miranda) ou ornatadas em relêvo e polychromicas (Maia, Paderne, S. Gregorio);

EM ANCEDE (BAIÃO)



EM ARGIVAL (POVOA DE VARZIM)

ro); as cabeças de saurios ao alto nas chaminés ou como gárgulas (Povoa, Villa do Conde); as portas almofadadas, mosqueadas os galeões, de vélas pandas, lavrados em calcareo nos cunhaes (Lisboa); os escudetes recortados para os fechos; os reta-

bulos de azulejos; os nichos e as cruces de pedra embutidas nas fachadas; os relógios solares; as ferraduras (Porto) como impedimento ao mau olhado; as pilheiras, interiormente, para a loiça, o

mêdas de cucuruto enfeitado com torres e flamulas; os poços de bomba e rodizio ou carretel; as burras (Alfandega da Fé), baldes (Mirandella) ou cegonhas (Coimbra) e os pombaes, como moinhos de

EM TERRA DE MIRANDA



EM TERRA DE MIRANDA

caniço para a castanha, a gramalheira para o panêlo, os assentos de pedra nas janellas, os couçõs, os sotãos, os falsos, os alçapões, as trancas, os ferrolhos, os taramêlos; e ao largo os bate-bates, ralhadeiras, taramellas e cataventos; as

vento, independentes em Melgaço, Monsão e Traz-os-Montes e historiados e encostados ás chaminés no Alemtejo completam os accessorios das habitações que, com os rocios, as alamedas, os ribeiros, as pontes, as alpondras, os moi-

nhos, as azenhas, as fontes, os chafarizes, as capellas, os cruzeiros, as ermidas, as alminhas e os pelourinhos, dão, em vario

ridional e até da Argolidá, os typos de habitação exprimem apenas, para povos aliás com parentesco na mesma estirpe

EM MELGAÇO



NOS ARREDORES DE BRAGA

grau, a physionomia das povoações de Portugal.

De tam simplista architectura e da sua associação com varios d'estes pormenores ha logar para o destaque d'uma casa ou casas de indefectivel estylo nacional? De modo nenhum.

Aqui, como n'outras regiões de Hespanha, de França, principalmente no Languedoc e na Provença, da Italia me-

ethnica, uma adaptação a circumstancias locais sensivelmente identicas. O predio em que os baixos arrecadam e armazenam e no andar existem os aposentos de viver, com escada exterior encostada á fachada ou lateral, resume entre nós, como nos paizes alludidos, a estrutura da casa de lavoura. Divergencias secundarias regionaes e alguns dos pormenores não modificam fundamental-

mente a traça inicial, mesmo quando o estado de fortuna ou algum devaneio da esthetica local excedem os modelos tradicionalmente consagrados. E os outros predíolos, as casas terrenhas, são a bem dizer universaes, sempre que as d'outro paiz se emmoldurem nas mesmas condições que explicam as nossas.

Já um historiador insigne affirmára que o cultivador minhoto, «absorvido pela terra que o alimenta, pede á casa só um abrigo, sem luxo, nem conforto». A asserção é extensiva a maior ambito. E deveras nenhum espelho tam fiel do espirito nacional de que o interior da casa em que se vive. Elle nos dá a impressão da sua tradicional penuria, da indole rude e violentamente utilitaria, da indigencia mental d'um povo absolutamente carecido de faculdades artisticas, a um tempo amorudo e interesseiro, pagão irreductivel ainda quando beato, escravo por vicio de origem, por habito historico e por eterno assentimento grato e conformado.

Muitas vezes quando as prosperidades do casal ensejam o levantamento d'um andar ou o goso da pueril vaidade de transmudar a moradia primitiva em casarão, o schema fundamental em nada altera e até os costumes subsistem, utilizando-se os novos aposentos, afinal vagos, na arrecadação das tulhas ou na transitoria apropriação a madureiros.

A habitação entre nós é, pois, uma consequencia da adaptação ás varias circunstancias naturaes e sociaes que a condicionam — mas isto apenas. E as casas senhoriaes, com o seu vasto terreiro enfrentando a longa frontaria em que uma dupla escada, começando a divergir do pé, converge no alto sob a alpendrada, umas com capella, outras com torres lateraes, outras com torre central ameiada, outras ainda com diversos aspectos de exterior, são ás vezes a modificação erudita ou a corrupção pedante da modesta casa de lavoura e mais frequentemente um typo de impórtação franceza ou italiana — como agora!

Seria realmente estranho que um povo sem autonomia artistica, logrando só, para enlevo proprio, o episodio do *manuelino*, que é uma enxertia n'um estylo, resumisse apenas as suas faculdades creadoras no predio que erigiu em domicilio!

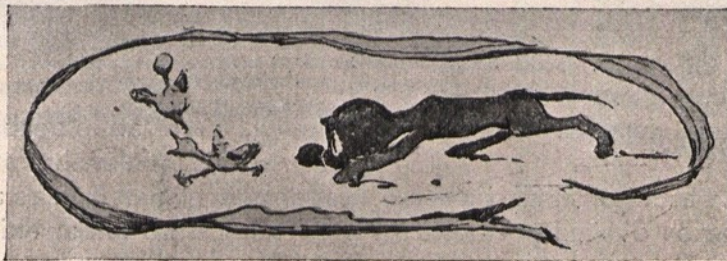
Mas se não temos uma architectura exclusivamente nossa, nem rural nem urbana, e por signal é escassa a nossa originalidade nos pormenores e accessorios, a tradição que radicou numerosos costumes compartilhados por povos affins, igualmente consagrou os typos de casas já descriptas e que afinal, como o assegura um longo tempo decorrido, melhor se accomodam ao genio do povo que as habita.

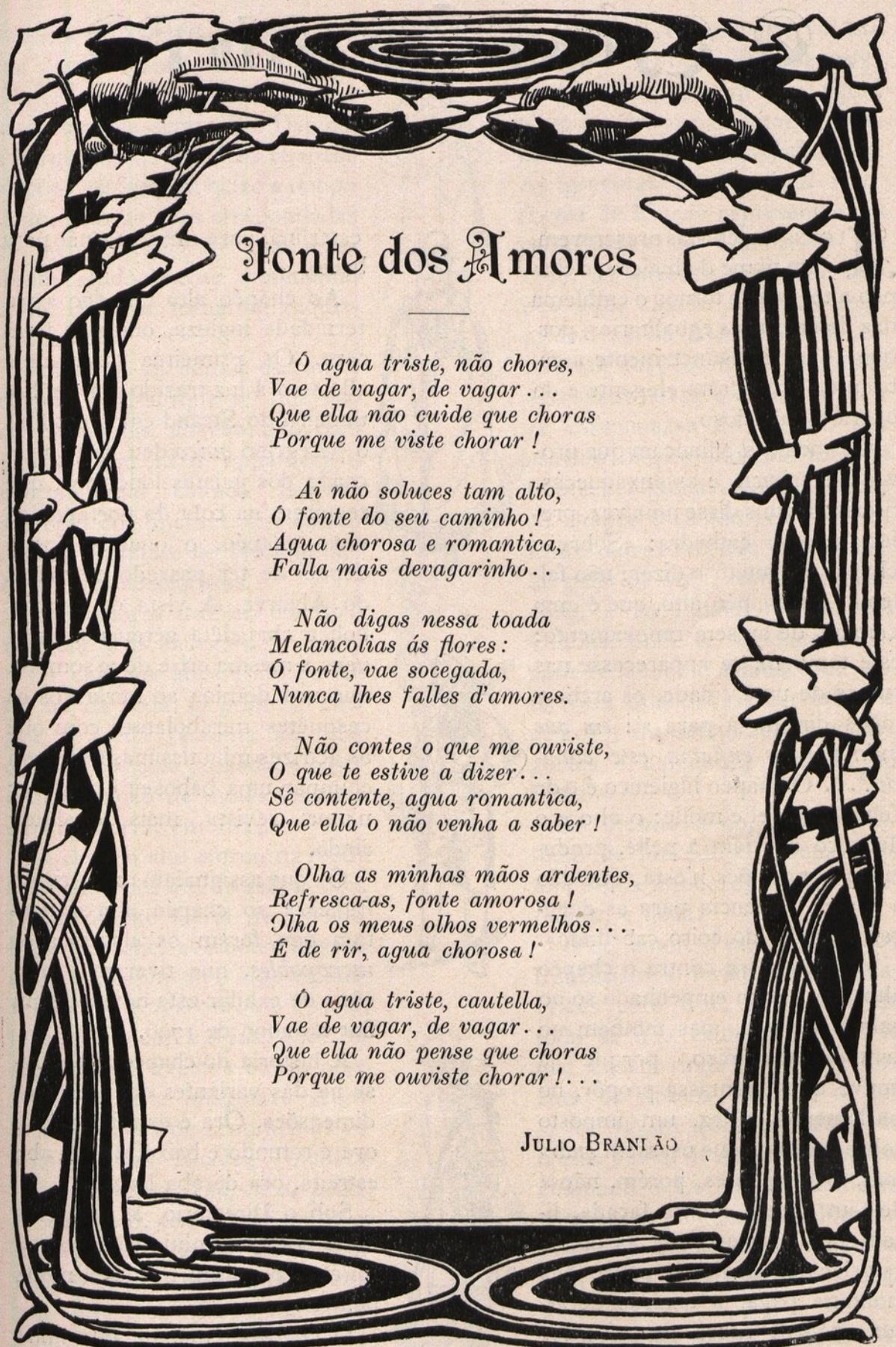
(*Conclue*).

PORTO.

ROCHA PEIXOTO.

Clichés do autor.





Fonte dos Amores

*Ó agua triste, não chores,
Vae de vagar, de vagar...
Que ella não cuide que choras
Porque me viste chorar!*

*Ai não soluces tam alto,
Ó fonte do seu caminho!
Agua chorosa e romantica,
Falla mais devagarinho..*

*Não digas nessa toada
Melancolias ás flores:
Ó fonte, vae socegada,
Nunca lhes falles d'amores.*

*Não contes o que me ouviste,
O que te estive a dizer...
Sê contente, agua romantica,
Que ella o não venha a saber!*

*Olha as minhas mãos ardentes,
Refresca-as, fonte amorosa!
Olha os meus olhos vermelhos...
É de rir, agua chorosa!*

*Ó agua triste, cautella,
Vae de vagar, de vagar...
Que ella não pense que choras
Porque me ouviste chorar!...*

JULIO BRANIÃO

O CHAPÉO ALTO

ALGUNS higienistas prescrevem, em nome da hygiene, o chapéu alto, que se tornou o emblema das democracias equalitarias, porque cobre indistinctamente a cabeça do aristocrata elegante e do operario laborioso.

Os medicos affiançam que provoca a calvicie e as enxaquecas. Sousa Martins disse uma vez, prelectando na cathedra: «Sobre o chapéu ha muito a dizer; não fallemos no chapéu alto, que é uma camara de ar sem renovamento; este tambem, se apparecesse nas ruinas de uma cidade, os archeologos diriam lá para si: *em que cylindro se enfiaria este canudo?*... O chapéu higienico é o de feltro, flexivel e molle; o alto e o de côco apertam a pelle, produzindo congestões n'esta, que dão a maior tendencia para as doenças de pelle do coiro cabelludo».

Mas a guerra contra o chapéu alto não se tem empenhado só no campo medico, mas tambem no campo economico, porque já houve quem tentasse propôr, no parlamento inglez, um imposto sobre todos os que usassem *quartola*. Os elegantes, porém, não a deixam nem á quinta facada, ligam debil importancia ás objurgatorias dos medicos e pouco lhes montaria pagar a taxaço de alguns cobres sobre um chapéu, pelo qual esportulam uma libra



esterlina, para cima, que não para baixo.

Ao chapéu alto uns dão a paternidade ingleza, outros a franceza. Os primeiros dizem que elle veio á luz trazido por um botiqueiro do Strand em 1797. Mas o peregrino *quico* deu visgo á caçoada dos gaiatos londrinos, que seguiram na cola do portador do novo chapéu, o qual se tingou depois de ter passado as passas do Algarve. A vista da estrambolica chapelêta gerou nos *cockneys* a mesma crise de assombro, que nos domina ao mirarmos os casquêtes mirabolantes com que as actrizes minutissimas nos veem chimpár uma baboseira qualquer n'uma revista mais qualquer ainda.

Os que assignalam uma origem franceza ao chapéu alto sustentam que foram os alambicados *incroyables*, que tiveram o descôco de exhibir esta novidade em flor no anno de 1796.

A historia do chapéu alto cifra-se na das variantes das suas tres dimensões. Ora é estreito e alto, ora é rotundo e baixo, ora de aba estreita, ora de aba larga.

Sob o Directorio, as mulheres e os homens politicaram com a *toilette*, pagaram tributo á moda politica.

O chapéu feminino, que tinha emigrado perante as excitativas

nudezes do Directorio, operou a sua restauração com o Imperio. Em 1802 o chapéu alto semelhava uma caçarola sem cabo. Depois, a burguezia arvorou uns chapéus de copa estreita em baixo e tampo largo, com as abas arredondadas em semi-circulo, até que estas foram gradualmente diminuindo e, em 1816, se tornaram reduzi-dissimas.



Em 1814, as damas usaram o chapéu á Henrique IV, que não era senão um chapéu alto com plumas. Em 1819, appareceu o descommunal chapéu Bolivar, symbolo dos liberaes, que encontrava a antithese no Morillo, emblema dos absolutistas.

As senhoras traziam um Bolivar com abas enormes.

Os chapéus altos eram de feltro ou de seda. O primeiro chapéu de seda remonta ao raiar d'alva do seculo passado, e o primeiro chapéu de molas foi visto em Inglaterra, em 1824.



O chapéu alto entrou na moda lisbonense nos fins do seculo XVIII. O Intendente Geral de Policia, Pina Manique, averbou-o logo de suspeito, capitulou-o logo de subversivo, e emparceirou-o com as luvas, os cócaes á liberdade, os sapatos sem fivelas e outros objectos, que elle imaginava serem manifestações de sentimentos revolucionarios. Nicolau Tolentino fala no gigante chapéu de pello; e, em 1808, usavam-se muito os chapéus redondos ou chapéus altos nos bailes. Desde então, o chapéu alto nunca mais deixou de ser moda em Lisboa. Em 1820, os melhores chapéus finos vinham



de Londres. O eminente vintista Manoel Fernandes Thomaz usava chapéu alto, e com elle figura n'um quadro ornamental da salla das sessões do municipio lisboeta. As gravuras do *Portugal Illustrated* de Kinsey representam os camponeses de Guimarães em 1827, os quaes andavam de chapéu alto, capote e calças compridas, os do Alemtejo, que estylavam chapéu alto de aba larga derrubada atraz e capote azul, e as camponesas do Minho, que usavam chapéu alto com tope na frente, e, algumas, um lenço preso ao chapéu e cahido pelas costas. Entre outras fabricas de chapéus de pello de seda, contava-se, em 1829, a do Lafaia, na rua das Olarias, onde se vendiam «chapéus redondos e armados de diferentes qualidades, barretinas e gorros para senhoras, de varios gostos e enfeitados á moda do Brazil».

No mesmo anno, José Agostinho de Macedo chasqueava os modismos francezes na *Besta Esfolada*, e dizia:

«Por amor d'esta mania (os francezismos) foram as nossas fabricas para traz, ainda que de todo se não extinguissem, e se não fôsem rindo os estrangeiros com os nossos vintens, o que agora fazem com especialidade n'esse pinhal de Azambuja femea, chamado o Corpo das Modistas, com esses pannos de palha que põem na cabeça das mulheres, com mais fitas que uma fogaça de aldeia».

Depois da expulsão de D. Miguel, o chapéu alto continuou a

dominar com sobrançeria. Quando a jovem rainha D. Maria II entrou no Porto, em 34, ia trajada de amazona com chapéu alto de pellucia preta. Um chroniqueiro de modas informava os elegantes, na occasião do lucto pelo principe D. Augusto, em 35, que as casacas continuavam a ser muito abertas, algumas sem portinholas e outras sem algibeiras, que se deviam trazer os punhos da camisa dobrados sobre os canhões da casaca, que as calças deviam ser justas com puxadeiras ou presilhas e que os chapéus altos eram verticaes e de abas largas, tendo já visto nos bailes alguns chapéus de pasta confeccionados de velludo e galão de ouro.

Em Inglaterra, George Bryan Brummel, o arbitro geral da casquilharia britannica, usava o chapéu alto, que punha uma nota grave na gamma brilhante da sua elegancia esplendidissima; e, em França, o principe Fernando de Orleans, soberano tafulão, tapava a caixa craneana com o circumspecto sombreiro alto.

Em 1838, os pintalegrêtes lisbonezes cobriam as lustrosas trunfas san-simonienses com chapéus altos de castor, e, durante o verão, com chapéus de castor branco e de castorinho cinzento.

Em 1840, usavam chapéus altos de seda, em 1841 os de pello de seda de Italia, em 1842 chapéus com copa mais alta e abas mais largas, e no verão, os brancos de seda de Italia. Em 1844 encolheram-se as abas e em 1845 a copa mingou de altura, para, volvidos seis annos, tornar novamente a



crescer em aba e em copa, evidenciando sempre uma elasticidade de guttapercha e uma volubilidade de catavento. Então, os franchinotes do Chiado e os peralvilhos da Baixa andavam todos de chapéu alto, e até se viam operarios que iam para o seu trabalho com o capote e chapéu alto. O chapéu cylindrico triumphava em toda a linha.

O jornalista parisiense Ville-messant apresentava-se com um chapéu alto de pello de coelho branco, que embasbacava os pacovios, como succedera com aquelle celebrisado collete de setim chinez, que Theophilo Gautier luziu na primeira recita do *Hernani*, uma das grandes batalhas do romantismo incipiente.

Quando o duque de Morny — a impeccabilidade rigida da *toilette* erigida em dogma — presidiu ao parlamento francez, entendeu que devia alterar o feitio dos seus chapéus, de maneira mais consentanea com a gravidade do seu alto cargo, e, para esse fim, advertiu o chapelleiro de que necessitava um chapéu mais severo, mas sem exaggeros.

«Perfeitamente! exclamou o artifice após breve meditação. Eu sei o que convem a V. Ex.^a — um chapéu serio com alguma alegria nas abas...»

O chapéu alto era, e continúa a ser, o chapéu dos estadistas e dos que andam ferropados pela grilheta da galé potitica. Assim não podemos comprehender Guizot ou Emile Olivier sem o *haut de forme*, não podemos figurar Lord Palmerston ou Lord Derby

sem *tall hat*, não podemos conceber Isturitz ou Mon sem o *sombbrero de copa*, não podemos imaginar Rodrigo da Fonseca ou Fontes sem o *penante*.

Houve quem usasse constantemente o chapéu alto, qualquer que fosse a razão ou o cariz celeste. Citaremos, por exemplo, o conde de Vimioso, o memoravel curandeiro barão de Catanea e o Domingos Antonio, proprietario do Café Central, do Chiado, prazo-dado da aurea juventude de outros tempos. Houve quem usasse a *quartola* inalteravelmente da mesma fôrma, como foram, por exemplo, o dr. Brillhante e o conde de Casal Ribeiro. Estylavam-n'a com grande anchura de abas. Quando, em 1879, este ultimo recebeu a nomeação de ministro em Hespanha, o gazetilhinho Argus gazetilhava assim a *chaminé* do diplomata:

*Quando fôres para Madrid,
Ó Casal, diçe de lá,
Se o teu chapéu póde passar
Pela «calle» de Alcalá.*

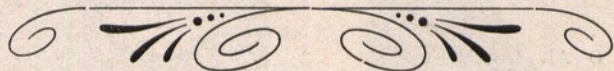
Outr'ora, nenhum brasileiro retornava a Portugal, que não viesse munido de um *panamá* e de um chapéu alto de pellucia avinhada para brazilizar no seu torrão natal. Os bolieiros das obsoletas seges e traquitanas usavam uniformemente o chapéu alto, costumeira esta olvidada por muitos cocheiros modernos, que preferem o

mazzantini toireiro ao *penante* de gato-pingado. E ainda não ha muitos annos que os porteiros de S. Carlos se uniformisavam de casaca e chapéu alto.

Ahi por 1872 ou 1873 — quando o Roxo e o Grezielle eram os chapelheiros que mais sabiam da poda — os marialvas do Chiado andavam todos de chapéu alto de aba direita, e de ahi vinha o appellidarem n'os *os abas direitas*. Chegámos a conhecer um ferro-velho das ruas lisbonenses, que só vendia *mimosos* ou chapéus altos.

O chapéu alto veio do seculo XVIII, atravessou incolume o seculo XIX e entrou, com desgarrado, pelo seculo XX. O do nosso tempo brilha como um pharol e, na imagem do decadentista Mallarmé, dá idéa de um meteoro tenebroso. Em nossa opinião, o chapéu alto devia cahir perante a insurreição do bom gosto. Mas elle parece ter-se enraizado nos nossos costumes mais solidamente que o systema parlamentar. E os inimigos do chapéu ficaram de ventas á banda, porque continua impertinente a sua carreira, sobrevive a todas as revoluções, affronta todos os regimens politicos, derruba todas as invencionices de chapelleria, é acceto, com boa sombra, por ambos os sexos, conseguiu fazer a volta do planeta como a bandeira tricolor na celeberrima arenga lamartiniana. O chapéu alto ficou como um pretendente que não abdica.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).





APESAR DE SUA TEMPERATURA DE 192° ABAIXO DE ZERO, O AR LIQUIDO PÓDE SER RECEBIDO IMPUNEMENTE NA MÃO

LIQUEFACÇÃO DO AR

A sciencia moderna conseguiu liquefazer o ar que respiramos.

Na sua forma liquida, o ar tem a apparencia de agua a ferver, mas agua com um colorido de azul ethereo, mais brilhante e lindo do que um manancial de rocha. É tão frio que o gelo é comparativamente quentissimo, e de tão poderosos effeitos que uma barra de aço candente, mergulhada n'esse liquido, flammeja instantaneamente e arde n'um momento até se sumir de todo.

Para operar essa transformação no ar atmosferico, é preciso roubar-lhe 200 a 220 graus centigrados de calor. A sua temperatura anda por 192 graus abaixo de zero. O ar condensa-se a esta temperatura, exactamente como o vapor de agua quando a temperatura desce abaixo de 100 graus. Se nós, por analogia, houvessemos conhecido a agua no estado gazoso antes de a havermos conhecido no estado liquido, dar-lhe-hiamos tambem, n'este ultimo estado, o nome de «vapor liquido».

QUANTO CUSTA O AR LIQUIDO

Se a transformação se podesse operar com pequena despeza, se o ar liquido se podesse conservar facilmente, com certeza que o mundo andaria mais depressa. Não ha realmente

A transformação do ar atmosferico

*O ar engarrafado
e o ar em blocos*



uma dificuldade extrema em fabricar o ar liquido. Basta recorrer á bem conhecida lei de physica de que os gazes, quando comprimidos e em seguida entregues livremente á sua força expansiva, arrefecem extraordinariamente. Ora o que é deveras dispendioso é exercer sobre o ar respiravel uma pressão sufficiente para lhe extrair o calor. É necessaria uma pressão de 1100 kilogrammas, pouco mais ou menos. É isso que eleva o preço



QUANDO SE DEITA AR LIQUIDO N'UM COPO, ESTE RECEBE-O A COMEÇO SEM DAMNO...



...MAS, QUANDO O COPO ARREFECE E SE ESTABELECE O CONTACTO MAIS INTIMO ENTRE ELLE E O AR LIQUIDO... ERA UMA VEZ UM COPO!

do ar a cerca de uma libra sterlina por cada medida ingleza de galão (aproximadamente quatro litros e meio), ou duzentas libras por tonelada ingleza, ao passo que o gelo não chega a custar uma libra por tonelada.

COMO SE ENGARRAFA O AR LIQUIDO

Depois de comprimido o ar na machina de pressão, que d'elle extrae o calor, deixa-se escorrer por um tubo e espalha-se n'um receptaculo como um fluido muito limpido. Surge depois o problema: como conservar este fluido? E' claro que elle começa immediatamente a evaporar-se ao contacto com qualquer objecto muito mais quente, e a reverter ao estado gazoso. Ferve logo, tal qual como a agua arremessada sobre a chapa aquecida de um fogão.

Que se ha de fazer? Se engarrafarem esse liquido, ainda dentro de um tubo de aço, basta o calor da materia em contacto para causar uma formidavel explosão, tal que a vasilha mais forte de aço é n'um instante feita em estilhas. Este problema ainda não conseguiu resolver-se satisfactoriamente.

Se se deitar o ar liquido n'uma tigela, elle começa logo a ferver, devido ao calor que absorve. Ao cabo de meia hora, misturou-se completamente com a atmosfera d'onde veio, deixando ás paredes da vasilha cobertas de uma camada bastante espessa de gelo.

Mas se a vasilha estiver cercada pelo va-

cuo, que não conduz o calor, então prolonga-se consideravelmente a existencia do precioso liquido.

Por isso é que se guarda sempre o ar liquido n'uma especie de receptaculo de vidro, de construcção especial, mettido dentro de outro vaso maior, com um espaço entre elles d'onde se extraiu o ar.

Até hoje, em consequencia do seu custo, o ar liquido, assim como o radium, ainda para os homens de sciencia não passa de um brinquedo, tantas e tão bellas são as experiencias que com elle se podem fazer, tão vastas e extraordinarias se antolham as consequencias logo que se possa produzir ar liquido em abundancia e barato.

EFFEITOS DO AR LIQUIDO SOBRE OS OBJECTOS

Não ha perigo no manusear do ar liquido, comtando que elle não esteja hermeticamente fechado.

Pode-se encher com elle uma vasilha de metal, como se fôra com agua.

Mas se se deixar cahir no chão a vasilha, ella quebra-se como se fôra vidro, tal é a fragilidade que o frio intenso communica ao ferro ou ao aço. Pode-se mergulhar a mão n'uma tigela cheia de ar liquido sem sofrer damno algum, comtando que se retire rapidamente a mão. O calor da mão forma momentaneamente uma delgada almofada de ar que a protege como uma luva. Aliás a mão ficaria completamente gelada.

E' uma experiencia interessante entornar o



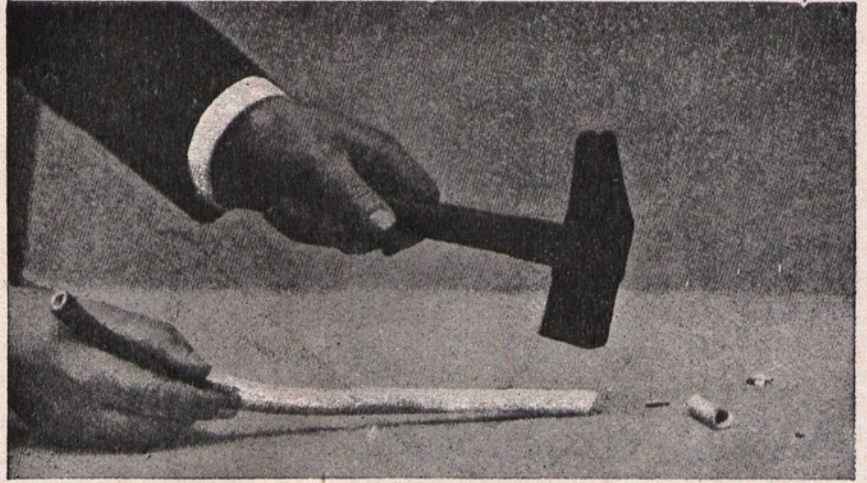
PÓDE-SE MERGULHAR O DEDO EM AR LIQUIDO SEM DAMNO ALGUM, COM A CONDIÇÃO DE O TIRAR COM A MAXIMA RAPIDEZ.

ar liquido sobre frutas, flôres, e outros objectos para ver como elles ficam instantaneamente endurecidos.

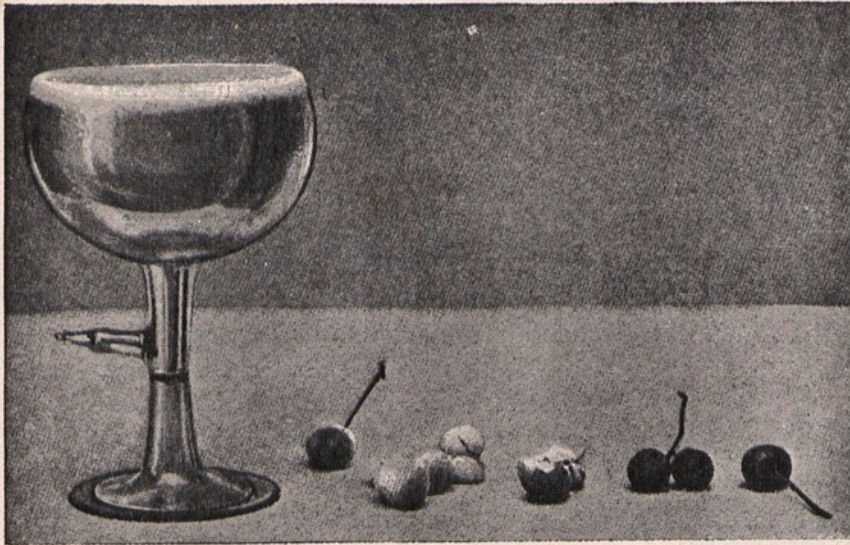
As uvas, por exemplo, tomam a consistencia de pedras.

As flores ficam tão quebradiças, que com o dedo se podem partir em bocadinhos. Um pedaço de carne de vacca fica tão duro que resoa como um sino quando lhe batem, e pode ser facilmente reduzido a pó.

Mas as flores e as fru-



PULVERISAÇÃO DE UM TUBO DE CAOUTCHOUÇ ENDURECIDO NO AR LIQUIDO



FRUTAS CONGELADAS NO AR LIQUIDO; À DIREITA FRUTAS NÃO CONGELADAS

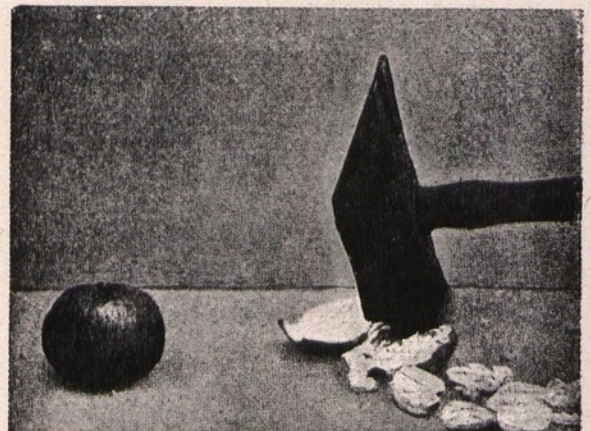
tas voltam em breve á temperatura normal, e não apresentam signaes de terem soffrido cousa alguma com a experiencia.

FERVER SOBRE O GELO

O liquido magico é o mais curioso dos paradoxos da actualidade. Apesar de liquido, não molha, porque não contem uma gota de humidade.

Apesar de intensamento frio, é em certo sentido realmente quente, por isso que ferve em contacto com substancias geladas. Alem d'isso quanto maior é a effervescencia, tanto mais intenso se torna o frio.

Com o ar liquido, faz-se ferver uma chaleira em cima de um bloco de gelo. Não ha nada mais simples. Ponha-se a chaleira em cima do gelo, encha-se de ar liquido, e eil-a que desata logo a ferver sem lume. O metal da chaleira está quente em comparação com o liquido, e é isso que produz a ebullição e a evaporação do ar, o qual em nuvens se evola pelo bico da chaleira. O proprio gelo, a pouco menos de zero de graus, está quente em relação ao ar — 192 graus centigrados

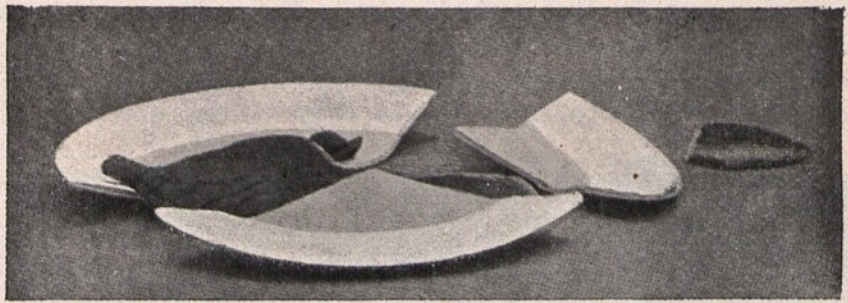


[COMO UMA LARANJA MOLHADA NO AR LIQUIDO SE DESFAZ EM PÓ

mais quente. Acontece pois que, se partirmos um pedaço de gelo, «gelo quente», se é permittida a junção dos termos, e se o deitarmos para dentro da chaleira, a ebullição, que ia abrandando á medida que o metal arrefecia, redobra immediatamente de violencia, e o vapor sae pelo bico em nuvens densas. Uma pouca de agua deitada para dentro da chaleira estimula egualmente a ebullição, embora a agua gele instantaneamente e fique seca como um pedaço de gesso.

Uma das mais interessantes habilidades a que se presta o ar liquido é a de fazer um sorvete dentro de um taboleiro ou de uma fôrma aquecida.

Basta para isso entornar umas gotas de ar liquido sobre as partes componentes do sorvete, sejam ellas quaes forem, e apesar da



UM BIFE TÃO DURO, DEPOIS DE MERGULHADO NO AR LIQUIDO, QUE SE QUEBRA O PRATO ANTES QUE ELLE SE PARTA

tura do ambiente, o primeiro elemento a vaporizar-se é o azote, deixando durante algum tempo um liquido azul, que contem 75 por cento de oxygenio.

Este facto dá motivo a experiencias interessantissimas, alem de ser de uma grande importancia scientifica, pela facilidade de obter oxygenio cujo valor therapeutico é tantas vezes aproveitado pelos medicos.

Muitas substancias, que não ardem promptamente no ar ordinario, incendeiam-se com chamma, ao contacto de uma simples faulha, depois de embebidas em oxygenio.

Assim, uma pequena porção de oxygenio liquido esbrazea instantaneamente um charuto.

A lâ saturada de oxygenio liquido, flammeja como polvora apenas lhe chegarem um fosforo.

Pela mesma forma, se consome completamente um pedaço de feltro.

APPLICAÇÕES UTEIS QUE O FUTURO RESERVA AO AR LIQUIDO

A primeira applicação pratica importante d'este magico liquido será como frigorifico.

Actualmente, para conservar a fruta n'uma viagem longa por caminho de ferro—a distancia, por exemplo, de S. Francisco da California a New York, cousa de 3300 milhas—é necessario atulhar cada vagão com umas vinte a trinta toneladas inglezas de gelo.

Isto, além de sobremaneira dispendioso, rouba um espaço importantissimo.

Uma pequenissima quantidade de ar liquido produzirá o mesmo effeito do que essa enorme porção de gelo, e com muito mais simplicidade. Depois, nada melhor do que o ar liquido para refrescar o ar que respiramos.

Nos hoteis e nos hospitaes, sobretudo, a sua utilidade será immensa de futuro.

Outra grande applicação será como motor



METTA-SE UM CHAPEU EM AR LIQUIDO E VER-SE-HA COMO LOGO SE ESMIGALHA N'UM PROMPTO

chamma que arde debaixo da vasilha, o sorvete apparece sem demora.

Mesmo por cima da chamma, agglomera-se no fundo da vasilha uma camada de gelo.

A COMBUSTÃO ACTIVADA

Quando se expõe o ar liquido na tempera-

e como explosivo. Com ar liquido applicado a uma locomotiva, é desnecessario o fogo. O calor do ar ambiente basta para que o novo combustivel dê movimento á machina. E que



AS FLORES GELADAS NO AR LIQUIDO REDUZEM-SE N'UM MOMENTO A PÓ

combustivel haverá mais abundante do que o que nos fornece a propria atmosfera?

Finalmente, na medicina, o ar liquido está destinado a representar um papel importante para beneficio da humanidade enferma.

Já está estabelecido em New York um Instituto de Ar Liquido, particularmente para o tratamento das doenças de pelle, e são muitas e prodigiosas as curas que se relatam. Applicado á pelle por meio de um pulverizador, o ar liquido actua repentinamente como anestesico, prende a circulação do sangue, e despe de todo o terror o bisturi do cirurgião.

A unica difficuldade que por emquanto se oppõe ao emprego universal do ar liquido, é o seu preço excessivo.

Quando chegar o tempo em que o ar liquido se fabrique a preço relativamente infimo, que contentamento deve espalhar-se pelo mundo inteiro!

«É provavel», declara o inventor do ar liquido, «que nem a propria electricidade venha a prestar mais relevantes serviços á humanidade».

De um momento para o outro se pôde resolver o probema de produzir ar liquido barato, porque ha muitos homens eminentes que a elle se dedicam assiduamente. Esta esperanza é realmente consoladora para nós todos.

COMO SE OBTÊM BLOCOS DE AR SOLIDO

Mas caminhou-se já mais ávante. O ar gazoso que respiramos, depois de passar ao estado liquido, já attingiu o

ultimo grau de condensação da materia. O professor Metz, da Universidade de Tulane (Luisiania), depois de fazer um grande numero de experiencias com o ar liquido, conseguiu fazer ar que pode ser manuseado como um pedaço de metal ou uma pedra, mas com mais cautela, porque a sua temperatura é tão baixa que o mercurio gela rapidamente em contacto com elle.

Como se obteve este assombroso resultado?

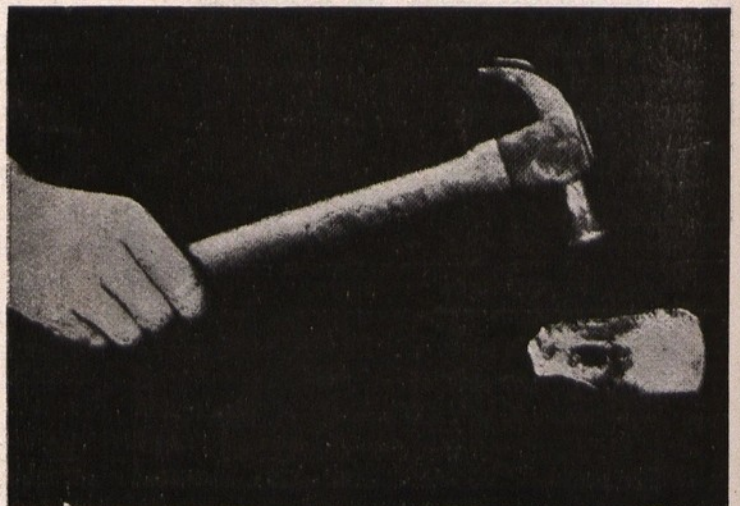
Simplesmente evaporando o ar liquido e fazendo o vacuo sobre a sua superficie. Mette-se o ar liquido

n'um tubo de prova, que se rolha, e se liga ao aparelho pneumatico por via de um tubo de vidro que atravessa a rolha.

Apenas se faz a ligação, o ar liquido começa a cair e a ferver, e o frio chega a tal intensidade que a atmosfera fóra do tubo se condensa e escorre por elle abaixo. Dentro de poucos minutos está solidificado o ar liquido. Quebra-se depois o tubo, e tira-se o bloco de ar solido.

PROPRIEDADES DO AR SOLIDO

O ar solido tem a apparencia do gelo, mas não pode quebrar-se. Quando o professor Metz tentou quebrar um pedacito do tamanho de uma avelã com um martello de ferreiro, o martello resaltou como se batesse n'uma al-



SOBRE UM BLOCO DE AR SOLIDO, RESALTA O MARTELLO QUANDO A PANCADA FÔR BRUSCA

mofada elastica. Mas não ressaltará se a pancada fôr dada com brandura; n'esse caso o martello ficará agarrado ao pedaço de ar.

O poder do ar solidificado como explosivo é muito superior á dynamite. Nas minas de carvão, a sua utilidade será consideravel. Mette-se entre o carvão um cylindro carregado de ar solido, por meio da electricidade, e quando faz explosão, produz oxigenio puro, purificando a atmosphaera de todos os gazes mephiticos e tornando as galerias aptas para n'ellas se respirar livremente.

Possivel é que mais surpresas nos reserve o ar solido, á medida que os sabios forem multiplicando e barateando os meios de o obter.

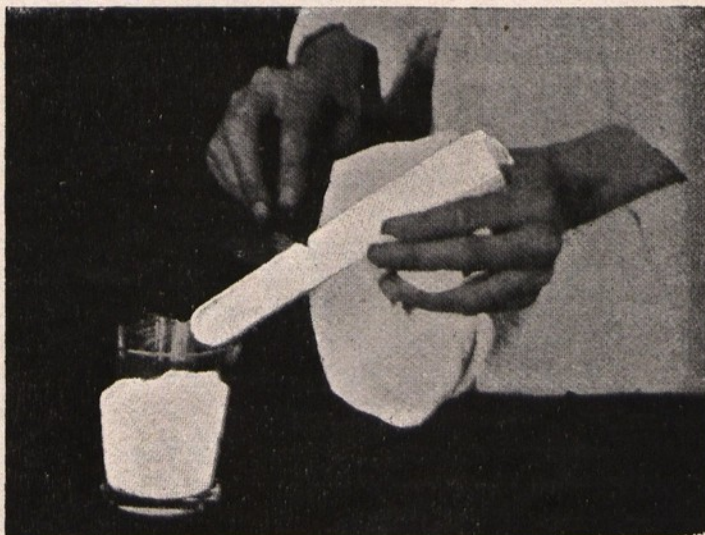
CONCLUSÃO

Mas, voltando ao ar liquido, cujas applicações melhor se precebem desde já, eis as palavras com que um physico entusiasta summaria todas as vantagens que o futuro reserva á sua producção:

«Chimeras de hontem, as fantasias do *Doutor Ox* serão as realidades de amanhã, e mais uma vez será Julio Verne propheta!

«Em resumo: tres dos elementos mais importantes da chimica, hydrogenio, oxygenio, azote, postos á nossa disposição no estado puro e em condições de grande barateza pelos novos methodos; n'uma das extremidades da escala thermometrica, altas temperaturas produzidas pelas combustões no oxygenio; na outra ex-

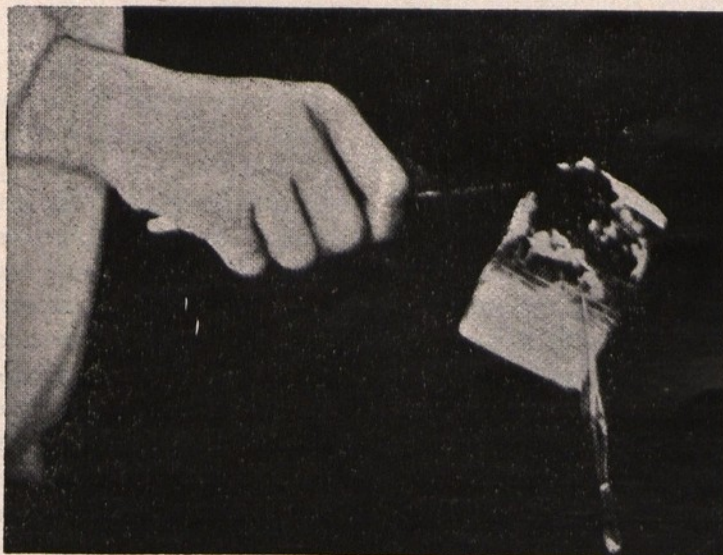
tremidade, temperaturas baixissimas fornecidas pelo ar liquido; eis as alavancas extraordinariamente potentes com que mais uma vez a utilização attenta e racional das propriedades da materia terá dotado a industria humana.



COMO A HUMIDADE DO AMBIENTE SE CONDENSA NA SUPERFICIE DO TUBO EM QUE SE FAZ AR SOLIDO

«É se nós procurámos prever algumas das suas applicações eventuaes, quem poderá dizer que amplidão poderá ainda ter em terreno tão novo o campo das surpresas reservadas aos investigadores!»

Com effeito, não se vêem limites ao horizonte aberto por este maravilhoso invento. Baste por emquanto, para aguçar a curiosidade dos leitores, a ideia de que em breve poderão talvez manusear facilmente o ar metido em chavenas e o ar transformado em pedras.



A FORÇA MAGNETICA DO AR SOLIDO É IMMENSA; CUSTA MUITO A DESTACAR QUALQUER COUSA QUE A ELLE ADHERIR

Se a mocidade soubesse...

III

O ADEUS DO BURGRAVE



ERA uma grande folha de papel dobrado em carta e com enorme sello, onde estava estampado um brazão de armas. No endereço estes dizeres: Ao muito nobre sr. Estevam Lee, conde de Waldorf Kilmansegg, na estalagem da Cegonha de Prata, em Wellenshausen.

Tinha o theor seguinte a mensagem:
«Senhor.

«Mal regresssei ao castello, soube com infinito desgosto que por estar ausente não podera fazer-lhe as honras da minha casa, durante a sua amabilissima visita. Esperançado em que esteja ainda por estas visinhanças, venho escrever-lhe á pressa, com o fim de pedir-lhe que, no caso de julgar a nossa pobre hospitalidade merecedora de uma tal fineza, se digne voltar aqui, para que eu tenha a satisfação de poder de viva voz chamar-lhe meu hospede.

CARLOS LUDUVICO
Burgrave de Wellenshausen

O moço viajante, que tinha estado a lembrar-se da sua visita furtiva ao castello roqueiro, e d'aquella noite passada como as duas damas ao abrigo das odiosas muralhas, como de aventura um nadinha picante, se bem que no fundo completamente innocente, ficou desapontado quando acabou de ler a carta. Soffreu esta impressão tanto por causa do romance da vespera, como pelo que se dizia a respeito do famoso Barba-Azul de Wellenshausen, cujos ferozes ciumes o levavam a encerrar a sua Fatima em torre de tão grossas paredes como a de Santa Barbara. Em vez de decepar a cabeça de Fatina, pelo contrario manda chamar a toda a pressa o audacioso visitante e pede-lhe até que acceite os thesouros da sua carinhosa amabilidade!

—Ah! Meu amigo Hans—pensou Estevam, com um grande bom senso—as suas palavras e a sua rabeça disseram dispara-

tes bravios com respeito ás surpresas da vida e á rosa de oiro da mocidade!... O mundo é logar de faina incessante, melancolico e sombrio, e os sonhos, com que as suas palavras me encheram o pensamento, são apenas filhos da minha phantasia e do arco da sua rabeça.

Olhou para dentro do pateo da estalagem, atravez de uma parreira, e viu o musico sentado n'um banco, tocando cheio de entusiasmo para uns pequenitos, que dançavam de mãos dadas. A manhã ia clareando, e frechas doiradas de luz solar já trespassavam o nevoeiro. O mensageiro do castello, um elegante *Jäger* de libré verde e côr de amora, permanecia de pé, a certa distancia, com a discreta indifferença da sua condição, franzindo os beiços para acompanhar com assobio imperceptivel a toada que espalhava alegria no pobre pateo. Um pouco mais longe a sege de viagem do fidalgo recebia a carga respectiva, sob as vistas do lacaio do conde. O convite do burgrave era afinal de contas uma coisa banal, quasi vulgarissima, além de que o programma para aquelle dia de jornada não tinha a menor urgencia.

*
* *

O rabequista arrancou do instrumento uma ultima nota, muito prolongada, provocando da parte dos pequenos os mais ruidosos protestos. Uma sineta começou a tocar ao mesmo tempo, com um som desagradavel e persistente.

—São horas de irem para a escola!—gritou o musico á pequenada e voltou-lhe as costas, encaminhando-se para o conde, a quem fez uma cortezia e perguntou:

—O Barba-Azul escreveu-lhe a convidal-o para tornar ás alturas de que é senhor omnipotente?—Não vá.

—Dá-me esse conselho!—exclamou o outro, com espanto. Era de dois dias apenas

o seu conhecimento com a singular creatura, que em parte pela magia da sua musica, em parte pela atmospherã de mysterio de que se rodeava, em parte por qualquer estranho poder pessoal, o tinha fascinado, como nenhum outro homem o fizera até ali. Realmente o prudentissimo conselho era o ultimo que poderia esperar do rabequista, de quem ouvira sempre suggestões contrarias ao bom senso e ditadas em nome da Mocidade e da inspiração do momento.

Ora elle, como já se disse, era meio inglez pelo sangue e mais de meio pela educação. E tinha vinte e dois annos. Rebelou-se por teimosia e espirito de combatividade. De mais a mais havia tão pouco tempo que era senhor das suas acções!... la forçosamente!

Avançou arrogante para a ladeira que escalava a penha, e, enquanto a malla e o sacco de viagem eram postos sobre uma mula, deteve-se a contemplar as aguas que espadanavam do seio do monte, escuras e rapidas e tão cruelmente frias. Foi quando avistou o musico ambulante, que já lhe tomava a deanteira, mas encaminhando-se para a estrada real.

—Em breve nos tornaremos a ver—disse-lhe o conde affavelmente, e começou a trepar o carreiro.

Ao que o musico respondeu com voz sourna:

—Quem sabe?

O conde ergueu os olhos para o castello, que muito no alto recortava o perfil escuro e sinistro sobre o pallido firmamento, e sentiu pelo corpo um calafrio, como sombra que passasse repentina.

*

* *

Ia adeantado em annos o burgrave para ter mulher tão nova, mas era homem de agradável presença, robusto e bem apesoado. Muito amaveis as suas maneiras, tão amaveis que chegavam a perturbar o hospede, adstricto, como inglez, á reserva britannica. O burgrave ria a miude, e dizia frequentes gracejos tanto á esposa como á sobrinha; todavia Estevam percebeu que a primeira estava contrafeita e que Sidonia olhava para o tio, de quando em quando, com uma expressão de surpresa e desdem.

E tambem conhecera, de si para si, que algumas das gargalhadas mais estrepitosas do castellão parecia encobrirem perfidia, e, quando estavam sós os dois, não era sem um vago desconforto que encontrava os olhos do burgrave a fitarem-n'õ inflexivelmente, em completa discordancia com a suave franqueza e a lisongeira expressãõ, que lhe esvoaçavam nos labios.

*

* *

Na manhã do terceiro dia foi Estevam convidado para ir ver ás ameias do castello o panorama que de lá se desfructava, especialmente quando o tempo estava perfeitamente claro, como acontecia n'aquella occasião. Foi então que se encontrou a sós com a burgravina. Estavam no cimo da torre mais alta do burgo e ouviam as grandes risadas do burgrave echoando ao longo da escada de caracol e subindo até elles.

—Oh! Ceos! exclamou Betty repentinamente.

O conde voltou-se. O grito era tão tragico e cheio de incerteza!... Os olhos da burgravina não tinham lagrimas, mas havia terror verdadeiro no seu lindo semblante.

—Porque veiu?—perguntou ella a meia voz.—Valha-nos Deus! Pois não percebeu logo que era uma cilada?

—Uma cilada!

—Sim, uma cilada! Parece impossivel que não adivinhasse. Está a espreitar-nos como um gato... um gato prestes a saltar; e sou eu o pobre ratinho que espera a morte. Oh! Não supporto isto nem mais um momento... aliás enlouqueço! Se ao menos não tivesse vindo!... Como soube elle? Que lhe disse eu? Não tinha nada que lhe dizer, pois não é assim? Não fizemos nenhum mal. Isto é justo? Disse-lhe uma mentira, não nego, e elle deu por isso. Oh! Se tem espias por todos os lados! E agora julga que lhe occulto o que quer que seja, e espera apenas o momento de ter completa certeza... Mas o sr. conde é que devia prever tudo isto. Um homem que por ciume tem a esposa enclausurada, não é susceptivel de dar tão amavel hospitalidade a estranhos, bem parecidos demais a mais, sem algum motivo particular.

Como já podia expressar-se, tinha outra vez o rosto animado. Custasse o que lhe custasse, não deixaria de corroborar com um lampejo dos seus olhos azues aquella derradeira sentença.

Está preso e enleado, affianço-lhe, pela delicadeza e hospitalidade do brugrave, e se julga poder libertar-se antes de elle realisar o seu plano a nosso respeito, é porque decididamente o não conhece.



O CONDE TORNOU-SE MUITO PALLIDO, PUXOU-A PARA TRAZ, ENCOSTANDO-A CONTRA O PEITO

Estevam ainda se achava sob a impressão do espanto, mas como sentia pairando no ar alguma coisa que justificava as palavras da burgravina, disse:

—Bem! Vou-me embora hoje mesmo.

—Vae-se embora! —atalhou ella com esgarneo, e logo mudando de tom accrescentou:—Vae, se puder. Creia que elle o tem perfeitamente envolvido nas suas rêdes.

—O seu plano a nosso respeito! Mas que plano é esse?—perguntou Estevam erguendo a cabeça com indignação, mas cada vez mais incommodado, pelo tom vago em que ella se expressou.

A burgravina olhou-o durante um segundo, franzindo levemente os labios e os sobrolhos. Para uma dama exercitada no trato da côrte westphaliana, tornava-se um tu-

do nada irritante a simplicidade ingleza do seu interlocutor. Voltou-se para o lado e redarguiu, encolhendo os hombros:

—*Mon Dieu!* Chega a embarçar-me. Conhece de certo os grandes poetas. Pois então imagine que o burgrave estimaria muito ver-nos representar de Paolo e Francesca, para poder assumir o papel de Malatesta.

—Grande Jupiter!—exclamou o ingenuo mancebo. Viu então a dama inclinar a cabeça e baixar as palpebras modestamente. Era Scylla e Charybdis. Não restava a minima duvida: tinha de sahir forçosamente d'aquelles mal seguros ambitos, na primeira oportunidade.

Estavam ambos debruçados lá muito no alto, perante o infinito azul, mirando o campo que se estendia como tapete verde, onde uma creança tivesse posto os brinquedos. Uma fita branca alongava-se até muito longe: era a estrada que teria de seguir. Quem lhe dera apanhar-se lá! Voltou-se para Betty, pegando-lhe na mão de incomparavel macieza, inclinou-se e beijou-lh'a.

—Se isto fosse um adeus?—perguntou.—Era o melhor para nós ambos, acredite.

Fallava sinceramente, coitado! porém a burgravina leu coisa differente no toque d'aquelles labios e na emphase d'aquellas palavras; e agarrando-lhe as mãos disse-lhe abruptamente:

—Primo, leve-me comsigo! Leve-me para o meu paiz! Se aqui fico, elle mata-me... ou então mato-me eu!

E como a cara transtornada de Estevam e as mãos, que inconscientemente a repelleram, estavam longe de lhe dar a resposta implorada, a burgravina correu para a muralha e debruçou-se para fora do parapeito, gritando:

—Ah! Recusa-me o seu auxilio? E eu precipito-me d'aqui!

Se estivesse perto, Sidonia diria ao conde que ha muito se tinha acostumado a estas ameaças. Elle, porém, tornou-se muito pallido e puxou-a para traz, encostando-a contra o peito.

—Obrigada!—murmurou Betty, emquanto o conde tremia todo, de pensar no medonho precipicio.

E amparou-se a elle, com a perfumada cabeça a descанçar-lhe no hombro, e disse

com voz ainda mais fraca:—Acaso é muito o que lhe peço? De certo que não é. E veja a confiança que deposito no primo! Desejo apenas a sua companhia e protecção para regressar ao meu paiz. Parece-me que não exijo muito.

Queria dizer «a sua vida inteira» e elle bem o comprehendeu.

Mas que podia fazer um rapaz, sentindo os braços de uma linda mulher em volta de si e ouvindo-lhe murmurar supplicas ardentes?

—Ah! Ah! Ah!—Este som, que subiu da escada de caracol, era de uma gargalhada do burgrave.

Betty soltou-se rapidamente dos braços de *Beau Cousin*, e, com um dedo erguido a recomendar circumspecção, disse baixinho:

—Arranjarei tudo. Nunca mais podemos estar sós.

N'isto ouviu-se a voz de Sidonia, que tambem vinha da escada.

—Escrevo—tornou Betty a segredar.

E teve força para sorrir maliciosamente!

*

* *

—Sabe, Ludovico? Estive mostrando ao nosso primo até onde chegam os seus estados—disse ella galhofeiramente, indo metter o braço no do marido, mais senhora de si do que nunca tinha estado desde que elle voltara.

—Estou certo de que o nosso primo aproveitaria muito com essa explicação, e que já faz ideia completa dos limites da minha propriedade.

Estas palavras, acompanhou-as o burgrave de Wellenshausen com o seu costumado sorriso jovial e com um olhar impassivel, pelo que Estevam, dando-lhes uma terrivel accepção, sentiu a testa banhada de suor frio.

Ao voltar-se viu o innocente rosto infantil da baroneza Sidonia e sentiu-se profundamente envergonhado e envilecido.

*

* *

O elegante *Jäger* do burgrave perfilou-se deante d'elle e fez-lhe uma continencia mi-

litar. O amo virou-se sem se levantar da cadeira e carregou os sobrolhos. Havia escuro no grande aposento todo forrado de pedra, e só allumiado por um candieiro com quebra-luz. No circulo de claridade que este limitava, apparecia o semblante do fidalgo, de energia igual á que ostentaria, quatro seculos mais cedo, o de algum dos seus antepassados no acto de planear, emparceirado com o predilecto escudeiro, estratagemas que o livrasse de um perigoso inimigo.

—Averigui — informou o serviçal — que foi dada ordem, de repente, para que a sege de viagem do conde de Kilmansegg esteja esta noite no começo da rampa que vem ter ao castello.

—Ah! Sim?—disse o burgrave n'um tom quasi de triumpho.

O *Jäger* tirou do peito da farda um pedacito de papel, mas, vendo as chammassas que fuzilavam dos tôrvos olhos do fidalgo, observou-lhe serenamente que a burgravina ainda não tinha lido o bilhete, e que elle promettera á Elisa restituir-lh'o sem ir amarrotado nem rasgado.

O castellão approximou da luz a missiva. Era em francez e muito laconica:

«Está tudo arranjado. Espero-o á entrada da torre de leste, ás nove horas em ponto.»

Ficou durante algum tempo com os olhos fixos n'estas palavras.

Uma onda apoplectica de sangue invadiu-lhe a cabeça desnudada de cabello, e as veias intumesceram-lhe como cordas. Depois, tornou a dobrar o papel com meticoloso cuidado e restituiu-o ao lacaio, dizendo-lhe com voz sacudida:

—Vae dal-o outra vez á creada e recommenda-lhe que o entregue quanto antes.

—Queira desculpar, mas isto custou-me hoje a corrente do relógio... E tomei ainda a deliberação de prometter mais duas moedas de oiro...

—Pateta! Podias ter conseguido tudo com simples provas de amor. Os homens são em numero escassissimo por estes sitios...

O *Jäger* encolheu os hombros e explicou cynicamente:

—Ah! Ella tambem me acceitou os beijos. Não se admire, sr. burgrave. São assim todas as mulheres.

O amo soltou uma praga, mas atirou

com as moedas para cima da meza.—Bons tempos os antigos, quando um homem podia fazer executar dentro do seu castello tudo o que lhe viesse á ideia, sem ter de acceitar ajustes como aquelle. Como, porém, o creado rodou sobre os calcanhares e sahiu, voltou o feroz sorriso de triumpho aos labios do burgrave:

—Á entrada da torre de leste!—murmurou.—Escolheram admiravelmente os pombinhos!

E gradualmente perdeu-se em cogitações.

*

* *

A burgravina estava com a sua terrivel enxaqueca, e pediu desculpa de não assistir á ceia. Apesar de doente, tinha o olhar animado e andava á roda do quarto como avesinha irrequieta dentro da gaiola. Estava só, porque um tardio conselho da prudencia a levára a dispensar a creada de quarto durante os ultimos preparativos. Muito preocupada, tão depressa olhava para as dimensões acanhadissimas do sacco de viagem—coisa maior não podia impôr á obsequiosidade do primo Kilmansegg, na jornada que iam fazer por caminhos intransitaveis—como punha a vista nos mil objectos, que, nos ultimos instantes, lhe pareciam seus indispensaveis companheiros.

De repente sentiu uma pancada nos vidros da janella. Estremeceu, e, se não estivesse a opprimir-lhe o espirito o peso de recondita culpa, teria soltado um grito fortissimo, pedindo soccorro, quando percebeu que por fóra da janella, encostado á vidraça, estava o rosto de um homem.

Logo, porém, reconheceu o musico ambulante e foi para elle de corrida. O ente singular, que em todas as casas d'aquellas cercanias era sempre recebido como pessoa de familia, recommendava-se para ella por ter servido amigavelmente de guia ao nobre conde, estremecido «parente» da fidalga. Perguntou-lhe muito pressurosa se lhe trazia algum recado. Hans, cujas faces vinham molhadas pela neve, deixou-se cahir no assento que havia no vão profundo da janella. Deitou em volta de si um olhar



—DA MINHA PARTE !—DISSE HANS, PONDO A MÃO NO CORAÇÃO

investigador, e quando fallou já não foi em resposta áquella pergunta.

—Subi até cá acima agarrando-me á herá, mas arriscando a pelle, pois o seu mui digno marido e senhor despiedosamente a mandaria esfrangalhar pelos seus molossos, se me tivesse presentido. Como eu

apreciarei, até ao fim da vida, a vantagem de entrar pelas portas!

—Mas pelo amor de Deus!—exclamou a burgravina, que, apesar do seu delicioso aspecto, era muito positiva.—Subiu até aqui certamente para me dar qualquer aviso. Traz-me algum recado?

O musico inclinou-se, fazendo um gesto affirmativo.

—Da parte d'elle!

—Da minha parte!—disse Hans, pondo a mão no coração.

Betty encarou com o rabequista e olhou cheia de medo para a porta, que estava fechada.

O outro adivinhou-lhe o pensamento, e disse sorrindo com um ar que o collocava muito superior a ella:

—Deus me livre!... Não presumo tanto de mim.—E continuou, mas já n'outro tom:

—Sabe que o *Jäger*, confidente do seu marido, esteve hoje na aldeia conversando, o mais intimamente possível, com o postilhão do conde de Kilmansegg?

—Deus me valha!—gritou ella, presentindo o que no facto podia haver de funesto.

—E depois da conversa trepou a montanha até ao castello, na companhia de alguém que lhe amenizou a ascensão, tanto assim, minha senhora, que o braço do lacaio veio sempre em volta da cintura da sua creada grave.

A burgravina, descórada até nos labios, cahiu sentada no sophá.

—Da creada que tanta confiança lhe merece—insistiu o musico.

—Oh! Deus do céo!—disse a fidalga, erguendo um olhar piedoso para o tecto abobadado.—Se eu ainda hesitasse, bastava isto para decidir-me. Não me arrisco a passar nem mais uma noite n'este castello.

—Perigo por perigo—disse o rabequista despreoccupadamente—se eu fosse tímido, preferia esperar o que dêsse o acaso.

—Que quer dizer?—perguntou ella, anhelante e com os olhos esgaziados.

—Quero dizer que está chovendo muito e que desde aqui até ao principio da encosta, fica molhada, minha senhora, tão molhada que se lhe amortecerá para todo o sempre a mais ardente chamma.

A fidalga levantou-se com dignidade.

—Saiba, senhor, que áceitei a protecção do conde de Kilmansegg, a fim de voltar para junto da minha familia, porque confio absolutamente na sua honra!

—Muito bem!—retorquiu Hans, com suavidade.—É preferivel, não ha duvida, partir secretamente e pela calada de noite em companhia de um rapaz bonito, a recorrer ao auxilio de qualquer parente mais pro-

ximo e de mais idade... um pae, por exemplo, ou um irmão. Torno contudo a lembrar-lhe que está chovendo muito... e tenho receio de que, vendo-a chegar á Austria, a sua familia julgue que a viagem foi muito mal planeada.

Com o seio a arfar, a burgravina murmurou:

—É profundamente injusto que os homens possam fazer tudo o que lhes appetee, ao passo que nós, as mulheres...

As lagrimas quasi lhe embargaram a voz, o que fez com que o musico podesse replicar:

—As mulheres são as ambulans de crystal onde se contém a honra da casa. É por isso que devemos pô-las n'um altar. Minha senhora, por enquanto é sanctuario a sua presença, e ainda posso ajoelhar-lhe aos pés. Mas amanhã?...

O rubor subiu ás faces da bonita mulher, que bem quiz explicar-se, mas que só poudo tartamudear:

—A'manhã... o quê?...

—Nem calcula quanto é mais sensato ficar sob o tecto conjugal, em noite como esta.

Bateram á porta. Com ligeireza de esquilho o rabequista girou sobre os calcanhares e desapareceu pela janella.

A burgravina deu uma rapida vista de olhos ao aposento, escondeu a caixa das joias e o sacco de viagem n'um armario e foi fechar a janella, dizendo ao mesmo tempo, ao ouvir que batiam á porta segunda vez:

—É um momento, só um momento!

Parou ao pé da janella e olhou para fora. Estava, com effeito, uma noite medonha. Depois foi abrir a porta.

—A tia está melhorzinha?—perguntou Sidonia, pois foi ella que entrou.

—Sim, filha, estou melhor. Já ceaste? Que tarde que deve ser, pois não?...

N'isto o relógio do castello principiou a dar horas e deu nove.

—Nove horas—gritou Betty.—Que se ha de fazer?...

Bateu na testa com ar atormentado e disse comsigo mesma que não podia fiar-se na perfida da creada, na Elisa. Reparou em Sidonia, e, tendo-lhe mirado o candidato semblante, pegou-lhe na mão e disse:

—Escuta, filhinha. Vaes fazer-me um

grande favor. O conde de Kilmansegg parte esta noite...

Dilataram-se as pupilas da donzella e a face tornou-se mais pallida, mas nem uma palavra se lhe ouviu.

—Fui eu que o aconselhei a ir-se. O ciu-me injustificado de teu tio...

Sidonia meneou a cabeça affirmativamente. O burgrave não se tinha mostrado, n'aquella noite, dos mais apaziveis companheiros. Bebera copiosamente e alternára, com intervallos de silencio, chufas pesadas e quasi offensivas, dirigidas ao seu hospede, embaraçando-o muito com ambas as coisas.

—Era o meu dever. (Oh! como se sentiu virtuosa a burgravina de Wellenshausen!) Eu tinha-lhe prometido... Coitado do rapaz! É meu primo... Tinha-lhe prometido que ia dizer-lhe adeus e... mas agora... (A mulher do burgrave julgou positivamente que a sobrinha já devia estar a ver-lhe despontar uma aureola em volta [da cabeça])... pensei que teu tio pode te ouvidofa combinação e que talvez faça juizos temerarios e... Olha, meu amor, tens de ir dizer adeus, da minha parte, ao conde de Kilmansegg.

—Eu!—gritou Sidonia, estremecendo.

—Sim, tu mesma!—respondeu Betty com aspereza.—Elle está esperando por mim na torre de leste. Vaes lá e dizes-lhe: «Minha tia mandou-me aqui, para da sua parte lhe dizer adeus. É melhor assim». Anda! Porque esperas? Ah! Tens medo da chuva?... Espera! Abafa-te!

E atirou-lhe com desdem a capa de viagem, que estava prompta em cima da cama, e recommendou-lhe que deitasse o capuz para a cabeça, visto chover cada vez mais e não poder perder-se um instante.

Mostrava certamente mais anciedade e receio na voz e nos modos, do que imagi-



SIDONIA APANHOU A CAPA EM VOLTA DE SI E CORREU A DESEMPENHAR O MANDADO

nava; a prova é que Sidonia, tendo-a contemplado por momentos, apanhou a capa em volta de si e correu a desempenhar o mandado.

Betty soltou um grande suspiro de satisfação e tocou a campainha com força.

—Elisa—disse ella á petulante creadita, ao mesmo tempo que a intimidava com um olhar severo, em castigo dos ares de confidencia, que apparentava ao entrar—accenda o fogão e sirva-me a ceia. Estou melhor da enxaqueca. Ouça! Accenda tam-

bem as vellas da serpentina e traga-me a *Nouvelle Héloïse*. Mas que olhos são esses, ó mulher? E como está fazendo hoje tão mal as suas obrigações! Temos amori-cos? . . .

*
* * *

As reflexões que fez Estevam enquanto esperava no recanto mais abrigado da torre de leste, ouvindo o bater e o restolhar da chuva, não eram susceptíveis de satisfactoria descripção. A loucura da fraqueza é a peor das loucuras; e a certeza de que a temos, é o que ha de mais torturante. Estava a ponto—inutil era negal-o—estava a ponto de arruinar a sua vida; de tomar sobre si uma carga insupportavel, de commetter, na apparencia pelo menos, um crime contra a hospitalidade; de pôr uma nódoa no seu nome tão antigo; e tudo isto sem receber em troca a mais leve recompensa, nem poder apresentar, até para comsigo mesmo, a attenuante de qualquer impulso de paixão. Se até o pensar que ia viajar com ella, durante muitos dias e em intimidade, o enchia de aborrecimento! A perspectiva de ter de viver longo tempo com a burgravina, afigurava-se-lhe então uma coisa impossivel de tolerar!

O rabequista Hans, esse mysterioso vagabundo, tinha grandes responsabilidades no caso. Mas se Estevam lhe houvesse escutado os conselhos, as coisas não estariam n'aquelle estado.

*
* * *

Sidonia approximou-se d'elle a passos ligeiros, com um sussurro de fato molhado. Parou no principio do corredor e perguntou a meia voz:

—Está ahi, sr. de Kilmansegg?

O conde avançou alguns passos e ella agarrou-o com a mão pequenina, que estava fria como gelo.

—Espere! Parece que senti passos atraz de mim.

Ficaram ambos á escuta, nem se atrevendo a respirar.—Que situação para um rapaz, cujo orgulho lhe fazia erguer bem alto a cabeça, no meio de toda a gente!

Só ouviram a bulha forte e desagradavel da chuva.

—Não! Não foi nada!—disse elle e passou-lhe, embora contra vontade, o braço em redor da cintura. Com grande espanto seu, o contacto produziu um rapido movimento de esquivança. Logo a seguir, todavia, agarraram-se ambos um ao outro, porque ouviram um ranger mysterioso, e, quasi immediatamente, o solido pavimento onde estavam pareceu que lhes cedia debaixo dos pés.

—Deus meu! A torre está a desmoro-nar-se!—gritou o conde. E como agarrasse a creatura que tinha ao pé de si, com um movimento de instinctiva protecção do homem para a mulher, percebeu que o corpo delicado que cingia nos braços não era o da burgravina. Ao mesmo tempo sentiu que iam escorregando, e, antes que podesse fazer qualquer coisa a não ser deitar-se para traz com o fim de não esmagar a companheira, foram ambos precipitados com grande velocidade ao longo de uma rampa muito ingreme. Pouco instantes depois batiam com os pés de encontro ao terreno. Durante segundos Estevam ficou estendido no chão, estonteado e offegante, com o outro corpo a pesar-lhe sobre o peito. Dançavam-lhe estrellas por deante da vista.

Vagamente, e como se viesse de grande distancia, sentiu por cima da cabeça o echo de uma gargalhada, e outra vez o tal ranger, como de cadeias pesadas e cheias de ferrugem. Foi a gargalhada que lhe despertou os sentidos. Quantas outras, como aquella, tinha ouvido recentemente e com profundo desprazer!

Ergueu-se ajudada por Estevam, que lhe perguntou, ainda estendido no chão:

—Está ferida?

—Não, não estou—respondeu ella promptamente.—Não se levante!

O conde percebeu, pela mudança repentina da voz, que a companheira tinha deitado para traz o capuz em que lhe apparecera embuçada.

—Não se levante! repetiu ella. Vou ver se posso saber ao certo onde estamos.

Reconheceu aquelles tons claros e juvenis. Era Sidonia!

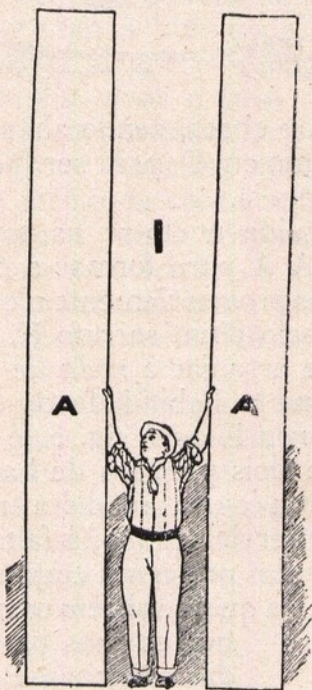
(*Continúa*).

AGNES E EGERTON CASTLE.

Construcção de um barco barato

N'esta quadra do anno em que os habitantes das cidades procuram nas praias do littoral um allivio aos calores asphixiantes do interior, é bem aprazivel passear de barco. Poucas pessoas, porém, podem ser felizes possuidoras d'um barco, por custarem caros até os das mais pequenas dimensões.

Julgamos pois prestar um bom serviço aos nossos leitores, dando-lhes as indicações seguintes, sobre a maneira simples de construir uma «chata» de 3,^m80 de comprimento, tão segura quanto é preciso para passeios ou pescas perto da terra.



O maior trabalho do leitor que se quiser improvisar em carpinteiro naval, será procurar nas estancias duas boas pranchas de pinho, ou qualquer outra madeira, sem nós e sem fendas A A. fig. 1, medindo 4,^m00 \times 0,^m43

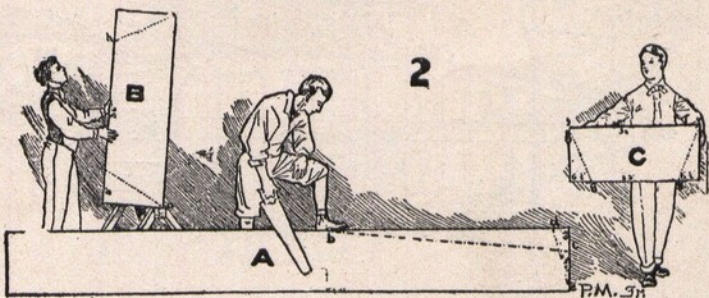
\times 0,^m022, com as quaes formará depois o costado da sua chata.

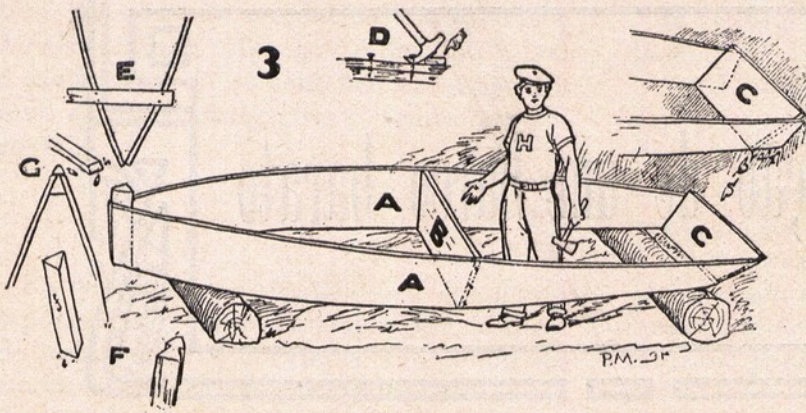
Um ou dois boccados de taboa qualquer de uns 0,^m035 de grossura, dando para um rectangulo de 1,^m35 \times 0,^m55, B, fig. 2, servirão para fazer uma armadora, e uma taboa muito sã da mesma grossura e medindo 0,^m90 \times 0,^m38 dará o painel da pôpa.

No fôrro do fundo da embarcação e nas bancadas empregará taboa de 0,^m025 de grossura, sendo facil calcular a quantidade necessaria em metros correntes, e que é variavel com a largura medindo-a nas figuras juntas, que estão desenhadas em escala com sufficiente rigor.

Escolhida a madeira, deve ella ser toda muito bem aparelhada e escantilhada antes de se começar a armar o barco.

A primeira coisa a fazer depois, é





marcar em cada uma das pranchas A A os pontos *b*, *c* e *d*, fig. 2, distantes respectivamente $0,^m94$, $0,^m16$ e $0,^m10$ d'um dos seus angulos. Com um traço de lapis grosso unem-se os pontos *b* e *c*, e por ahi se serra, de *c* para *b*, o canto de cada prancha, e aplainam-se os córtes, verificando que fiquem ambos perfeitamente eguaes.

Em seguida prepára-se a *armadoira*, serrando de cada lado da taboa B, fig. 2, dois triangulos rectangulos de $0,22$ de base, o que deixará um trapesio com $0,91$ na base inferior e $1,^m35$ na base superior.

Semelhantemente se faz o *painel da pópa* C, fig. 2, cortando a serrote pelas linhas *f* *g* dois triangulos de $0,^m16$ de base, ficando um trapesio com $0,^m90$ na base inferior e $0,^m58$ na superior.

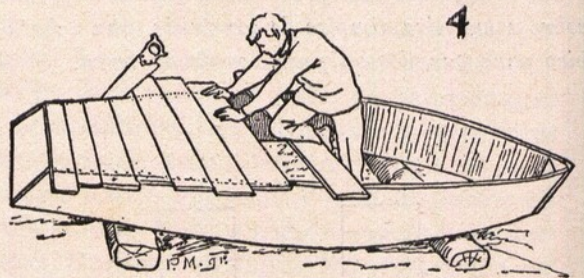
Feito isto ajustam-se os lados do *painel* como se indica em C, fig. 3, ás linhas *d* e de A, ou em qualquer outra inclinação que mais agrade, sendo indispensavel que ambas as pranchas fiquem igualmente dispostas.

Para conseguir isto aponta-se primeiramente uma das pranchas, a de bombordo por exemplo, depois aponta-se a de estibordo, e só quando se verificar

que estão ambas na posição conveniente, serão pregadas a valer. Havendo qualquer differença, porém, arrancam-se os pregos a martello, como se indica em D, fig. 3, com o maior cuidado em não os entortar para não ofender a madeira.

Os topos das pranchas A A deixam-se por emquanto salientes, como se vê em C, até que a *armadoira* e a *roda da prôa* estejam nos seus logares.

A *armadoira* B é forçada verticalmente, fig. 3, entre as pranchas do costado, a $2,^m00$ da prôa, para dar a fórmula

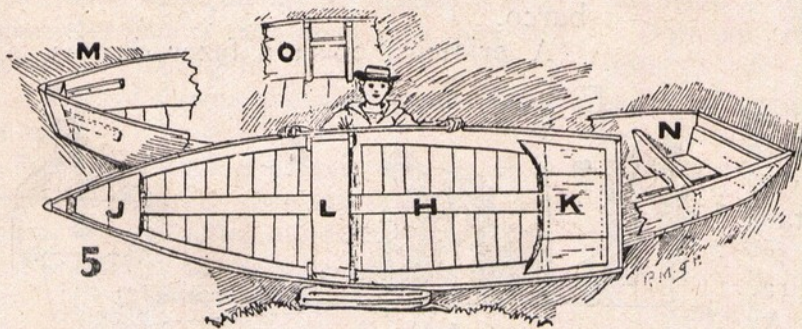


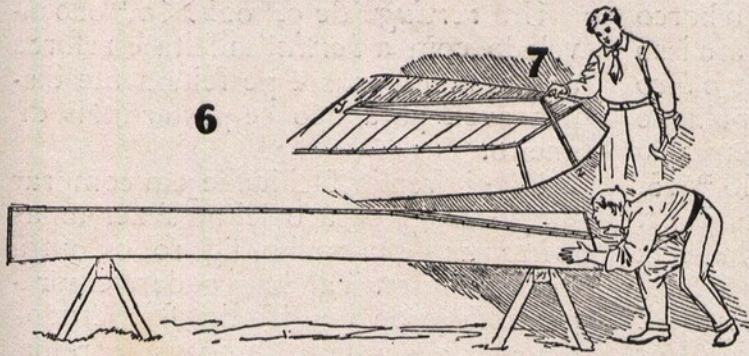
da *bocca* da chata, sendo ahi apontada a prego como em D, para ser facilmente retirada depois.

Em seguida unem-se os topos das pranchas A A para formar a prôa, segurando-os provisoriamente n'essa posição por meio d'um sarrafo E, fig. 3, e trata-se de arranjar a *roda de prôa*.

Conforme a habilidade do leitor, a *roda de prôa* F ou f, fig. 3, é feita de um ou de dois pedaços de barroto de carvalho ou outra madeira rija, podendo até servir o pinho, á falta de melhor. É porém preferivel empregar uma só peça F, na qual se abrem os *alefriizes*,

ou rebaixos para o topo das pranchas. Para marcar a secção da *roda*, risca-se n'um cartão ou pedaço de taboa assente em *c* o angulo da prôa, que é d'ahi passado para o topo do barroto d'onde se vae tirar a *roda da prôa*, servindo de guia ao trabalho.





Quando este estiver concluído com perfeição, ajusta-se no seu lugar, como em G, fig 3, e para elle se pregam as pranchas A A, devendo haver o cuidado de deixar a roda excedendo um pouco a altura da prancha, para formar o *capello*.

N'esta altura do trabalho vira-se o barco para forrar o fundo, como indica a figura 4.

Nunca se empregam n'este serviço tabuas de solho ou de ferro com macho e fema, porque empenam muito facilmente com a humidade. O que é indispensavel é que o taboado tenha arestas muito vivas e bem aplainadas para ajustarem perfeitamente umas contra as outras, fazendo vedação completa em inchando com a agua. Depois de pregado o fundo cortam-se os topos das taboas á feição do costado.

As bancadas são tres: uma á prôa J, fig. 5, uma a meia náu L e outra á ré K.

A bancada de vante é muito bem pregada para dois *dormentes* M, fig. 5, e bancadas de *voga* e de ré firmam-se como está representado em N e O.

A segunda é pregada a dois *dormentes* x atravessados entre dois braços verticaes de cada lado, os quaes, além de segurarem fortemente a bancada, augmentam a solidez do barco que não tem outras *balisas*.

Os quatro braços serão construídos d'um barrote de 0,25 x 0,050 e a bancada L deve ter uns 0,30 de largo.

A bancada de ré medirá em K 0,45 e terá mais uns 0,12 na taboa dos lados, fig. 5. Em vez de empregar uma taboa para assentar a bancada K, bastaria uma regua de madeira á mesma altura, mas uma boa taboa pregada ao *painel*, como se vê em N, além de augmentar a solidez do barco, augmenta-lhe o seu peso a ré

e a sua estabilidade.

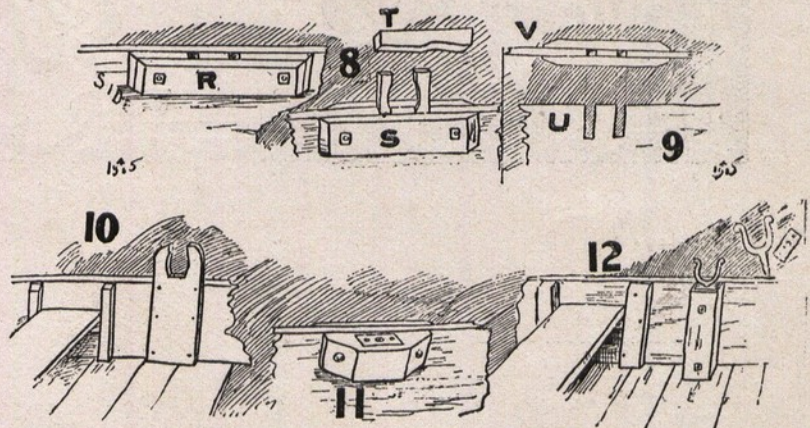
Com as bancadas nos respectivos lugares, apenas faltam as *forquetas* ou *toletes* e um par de remos para o barco servir; é comtudo conveniente reforçar o fundo interior com uma *sobre-quilha* H. fig. 5, de 0,12 x 0,025, pregada de popa á prôa antes das bancadas estarem assentes.

Querendo ainda maior solidez, e tambem para proteger o fundo exterior quando a embarcação arrastar na praia, é conveniente arranjar uma *quilha* da largura da *sobre-quilha*, pregada desde a prôa até meio da chata.

Esta peça é dispensavel e não vem por isso representada nas figuras. O que porém é preciso, é pregar á ré um pedaço de *quilha* triangular, fig. 7, de forma a ganhar o nivel do fundo a vante, fig. 6, o que muito melhora o governo da embarcação.

Para esta *quilha* servirá um dos triangulos *b c d*, fig. 2, serrados das taboas A A. com o lado menor virado para a ré e indo o vertice opposto morrer em g, fig. 7, no fundo da chata.

E' muito importante que a *quilha* fique rigorosamente na *linha de media-*



nia e vertical, porque aliás terá o barco tendência a descrever curvas. Para isso *bate-se a cordel* uma linha desde o *bico de prôa* ao meio da aresta do painel e apontam-se a cada lado á conveniente distancia, duas reguas de $0,^m050 \times 0,^m025$, entre as quaes deve entrar a quilha justa. Depois, esticando o cordel em linha recta desde a prôa sobre o fundo do barco, marca-se a lapis essa direcção na quilha, para serrar por ahi \circ que exceder. Por meio de uma regua desempenada, ζ , fig. 7, assente no *painel da pôpa*, marca-se na quilha um traço que indica por onde se deve serrar, para que fique com a mesma inclinação do *painel*; feito isto prega-se a mesma regua bem a meio do *painel* e á *quilha* e as reguas lateraes ao fundo e á *quilha*, ficando completo este trabalho.

Agora o leitor adquirirá em qualquer loja de aprestos para navios, um par de *forquetas* de ferro ou latão, que a fig. 12 lhe ensinará a maneira tosca e forte de as armar convenientemente, em dois *chapuças* verticaes de madeira rija, cavilhada para o costado.

É porém preferivel cavilhar os *chapuças* horisontalmente, como se vê na fig. 11, por dentro ou por fóra da *borda*.

Um *verdugo* de $0,^m025 \times 0,^m050$ nivelado com a *borda*, enfeita e reforça a boccadura, mas é perfeitamente dispensavel, para não se gastar mais dinheiro.

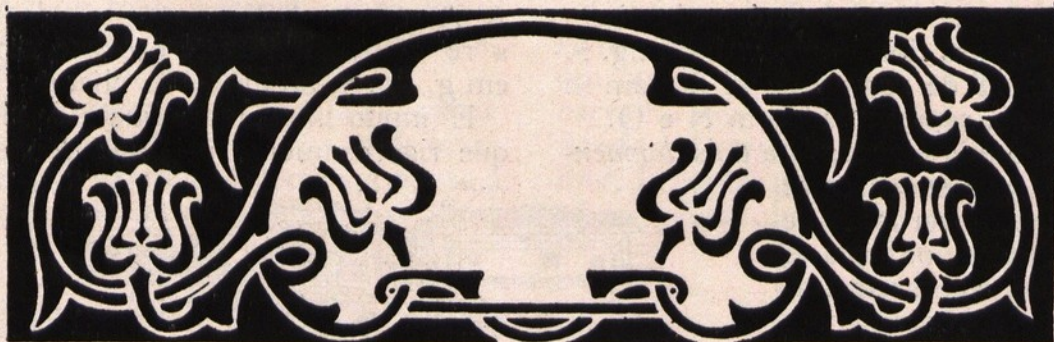
Não havendo facilidade em comprar *forquetas*, poderá o leitor fazer umas *toleteiras* de carvalho, fig. 10, ou outra madeira forte. Tambem poderá empregar *toletes* de pau T, fig. 8, mettidos em entalhes V feitos no costado, reforçado n'esse ponto com dois *chapuças* S, fig. 8 e V, fig. 9, cavilhados interior e exteriormente.

Ainda poderia abrir os entalhes para os *toletes* n'um pedaço de madeira á parte, como em R, fig. 8, sendo depois as duas peças cavilhadas para a borda; mas o anterior systema é preferivel.

Não havendo cavilhas, podem ellas ser substituidas por parafusos.

Finalmente, para marcar o logar das *forquetas* ou *toleteiras*, o melhor é sentar-se o leitor na bancada da voga, pegar nos remos como se fosse para remar, e ver o sitio onde melhor lhe calham, o qual é provavelmente a $0,^m32$ para ré do meio da bancada.

Quanto á pintura, deixamos isso ao gosto de cada um.





CONVENTO DE SANTA CLARA, VISTO DA CIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra

Bastaria — para compreender e explicar a decadência, a falsa e artificiosa actividade da Universidade, a partir da segunda metade do século xvi — apontar o ensino ministrado pelos padres da Companhia. A começar pelo ensino classico das Humanidades; pois era mondado exactamente do que deveria ter de vital e de suggestivo. Assim, neste ensino, em resultado da censura e das sentenças expurgatorias — duas armas manejadas com um certo instincto de destruição — a impressão das civilizações antigas da Grecia e de Roma, da sua actividade politica, da sua organização, dos seus costumes, da sua comprehensão do mundo e da arte, taes como ellas ficaram reveladas á Europa occidental, era e é incompleta, amputada, dada em edições e lições atravez das quaes nunca poderia nem poderá penetrar o sôpro fortalece-

dor, a inspiração de esforço viril, o espirito de sentido heroico e forte da existencia, que o verdadeiro ensino classico, integral, comparativo, philosophico, nunca deixa de favorecer e desenvolver.

Não falando dos processos de formação dos espiritos e de categorisação das ideias e formulas mentaes obtida na analyse e recomposição da linguagem. Porque neste campo ainda o artificio lograva e logra mais effeitos.

Tudo se aprenderia e aprenderá no ensino jesuítico, como tal; tudo nelle se encontra: definições abundantes, notas conceituosas, explanações oratorias, comentarios sagazes, juizos agudos, divisões e distincções engenhosas; tudo... menos... a vida viva. Por isso elles foram sobretudo mestres no *exercício litterario*, nas discussões arguciosas — na construcção verbalmente rica, na dialectica ha-

bilmente conclusiva, na exposição formalística.

Mas ha mais. Com a mondada selecção no objecto do ensino — combinavam a deformação do instrumento dos conhecimentos. Com effeito, em vez de pôrem os espiritos em acção pelo exercicio das diversas energias mentaes, que de então



EMBLEMA DA COMPANHIA DE JESUS

para cá implica o estudo da historia e da litteratura—applicavam-se quasi exclusivamente ao desenvolvimento da memoria e dos seus recursos, á exploração das bombas aspirantes da erudição mantida; porque viam no seu emprego preponderante, a par duma actividade menos perigosa, um elemento de dominio a utilizar.

Hypertrophizados como órgãos de aquisição docil e restituição prompta das noções cautelosamente preparadas e ministradas — os discipulos eram menos de temer sob o ponto de vista da iniciativa propria, do exame e critica individual; por outro lado, com o culto firme do *ipse dixit*, desde então implantado fundo, ficava lisongeadado o professor — aqui a collectividade — que tinha *dito* quanto já tambem recebera *feito*. O discipulo era a cera molle em que se imprimia logo o carimbo do Mestre, ou da Escola.

A cultura geral representada pela Companhia — um mixto de erudição preciosa e de escolastica a um tempo distinctiva e amplexiva — e ainda a escolha dalgumas obras impostas como textos de doutrinação, e como guias ou viaticos — eram tambem conducentes ao desenvolvimento da pura receptividade e á domesticação dos espiritos.

Não deverá, pois, espantar que a pretenza philosophia jesuitica tivesse convertido o saber humano, tomado como

conjuncto, numa serie de preceitos e de formulas-espelhos, onde a Vida só espectralmente passa, tornada tanto mais deformada e falsa, quanto mais habil seja o movimento e o jogo imposto a esses espelhos de engano. O facto, já resalvado, de apparecerem e terem de apparecer entre os membros da Companhia homens impeccaveis e homens de genio — excedentes do nivel e do feitiço commum — não invalida o que tenho escripto.

Tambem o que fica exposto não contraria a circumstancia de ser o ensino da Companhia seguro na aquisição d'esta ou d'aquella noção positiva, no registo desta ou daquella ordem de phenomenos estudados.

O verdadeiro character e espirito duma escola ou d'uma época de cultura mental revela-se mas é nos processos de interpretação das obras e dos factos e no poder de coordenação philosophica das diversas ordens de noções obtidas.

Sob este ponto de vista ninguem poderá dizer que o Jesuitismo tenha representado um elemento a saudar na historia do Pensamento e da Philosophia — considerada esta, a serio, como uma noção e emoção alta da Vida e do Universo.

Nem este era o seu fim directo; pois encarava o ensino e o saber como um meio. Tendo a Companhia como propósito a defêsa e o serviço do Papado, constituindo a milicia de Roma — com uma comprehensão do seu papel bem mais estreita e rectilinia, e por isso mais firme, do que a de alguns papas, humanos, conciliadores — tudo nella tenderia á affirmação e confirmação da obediencia. E acima de tudo as proprias manifestações intellectuaes, despidas, é claro, de quanto a Vida possesse offerecer de contrariador ou diversivo do ponto em mira; porque taes manifestações, e todas as revelações de qualquer superioridade seriam abnegadamente postas só ao serviço da causa unica, inventariadas *ad majorem Dei gloriam*, isto é — *ad majorem Papae gloriam*.

Com a forma de espirito acima indicada, já se adivinha qual devêra ser, *de dentro*, o feitiço moral resultante de tal educação.

De fóra, era dado, sempre com o critério da obediência, pela pressão dos processos tendentes á reducção do individuo, pelo meio da espionagem mutua, pela noção, absolutamente depressiva da personalidade: de que cada membro da Companhia não representava senão um morto vivo — *perinde ac cadaver*; morto para si proprio, vivo para o serviço da sua Ordem.

E' certo que estes traços se imprimiam a fundo sobre os *de casa*. Nos estranhos a acção e a influencia exercida eram attenuadas. Mas comprehende-se o que seria e o que viria a ser um meio social — moral e mental — banhado n'esta atmosphaera carregada do espirito da Companhia — dia a dia mais predominante e poderosa.

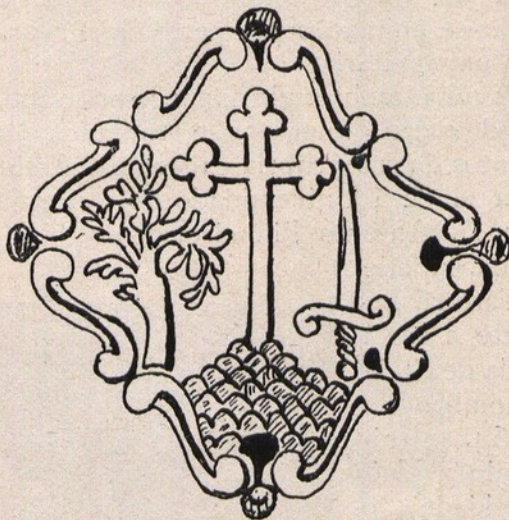
Nos dominios do ensino, foi certamente a acção dos Jesuitas o factor mais directo do decaimento universitario. Mas seria menos justo attribuí-lo apenas a esse factor. Outros actuáram na decadencia, geral, do país, e especial do ensino universitario.

Tudo concorria: renascentes influencias de atavismos barbaros, e de mestiçagens impuras; o terror da Inquisição, cada vez mais devastadora de vidas e cega de perseguições fanaticas; a demoralização d'um país tornado ocioso e esteril com as rapidas e surprehendentes conquistas das riquêsas do Oriente; as pestes dizimadoras; as perdas das guerras maritimas e dos naufragios; as divisões e intrigas religiosas; a falta, ainda e sempre sensível, dos elementos de prosperidade destruídos e afugentados longe pela intolerancia; as perturbações politicas das regencias e successões; a desgraça trágica da jornada de Africa; as luctas dos partidos em volta do throno vago; a incorporação do país na Hespanha dos Filíppez; a agitação da reconquista; as intrigas dos fins do século xvii: tudo isto, todas estas causas concorreram na decadencia da vida pública e do ensino desse periodo, que podemos realmente estender até ao advento do ensino *oratoriano*.

Na Hespanha, na Universidade de Salamanca, por exemplo, tão cheia de tradições, não era melhor a situação.

Se por lá havia causas identicas! Entre ellas, a intolerancia — sob a fórmula *de ensino* imposto com o Jesuita, sob a forma de perseguição feroz com o Inquizidor — não lavrava lá menos fundo.

O espirito scientifico, a fecunda curiosidade, o culto da erudição viva e forte, da especulação philosophica ori-



EMBLEMA DA INQUISIÇÃO

ginal e livre — tinham-se refugiado noutras nações, como a Hollanda, que viria a receber do genio de Spinoza luz e calor por ventura reservados ao nosso país.

Portugal, depois de expulsar e intimidar ou destruir os bons espiritos, entrára e continuaria numa longa phase de cerrado e teimoso obscurantismo, mascarado de falsa e artificiosa sciencia; phase negra — assignalada sobre tudo pela guerra ao Estrangeiro, pela opposição á entrada de tudo quanto pudessem trazer-lhe o *perigo* de ideias novas.

Collocara-se fóra da civilização.

Tirando o estudo disperso de um ou outro ramo, e a explosão genial de obras litterarias, cuja inspiração e germen vinham de phase anterior, e cuja revelação soberana não correspondia já ao estado geral dos espiritos — o nosso país escoava-se de vida, como de energias moraes.

E não havia a escolher, como de resto é normal, entre governantes e governados. Na incomprehensão dos interesses communs, no fanatismo, na ferocidade, na aversão ao Estrangeiro, na preguiça, no desleixo, nas intrigas e nas miserias

— uns valem os outros. Apenas ainda restava uma das antigas virtudes: a bravura.

Durante toda essa época, a contar da morte de D. João III até á implantação do ensino *oratoriano*, são os factos de caracter estranho ao ensino os unicos em que — atravez da existencia avassalada do antigo Estudo Geral — parece notar-se animação por parte da corporação universitaria.

Avultam sobretudo os successos e actos de devoção, impostos e tornados elementos da sua propria existencia. Assim, pela vinda á Universidade do Reformador D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda, expede o Cardeal regente a carta regia de 14 de Setembro de 1564, obrigando a Universidade ao juramento da profissão de fé decretada pelo Concilio de Trento.

Com Philippe III, que fazia instancias para que fosse declarado o dogma da Immaculada Conceição, é encarregada a Universidade, em 1617, de corroborar aquellas instancias por meio de missiva ao chefe da Igreja, e reune-se claustro pleno, que nomeia tres lentes de Theologia afim de a redigirem.

Alguns annos depois, já no reinado de D. João IV, é discutida no claustro de 9 de Junho de 1645 a questão do juramento do dogma, havendo serio debate, dividindo-se os votos e sendo contra o juramento 28 professores, dos quaes Diogo Arthur, dominicano irlandês — mais tarde expulso por não comparecer na Capella da Universidade, no dia em que primeiro foi jurado o dogma.

Já o culto da Rainha Santa era um dos

mais sollicitamente observados. Quando chegára a noticia da canonização da Rainha Isabel, em junho de 1625, houvera grandes demonstrações de regosijo na Universidade, que resolveu então venerar os restos da Rainha, ainda ao tempo depositados no velho mosteiro de Santa Clara.

Foi, mais tarde, o Reitor Manuel de Saldanha quem, representando D. João IV, lançou a primeira pedra no novo convento de Santa Clara; e a 29 de outubro de 1677 dava-se a trasladação dos restos da Rainha Santa com assistencia e acompanhamento da corporação dos Estudos.

Finalmente, em 1719, no reinado de D. João V, instituía-se, a instancias da

communidade das freiras de Santa Clara, o *préstito* da Universidade a este convento.

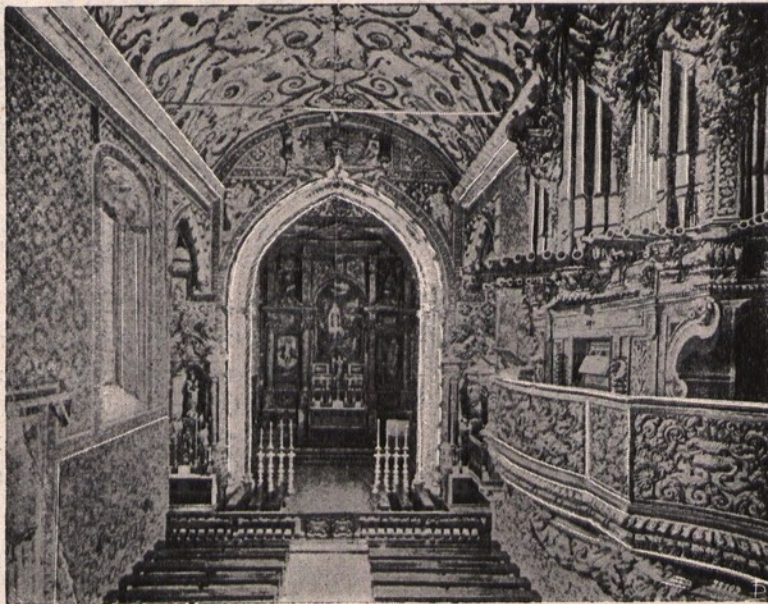
Se os actos de devoção e as práticas do culto constituem o mais vivo cuidado e interesse da Universidade — tambem ella não fica, no emtanto, de todo estranha a alguns acontecimentos de

ordem politica, durante o longo período de quasi dois seculos, a que me venho referindo.

A partir do reinado de D. João III, e até ao fim da dynastia de Aviz, já nós vimos que não tinha havido medida alguma importante a favor da Universidade, quero dizer — que não fosse a favor dos Jesuítas.

Tambem não temos a registar a acção ou intervenção da Universidade em coisa de maior, afóra sempre os assumptos e successos de devoção e culto.

Conhecemos as medidas do reinado breve de D. Catharina, e as do Cardeal Infante.



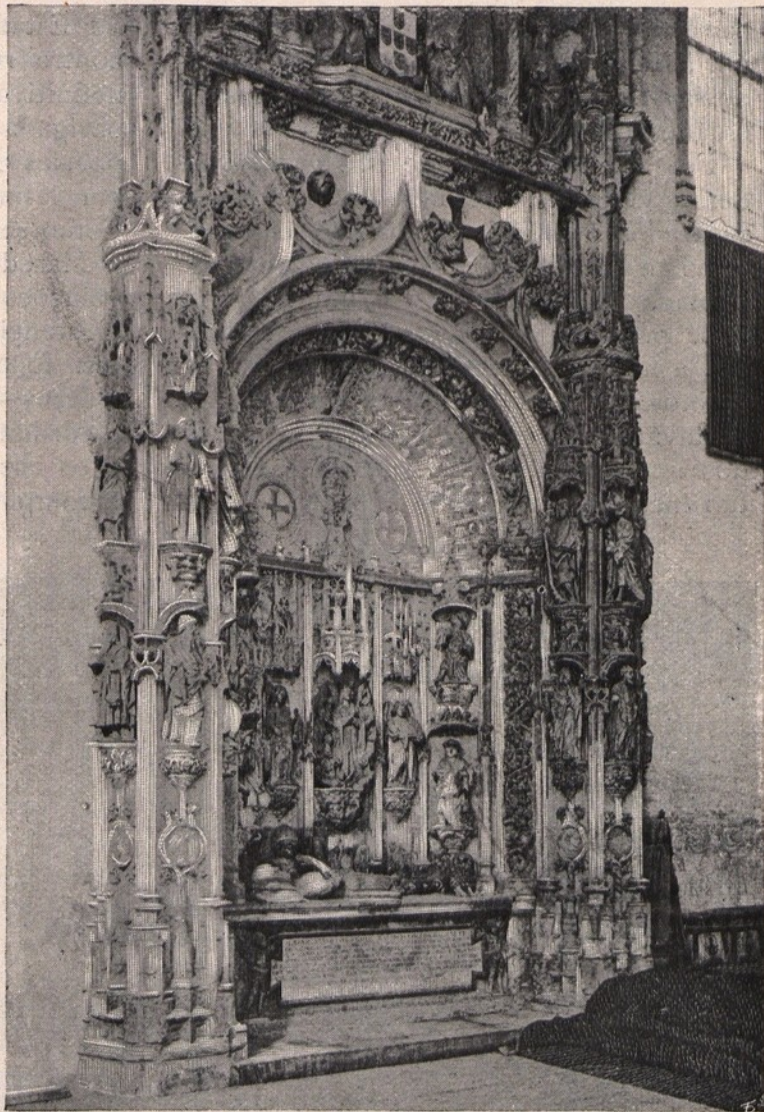
INTERIOR DA CAPELLA DA UNIVERSIDADE

Pouco teve também a Universidade com a vida do país no reinado de D. Sebastião, que não se dignou acceitar o título de Protector e que, apesar de a visitar em 1570, não lhe deu outras provas de interesse além da justa deferencia e mercês dispensadas a Pedro Nunes.

É comtudo curioso notar que foram por D. Sebastião estabelecidas, a favor de estudantes *christãos velhos* distinctos na medicina e cirurgia, as pensões mais tarde tornadas *partidos*.

Já em seguida á jornada de Africa a Universidade toma parte activa nas luctas dos pretendentes á corôa portugêsa. E se a corporação dos professores se não torna crédora de admiração pelo que hesita, e tergiversa, e teme e compromette — os estudantes, em compensação, levantam sympathy entrando ousadamente no movimento popular, a um tempo desordenado e sincero, temerariamente cavalheiroso — erguido a favor do Prior do Crato. Até que, aclamado D. João IV, os lentes celebrem ruidosamente a restauração, e dentro em pouco o proprio Manuel de Saldanha — como Reitor e como *general* da Universidade — vá commandar no Alemtejo, contra as armas de Hespanha, uma galharda e garbosa tropa — o primeiro *batalhão academico*.

Este aspecto heroico tinha, no emtanto, reverso; — explicavel pelas causas de decadencia, geral e especial, apontadas mais duma vez ao longo do meu artigo. E se taes demonstrações politicas e taes abaladas de guerra traduziam ainda as antigas energias de bravura — outras manifestações só revelavam o mais completo estado de anarchia e dissolução. As proprias medidas, improficuas umas, violentamente cruas outras, com que se lhes tentava remedio — davam bem a co-



TUMULO DE D. AFFONSO HENRIQUES

nhecer as condições anormaes e calamitosas em que tudo se encontrava. Da mocidade escolar, era absoluta a indisciplina moral. Isto a contar é claro desde o seculo XVI.

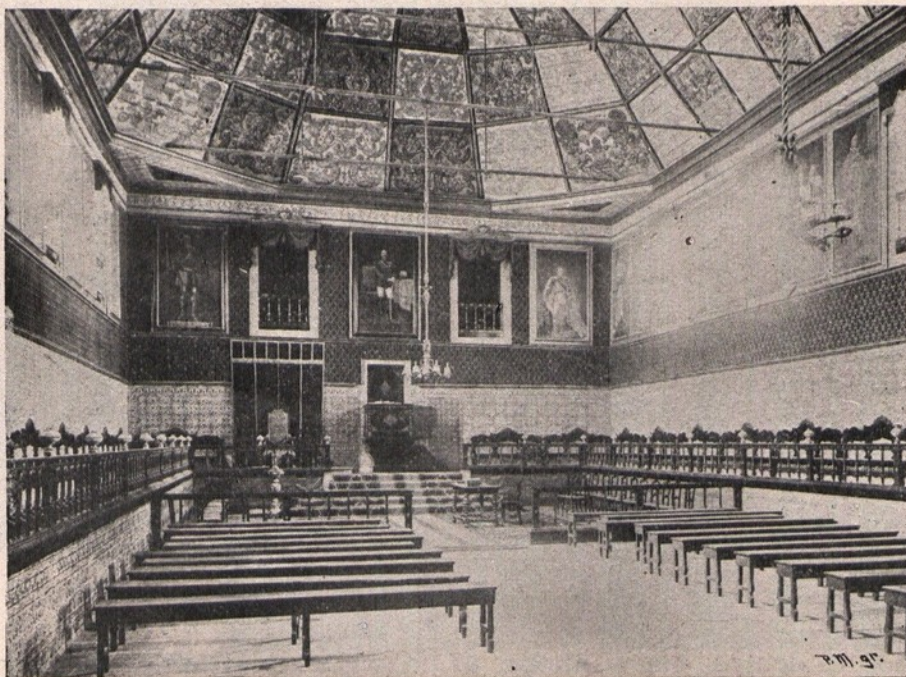
As causas, todas ou quasi, de lá vi-nham actuando!

Não era, com effeito, só em combates e demonstrações politicas, que os estudantes dos fins do seculo XVI e de todo o seculo XVII davam folga e saída ao seu excedente de energias, tanto mais accrescentado, quanto era escasso o emprego util das actividades vivas.

As chronicas da Coímbra desses tempos, e os diplomas — cartas régias e provisões, especialmente no que toca ao seculo XVII — logo de começo vêem cheias de referencias a casos de amores e a es-

candalos galantes, em que figuravam: de um lado, estudantes; do outro — abba-dessas e freiras de certos conventos da cidade e arredores.

Foi a era florescente dos *outeiros* — desses celebres certamens litterarios, as-sucarados e maliciosos, em que se desen-volviam e glosavam *motes* entre duas dentadas num bôlo fôfo e um trago de licôr perfumado. Representam, os *outei-ros*, a melhor diversão desses tempos in-quietos. E o que é certo é que sempre cortavam e açamavam a brutalidade solta dos moços, perigo de temer em épocas tão incertas e vagas de destino.



SALA DOS CAPELOS

E de tal maneira pegou o geito dos debates poeticos, originados á *grade* e ás *portarias* dos conventos, que dahi por diante, sob qualquer pretexto, a qualquer passo de acontecimento — religioso, po-lítico, faustoso — celebrava-se logo um *outeiro*, embora sem o apperitivo do *mote*, dos dôces e... do resto

A influencia lá estava. Tão duradoura, que os não encontramos só nos seculos xvii e xviii. Entram pelo seculo xix, celebrando-se alguns na Sala dos Capellos, por occasiões solemnes de acclama-ções e nascimentos de principes, por motivo de proclamações e voltas nas coisas

do Estado e do país, de revoluções e contra revoluções — até á implantação definitiva do governo liberal. Era parte obrigada — o *outeiro* — onde appareciam poesias em varias linguas: em portuguez, em latim, em grego, em hebraico... Como seriam ellas?

Mas, dei a entender já, eram aquellas re-velações galantes as mais innocentes, na existencia vagabunda e livre dos estudan-tes. Estavam quebrados todos os laços moraes — a melhor garantia de norma e de ordem — entre o governo universitario e os escolares. Pela sua astuciosa, mas incompleta comprehensão do dominio

a exercer, pela acção desmoraliza-dora do terror ins-pirado e da delação em jogo, o systema e organização jesui-ticos tinham aggra-vado e aggravariam o mal duma situa-ção nascida tam-bem das circums-tancias do país, onde imperava a Inquisi-ção, dos abusos commettidos na *Mesa da consciencia e ordens* — então tri-bunal superior de instrucção publica — e da propria re-galia, de ha muito viciada e tornada fonte de corrupção: a votação dos estu-dantes nos concursos de professores.

O governo central, é claro, não tenta-va coisa alguma contra o absorvente dominio dos Jesuitas. Houve, porém, me-didas contra os abusos da *Mesa da con-sciençia*, ao mesmo tempo que se abolia a votação academica — entre os annos de 1623 e 1626, isto é, no reinado de Philippe III. A votação dos estudantes foi de novo posta em vigor por D. João IV, mas tornada a abolir por este mesmo Rei alguns annos depois. Estas medidas não davam, todavia, remédio aos males profundos de que tudo padecia. O es-tado de anarchia e desordem em que

andava Coímbra — era bem mais de lastimar com effeito pelos attentados de aberta selvageria, pelos crimes violentos de muitos escolares, do que por aquellas liberdades dos *outeiros* e das escaladas nocturnas aos conventos faceis. Se, realmente, pudémos narrar, da Academia desses tempos, passos de garbo temerário e de bravura decidida nos conflictos e guerras do seculo xvii — não poderemos esquecer, do seculo seguinte, os assaltos e crimes bárbaros do *rancho da carqueja*, punidos de morte e penas infamantes á volta de 1722.

Da existencia interna da Universidade, como já ficou dito, poucos são os factos a registar — tanto nesse periodo comprehendido entre a data dos *Estatutos* de 1559 e a dos de 1612, como depois — até ao reinado de D. João V, até á intervenção dos *oratorianos* na questão vital do ensino publico.

Mencionada a confirmação (em 1653) dos *Estatutos* de 1612 que, assim confirmados, continuaram sendo os 8.^{os} na ordem, e são chamados *Estatutos velhos*; e notado o desdobramento da antiga cadeira de Mathematica em duas: a de *Euclides*, e a da *Theoria dos planetas* — pouco ou nada teriamos a dizer de novo sobre o ensino e administração da Universidade — ao longo do seculo xvii, e nos principios do seculo xviii.

Só por curiosidade se poderá apontar um factio typico, de sua origem estranho á Universidade, se bem que fecundo para ella em abusos futuros. Refiro-me á concessão dos *perdões de acto*.

Data ella do anno de 1704, e foi devida aos desejos que teve D. Pedro II de ser agradável aos estudantes na sua passagem por Coímbra, quando seguia para uma das campanhas da guerra da *successão*.

A acção da *congregação do Oratorio*, acolhida por D. João V, podemos dizer que foi o primeiro passo no sentido das reformas mais tarde effectuadas pelo Marquês de Pombal.

E', realmente, um dever de justiça historica apontar as vantagens da intervenção daquella congregação, e reconhecer que, sem a influencia por ella exercida na reorganização do ensino, não

poderia o ministro de D. José ter levado a cabo o plano do *Collegio dos Nobres* — esboço e ensaio do plano universitario implantado em Coímbra annos depois.

O primeiro serviço, logo visivel, foi a brecha que fez na muralha secular erigida em volta do ensino dum país con-



D. JOÃO V

demnado a não communicar com o Estrangeiro: fonte de perigos, origem viva de peccados mentaes.

A congregação iria restabelecer na capital essa salutar comunicação com o mundo — mantida e desenvolvida sempre nos períodos melhores da nossa historia, como condição de vida e de prosperidade. E tal passo haveria de reflectir-se em Coímbra — sequestrada, isolada de tudo pelo Jesuita cioso e previdente, que no emtanto, não abandonava os meios de influencia na côrte, nem cortava de cá os fios da sua combinada obra internacional. Serviço talvez mais largo e rasgado, viria prestá-lo um dia a Academia Real das Sciencias, a Academia do Duque de Lafões e de Correia da Serra. Mas os *ora-*

torianos favoreceram-nos de dois modos: indirectamente — quebrando o monopólio do ensino, exercido e guardado pela *Companhia de Jesus*; pois obtiveram de D. João V que os seus estudos fossem equiparados em privilegios aos do *Collegio das Artes* — o baluarte dos Jesuitas; directamente — pelo influxo de actividade, e pelo real valor e franqueza maior dos estudos professados, embora os animasse um espirito severo, descarnadamente desencantado.



O MARQUEZ DE POMBAL

Eu não posso aqui alargar-me sobre este ponto; mas posso indicar como inspiração e orientação de uma grande parte do ensino *oratoriano* a dos professores de *Port-Royal*, para concluir, sem medo de erro, que os estudos dos Padres do Oratorio vieram representar um progresso e uma elevação consideravel no ensino scientifico, litterario e moral do nosso país. E' certo que ainda influíam e haviam de influir por muito tempo os ele-

mentos contrarios, tanto mais numa nação embrutecida e ociosa. O proprio Rei viria a mudar, e a deixar enfraquecer a boa vontade de acertar, que revelára. Entre os outros elementos hostís e estorvadores predominava sempre o Jesuita, tão senhor d'isto, que, vindo a ser expulso em 1759 — cá voltaria a retomar o *Collegio das Artes* em 1831, 72 annos depois, embora para por pouco tempo o conservar.

Mas não se perderiam os effeitos benéficos, immediatos e distantes, do ensino *oratoriano*. Sem elle, insisto, não teria certamente sido reorganizado como foi, ou tão cedo, o ensino de Portugal.

Não posso tambem demorar-me a descrever a organização do Collegio dos Nobres — início da reforma pombalina. Como todavia o seu plano, desenvolvido um pouco, veiu a ser o do quadro universitario — podemos passar a ver do que este constou, na reforma do Marquez e alterações posteriormente trazidas a essa reforma de 1772.

* * *

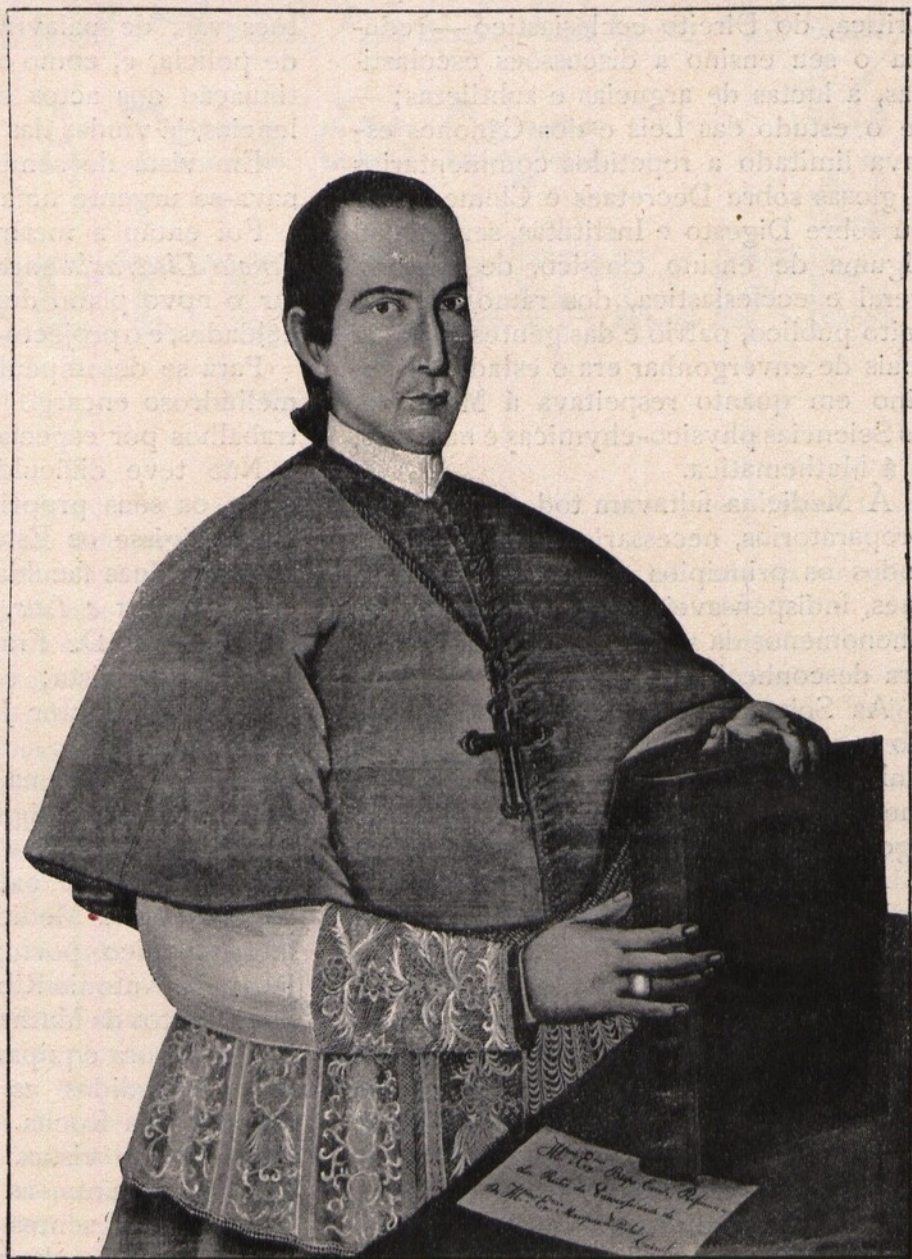
O primeiro documento a citar, dos que directamente se referem á reforma pombalina — é a Carta de lei de 23 de Dezembro de 1770. Foi por esta carta creada a *Junta da Providencia Litteraria*, composta, sob a inspecção do Cardeal da Cunha e do Marquez de Pombal — ambos do Conselho de Estado de D. José I — dos seguintes membros: Bispo de Beja (Frei Manuel do Cenáculo), presidente da Real Mesa Censoria; doutores José Ricalde Pereira de Castro, José de Seabra da Silva, desembargadores; doutor Francisco Antonio Marques Galdes, deputado da Mesa da Consciencia e Ordens; doutor Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, reitor da Universidade desde maio de 1770; doutor Manuel Pereira da Silva, desembargador dos aggravos da Casa da Supplicação; e doutor João Pereira Ramos de Azeredo, tambem desembargador da Casa da Supplicação. Esta junta era creada com o fim de elaborar um relatório sobre o estado da Universidade, causas da sua decadencia, e remedios a propôr para a salvar e engrandecer.

Não se fez esperar o relatório; foi apresentado ao Rei D. José I, logo em agosto de 1771, e impresso pouco depois sob o título de *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra*.

Justo e preciso na descrição do estado de decadência e ruína, o *Compendio Historico* era apaixonado e suspeito na crítica histórica das causas dessa ruína e decadência; attribuía todo o mal á *Companhia de Jesus*, quando é certo que, se lhe cabia papel principal propriamente no ensino, na vida interna da Universidade — de grande peso fôra também, no sentido de abatimento desta e das outras instituições, a acção aterradora do Santo Officio; sem que também pudessem deixar de ser considerados os motivos

nascidos das condições geraes dum país — a um tempo ocioso e guloso de ostentações, vasio de ideias e balôfo de vanglorias, imprevidente e perdulario, violentamente impulsivo e caídamente sentimental, esquecido das energias que o tinham tornado grande, e cioso das exterioridades com que tentava cobrir a decadência visível.

Com relação ás condições da Universidade, provou a junta do *Compendio His-*



Francisco de Lemos

RETRATO E AUTOGRAPHO DE D. FRANCISCO DE LEMOS

torico: que o nosso primeiro estabelecimento de ensino se achava num estado de atrazo verdadeiramente vergonhoso, não tendo nem de longe acompanhado os progressos feitos, sobretudo pelas sciencias da natureza, nos ultimos dois seculos da vida europêa.

Especializando, mostrava que, se a Theologia — falha da preparação das linguas Grega e Hebraica, da Philosophia, da Historia sagrada, da Hermeneutica e da

Crítica, do Direito ecclesiastico — reduzia o seu ensino a discussões escolasticas, a luctas de argucias e subtilezas; — se o estudo das Leis e dos Cánones estava limitado a repetidos commentarios e glosas sobre Decretaes e Clementinas, ou sobre Digesto e Institutas, sem noção alguma de ensino classico, de Historia geral e ecclesiastica, dos ramos de Direito publico, patrio e das gentes — ainda mais de envergonhar era o estado do ensino em quanto respeitava á Medicina, ás Sciencias physico-chymicas e naturaes, e á Mathematica.

Á Medicina faltavam todos os estudos preparatorios, necessarios á technologia, todos os principios das Sciencias naturaes, indispensaveis á comprehensão dos phenomenos da vida. A anatomia pratica era desconhecida.

As Sciencias naturaes, fazendo parte do curso das *Artes* ou preparatorios, não tinham merecido a attenção que lá fóra lhes déra a importancia de poderoso agente renovador.

A Mathematica, composta das duas cadeiras, a que já me referi, nem se contava como faculdade.

Com tal penuria e tão vergonhoso atrazo no ensino jogava toda a administração universitaria; havia abusos em tudo: eram mal applicadas as rendas; crescia a relaxação dos costumes academicos; assim, repetiam-se os feriados e prolongavam-se as férias; as matriculas eram incertas; nas aulas não se tomava nem se dava conta de lições e exercicios; nos actos, todo o tempo corria em ques

tões vãs, de palavras; com isto, a falta de policia, e, como consequencia, a continuação dos actos bárbaros e das violencias, já vindas das eras anteriores.

Em vista de semelhante estado, tornava-se urgente uma reforma a valer.

Foi então a mesma *Junta da Providencia Litteraria* encarregada de apresentar o novo plano de organização das faculdades, e o projecto dos novos Estatutos.

Para se desempenhar de tão pesado e melindroso encargo — a Junta dividiu os trabalhos por especialidades.

Não teve difficuldade em encontrar, entre os seus proprios membros, quem lhe redigisse os Estatutos de *Theologia* e os das duas faculdades de jurisprudencia: *Cánones e Leis*. Dos primeiros encarregou-se D. Francisco de Lemos, doutor canonista; e dos segundos seu cunhado o doutor João Pereira Ramos de Azevedo.


Como, porém, na Junta não figurasse quem pudésse redigir um plano de estudos de qualquer das sciencias mathematicas, physicas e naturaes — foi a parte concernente á Medicina entregue ao celebre medico portuguez, residente em Paris, dr. Antonio Ribeiro Sanches; sendo os Estatutos da Mathematica e da Philo sophia, — agora equiparadas ás outras faculdades — pedidos ao mathematico José Monteiro da Rocha.

Depois de vistas, discutidas e approvadas pela junta, as minutas dos novos Estatutos, presentes ao governo, fóram sancionadas e roboradas por Carta régia de 28 de agosto de 1772.

(*Continua*)

MANOEL DA SILVA GAYO





A Terra dos Cegos

(CONCLUSÃO)

AQUELLA gente levava uma vida simples e laboriosa, com todos os elementos de virtude e de felicidade conforme pôdem comprehende-las os homens. Trabalhavam, sim, mas sem se extenuar; tinham mantimentos e vestuario, quanto bastava para as suas necessidades; dedicavam-se muito á musica e ao canto. Era maravilhosa a confiança e regularidade que reinavam n'aquelle pequeno mundo. Tudo ali se fizera adaptado ás suas necessidades. Cada um dos caminhos, que cortavam o ambito do valle, fazia um angulo constante com os outros e distinguia-se por um talhe especial da calçada. Todas as irregularidades e obstaculos tinham sido removidos, tanto nos carreiros como no campo. Todos os seus methodos e processos se originavam naturalmente nas condições peculiares do seu organismo. Os sentidos tinham-se lhes tornado maravilhosa-mente águdos; ouviam e avaliavam o minimo gesto de um homem á distancia de doze passos—chegavam a perceber-lhe o pulsar do coração. Para elles, a entoação ha muito que substituiu a expressão, e os contactos haviam tomado o lugar do gesto. Nos trabalhos de jardinagem, o manejo de enxadas, de forquilha e de pá era tão seguro quanto possível. O sentido do olfacto era n'elles de uma finura extrema; eram capazes de discernir diferenças individuaes com tanta facilidade como um podengo de bom faro. Com a maxima confiança e certeza tratavam elles dos lhamas, que viviam lá para as rochas, e vinham até ás muralhas em busca de alimento e de abrigo. Só mais tarde, quando quiz affirmar o seu predomínio, é que Nuñez poude verificar como eram simples e confiantes os seus movimentos.

Só se revoltou depois de ter baldadamente recorrido á persuasão.

A principio, por varias vezes, tentou falar-lhes da vista.

—«Attendei-me todos! Cousas ha em mim que vós não comprehendeis.»

Uma que outra vez, havia um ou outro que o attendia. Sentavam-se cabisbaixos, de ouvido intelligentemente inclinado para elle. Nuñez fazia o possível por lhes explicar que cousa era ver. Entre os seus ouvintes havia uma rapariga, de palpebras menos vermelhas e cavas do que as dos outros, quasi parecendo que tinha os olhos semi-cerrados, e a essa tinha elle uma esperança particular de chegar a persuadir.

Falava-lhes das bellezas que a vista nos dava em gozo, os montes, o ceu, o romper do sol, e elles escutavam-no com galhofeira incredulidade e por ultimo com um tal ou qual sobrecenho de censura. Diziam-lhe que isso de montes, era cousa que não existia, mas que o extremo das rochas por onde os lhamas andavam a pastar marcava os limites do mundo. D'esses limites surdia uma aboboda cavernosa, d'onde desabavam avalanches e gotejava orvalho. E quando elle sustentava com afinco que o mundo não tinha tal limites nem tecto, como elles suppunham, elles acoimavam de perversos taes pensamentos. Se elle se esforçava por lhes descrever o firmamento, as nuvens e as estrellas, dava-lhes ideia de um horrendo vacuo, no lugar da aboboda lisa que envolvia as cousas conhecidas por elles—era para elles um artigo de fé ser esse tecto de caverna uniformemente liso ao contacto.

Nuñez viu que de certa forma os melindrava, e renunciou de todo a descrever-lhes os aspectos da materia, e procurou mostrar-lhes o valor pratico do sentido da vista. Uma manhã, viu Pedro que pelo carreiro numero

dezesete se dirigia ás casas centraes da aldeia mas ainda tão longe que nem o olfacto nem o ouvido o poderiam presentir, e deu-lhes parte do que observava, acrescentando em modo de prophecia:

—«D'aqui a pouco, Pedro estará aqui.»

Um velho notou-lhe que Pedro não tinha nada que fazer no carreiro Dezesete, e com

o que occurria dentro ou por detraz das casas —única cousa de que elles tomavam nota para o experimentar—e d'essas nada podia elle ver nem contar. E foi depois do mallogro d'esta tentativa, e da mofa que elles não disfarçavam, que Nuñez recorreu á força.

Pensou em lançar mão de uma pá e derribar de repente um ou dois dos cegos, mostrando



OS CEGOS IAM AVANÇANDO SOBRE ELLE A TODA A PRESSA

effeito, como para lhe dar razão, aquelle individuo, ao approximar-se, tomou transversalmente pelo carreiro Dez, e a passos ligeiros arripio: caminho na direcção da muralha exterior. Todos escarneceram de Nuñez por Pedro não chegar, e mais tarde este ultimo, interrogado por elle a tal respeito, desmentiu-o terminantemente, ficando-lhe d'ahi em deante hostil.

Em seguida induziu-os a que o deixassem ir pelos campos fora, em direitura da muralha, acompanhado de um dos cegos a quem elle prometeu descrever tudo quanto ia occorrendo pelo meio da casaria. Indicava certos movimentos de pessoas, mas o que para aquella gente tinha realmente significação era

na refrega qual a vantagem dos olhos. Chegou com effeito a agarrar na pá com esse proposito, e foi então que elle descobriu dentro de si um desfalecimento extranho: não se sentia com força de maltratar um cego a sangue frio.

Hesitou, e viu que o movimento de pegar na pá não passara despercebido aos cegos. Todos elles estavam precavidos, com as cabeças desviadas para um lado, ouvido á escuta, para o que desse e viesse.

—«Larga essa pá!» disse um d'elles.

E Nuñez sentiu então uma especie de irresistivel horror. Inclinau-se á obediencia.

Atirou com um d'elles de encontro a uma parede, e fugiu n'um relance para fóra da aldeia.

Cortou por cima dos prados, deixando no seu rasto vestígios de herva calcada, e foi sentar-se á beira de um dos carreiros. Começava a comprehender que não havia maneira de lutar com vantagem contra creaturas que teem uma base mental diversa. Ao longe, viu um magote de homens que sahiam da rua da aldeia, armados de paus e de cacetes, avançando para elle em linha dispersa, pelos varios carreiros do valle. Avançavam lentamente, falando a miude uns com os outros, e de vez em quando todo o cordão estacava, aspirando o ar e pondo-se á escuta.

Da primeira vez que assim fizeram, Nuñez desatou a rir. Mas depois não riu mais.

Um dos cegos discerniu-lhe o rasto na herva, e foi-o seguindo sempre, curvando-se a miude a farejar.

Durante cinco minutos observou elle o vagaroso alargamento do cordão, e em seguida converteu-se em phrenesi a sua disposição vaga de fazer qualquer cousa. Levantou-se, deu um passo ou dois para a muralha da circumvallação, voltou-se e caminhou um pedaço ás arrecuas. Lá estavam todos elles, formados em crescente, muito serenos, de ouvido á escuta.

Tambem elle permaneceu immovel, aferando a pá com afinco, ás mãos ambas. Deveria ataca-los?

Pulsava-lhe nos ouvidos o estribilho rhythmico:

«Na Terra dos Cegos quem tem um olho é rei.»

Deveria ataca-los?

Olhou para traz de si, para o muro alto e impraticavel—impraticavel por causa da lisa da reboco, mas rasgado por um grande numero de postigos. Depois olhou para a linha dos seus perseguidores, que se ia apertando cada vez mais. E atraz d'elles, outros surdiam de entre a casaria.

Deveria ataca-los?

—«Bogotá!» gritou um dos cegos. «Bogotá! onde estás tu?»

Apertou a pá com mais força, e avançou pelo campo fóra direito ás habitações, e ao mesmo tempo que elle se mexia, todos convergiam para elle.

—«Dou cabo d'elles, se acaso me tocam,» protestou Nuñez. «Por Deus o juro, dou cabo d'elles.»

Gritou em alta voz:

—«Tomem sentido! Eu vou fazer aqui no

valle o que tiver na vontade! Ouviram? Hei de fazer o que me apraz e ir para onde muito bem quizer!»

Os cegos iam avançando sobre elle ás apalpadelas, mas a toda a pressa. Era uma especie de jogo da cabra-cega, em que todos eram cegos á excepção de um só.

—«Agarrem-no!» bradou um.

Nuñez achou-se no meio da corda, que unia os extremos do arco perseguidor. Percebeu de repente que tinha de desenvolver actividade e resolução.

—«Vós outros sois cegos e eu cá vejo! Deixem-me em paz!»

—«Bogotá! Larga essa pá, e sae de cima do relvado!»

A ultima ordem, grotesca na sua familiaridade urbana, produziu n'elle um transporte de furia.

—«Eu escangalho-os!» gritou elle soluçando de raiva. «Por Deus que os escangalho! Deixem-me em paz!»

Desatou a correr sem saber ao certo para onde corria. Fugia do cego que lhe ficava proximo, porque lhe fazia horror o maltratar-o. Parou, e depois, n'uma arremetida, tentou escapar ao cordão que sobre elle se cerrava. Enveredou para onde viu maior brecha, mas de cada lado d'ella, os homens perceberam rapidamente a aproximação dos seus passos e uniram-se n'um relance. Deu um salto para a frente e viu que ia ser colhido—zás! a pá cahiu sobre um d'elles. Sentiu a pancada secca sobre o braço e a mão, o homem foi a terra com um uivo de dor, e Nuñez viu-se livre do cerco.

Livre! E d'ahi a nada estava elle outra vez de volta com a casaria, e os cegos, agitando pás e cacetes, accorriam de um lado e d'outro, com uma especie de rapidez methodisada.

Ouviu passos atraz de si, e por um triz não o agarra um homemzarrão que sobre elle se precipitava. Perdeu as estribeiras, atirou com a pá para cima do antagonista, girou sobre si e desatou a correr, aos uivos, esquivando-se ás garras do outro.

Sentia-se tomado por um terror panico. Correu furiosamente de um para outro lado, quasi á tôa, aos tropeções, na ancia de ver para todos os lados. De uma vez estatelou-se no chão, e elles perceberam o rumor da queda. Lá adeante, na muralha da circumvallação, deparou-se-lhe um postigo que lhe pare-

ceu a entrada do ceu. Precipitou-se para elle atabalhoadamente. Nem sequer deitou os olhos para os seus perseguidores enquanto não alcançou, galgando a ponte, engatinhando pelo meio das rochas, espantando um lhama pequeno que deitou a fugir para longe, até que se deixou cahir a arquejar.

E assim poz ponto ao seu golpe de estado.



NUÑEZ SENTOU-SE-LHE AOS PÉS

Duas noites e dois dias ficou elle fóra dos muros do valle, sem mantimento e sem abrigo, a meditar sobre o Imprevisto. Durante estas meditações repetia a miude, e com uma expressão de escarneo cada vez mais accentuada, o illusorio proverbio:

«Na Terra dos Cegos quem tem um olho é rei.»

Scismava principalmente nos meios de combater e de vencer aquella gente, e concluia claramente que não havia meio possivel.

Não tinha armas e agora não seria facil alcançal-as.

O bicho da civilização remordia-o; não se

sentia com animo de descer ao valle e assassinar um cego. É evidente que, se tal fizesse, poderia então ditar os termos da capitulação, sob as ameaças de os assassinar a todos. Mas... Não havia remedio senão tratar de dormir!

Procurou tambem alguma cousa que o alimentasse no meio do pinhal, abrigo sob a ramada contra a neve que de noite cahia, e depois tentou, menos esperançado ainda, apanhar por astucia um lhama, dar cabo d'elle talvez batendo-lhe com um pedregulho e por fim comer-lhe algum pedaço. Mas os lhamas tinham suspeita d'elle; olhavam-no com olhos desconfiados e esquivavam-se em elle se approximando. No segundo dia teve arripios de pavor. Afinal rojou-se até ao muro da Terra dos Cegos, e tratou de parlamentar. Rojou-se pela margem do canal, gritando, até que dois cegos sahiram do postigo e lhe falaram.

—«Eu cá estava doido,» disse elle. «Ainda não tinha experiencia.»

Elles replicaram:

—«Ainda bem que o confessas!»

Nuñez disse-lhes que estava agora com mais juizo, e que se arrependia do que tinha feito.

Então desatou a chorar francamente, porque se sentia doente e abatido, e elles tomaram essas lagrimas como um signal favoravel.

Perguntaram-lhe se elle ainda tinha aquella mania de *ver*.

—«Não,» disse elle. «Era tolice minha. Essa palavra nada significa. Menos que nada!»

Perguntaram-lhe o que havia por cima das suas cabeças.

—«A cousa de dez vezes dez alturas de um homem, ha um tecto por cima do mundo—um tecto de rocha—muito liso, muito liso. Tão liso... que é mesmo um encanto...»

Teve um ataque de choro hysterico.

—«Antes de me fazerem mais perguntas, dêem-me de comer, pelo amor de Deus, senão morro!»

«Estava á espera de castigos rigorosos, mas

aquella boa gente era afinal de contas tolerante. Consideraram a revolta d'elle apenas como uma prova mais da sua inferioridade e do seu idiotismo. Apenas o açoutaram e condemnaram ao trabalho mais simples e mais pesado que havia a fazer. Nuñez, não vendo mais recurso, submetteu-se.

Esteve doente durante alguns dias, e trataram d'elle com carinho. Foi isso que ainda melhor o dispoz á submissão. Mas elles insistiram em que elle permanecesse ás escuras, e eis o q̄te lhe custava deveras. Vieram philosophos cegos praticar com elle sobre o acanhado e perverso do seu pensar, e tão apertadamente o censuraram pelas suas duvidas com respeito á tampa de rocha que lhes cobria a caldeira cosmica, que quasi se foi inclinando a que só uma allucinação o impedia de a ver por cima da cabeça.

Foi assim que Nuñez se tornou cidadão da Terra dos Cegos. Aquella gente, a principio vista como em bloco, passou a individualizar-se aos seus olhos, á medida que com elles se familiarizava, ao passo que o mundo alem dos montes cada vez se lhe afigurava mais remoto e menos real. Entre elles distinguia-se sobretudo seu amo Jacob, homem de boa indole, quando não o irritavam; Pedro, sobrinho de Jacob; e Medina-saroté, a filha mais nova de Jacob. Esta era pouco apreciada n'esse mundo cego, por ter as feições accentuadas, o rosto sem aquella suavidade de curvas que é para o cego o ideal da belleza feminina. Mas Nuñez achou-a desde logo formosa, e com o correr dos tempos foi-lhe ella apparecendo como a criação mais formosa da natureza inteira. Ella não tinha as palpebras cavadas e vermelhas como a maioria dos habitantes do valle, mas dava até a impressão de que a cada instante estava prestes a descerral-as. Tinha pestanas muito compridas, o que era entre elles tomado por grande fealdade. A voz era debil e não satisfazia os ouvidos agudos da rapaziada. Por isso não se lhe conhecia namorado.

Nuñez chegou finalmente a pensar que, na companhia d'ella, de bom grado se resignaria a passar no valle o resto da vida.

Andou a vigial-a, procurando ensejo de lhe prestar pequenos serviços, até perceber que ella lhe dava attenção. Uma vez, n'uma especie de sarau, em dia feriado, achou-se sentado ao pé d'ella, á luz dubia das estrellas, e a musica era suavissima. A mão d'elle

encontrou a mão da rapariga, e arrojou-se a apertal-a. Então com grande ternura, ella correspondeu á doce pressão. E um dia, durante a refeição, ás escuras, elle sentiu a mão d'ella que o procurava meigamente, e, como por acaso o lume aclarasse, elle viu-lhe o rosto repassado de ternura.

Procurou falar-lhe.

Foi ter com ella uma vez, quando ella estava fiando ao luar. A branda claridade dava-lhe tons de prata e de mysterio. Nuñez sentou-se-lhe aos pés e disse-lhe o amor que lhe tinha, e como ella lhe parecia linda. Tinha uma voz cheia de amavios, falava com uma veneração ternissima, quasi visinha do temor, e ella nunca até então sentira a alma tocada por um culto assim. Não lhe deu resposta definitiva, mas não havia duvida que as palavras d'elle a encantavam.

Depois d'isso, elle não desperdiçou occasião alguma para lhe falar. O valle tornou-se para elle o mundo, e o mundo alem dos montes, onde os homens gozavam a luz do sol, não lhe pareceu d'ahi por deante mais que um conto de fadas, com que elle algum dia havia de encher os ouvidos d'ella. E com grande e grande timidez foi-lhe falando da vista.

A ella, afigurava-se-lhe a vista a mais poetica das phantasias. E foi com uma especie de indulgencia culposa que ella escutou a descripção das estrellas e das montanhas e da sua propria e meiga formosura, illuminada pela alvura do luar. Ella não acreditava, mal o entendia, mas sentia-se mysteriosamente deliciada, e parecia-lhe a elle que ella o entendia de todo em todo.

O amor de Nuñez perdeu as vagas sombras de temor e adquiriu alento. Mostrou-se disposto a pedil-a em casamento a Jacob e aos anciãos, mas ella assustou-se toda e rogou-lhe que não se precipitasse. E foi por intermedio de uma das irmãs mais velhas que Jacob foi informado dos amores que entre ambos se travavam.

Logo a começo, houve tenaz opposição ao casamento de Nuñez com Medina-saroté; não tanto pelo apreço em que a tinham a ella, mas por o considerarem a elle um ser áparte, idiota, incompleto, creatura abaixo do nivel humano. As irmãs oppozeram-se com toda a força, pelo descredito que recahiria sobre a familia; e o velho Jacob, embora tivesse uma certa sympathia pelo seu servo, boçal e obediente, abanou a cabeça e disse que tal

cousa não era possível. Todos os rapazes ficaram furiosos com a ideia de corromper a raça, e um d'elles chegou a injuriar e a agredir Nuñez. Este respondeu á aggressão. E pela primeira vez percebeu a vantagem de ver, mesmo á luz mortiça da noite, e depois d'aquella lucta não houve ninguem que se atrevesse mais a levantar a mão contra elle. Mas nem por isso deixavam de achar o casamento monstruoso.

—«Esse homem está melhor do que era d'antes. É de presumir que, mais dia menos dia, elle venha a ficar tão são de espirito como nós outros.»

Depois d'isso, um dos anciãos pensou maduramente no caso, e teve uma ideia. Era elle um grande doutor entre aquella gente, era o seu medico, e tinha um espirito muito philosophico e inventivo. Preocupava-o o plano de curar Nuñez d'aquellas anomalias que



«O QUE ELLE TEM, É O CEREBRO AFFECTADO,» DISSE O DOUTOR CEGO

O velho Jacob tinha uma tal ou qual predileção da filha mais nova. Affligia-o senti-la a chorar sobre o seu hombro.

—«Minha filha, tu bem percebes que elle é idiota. Tem manias; não faz nada que geito tenha.»

—«Bem sei!» soluçava Medina-saroté. «Mas já está melhor do que era d'antes. Vae melhorando cada vez mais. E é forte, meu querido pae, e tão affectuoso! Mais forte e mais affectuoso não ha homem no mundo. E ama-me meu pae, e eu amo-o!»

O velho Jacob ralava-se immenso por a achar inconsolavel, e alem d'isso o que lhe acrescia ainda o desgosto era a amizade que ia tendo a Nuñez. Foi pois á casa do conselho, sentou-se entre os outros anciãos, foi escutando o teor do colloquio, e, quando lhe pareceu occasião propicia, disse-lhes assim:

quasi escandalisavam a communitade. Um dia em que Jacob estava presente, elle aventou a sua ideia.

—«Estive a examinar Bogotá,» disse elle, «e estou agora muito mais elucidado a seu respeito. Parece-me que ha todas as probabilidades de elle se curar.»

—«Sempre tive essa esperanza,» acudiu o velho Jacob.

—«O que elle tem, é o cerebro affectado,» proseguiu o doutor cego.

Pelos anciãos correu um murmurio de assentimento.

—«Ora o que é que lhe affecta o cerebro?»

—«Isso agora!» disse o velho Jacob.

—«É o seguinte,» respondeu o doutor á sua propria interrogação. «Essas cousas extravagantes que se chamam olhos, e que só servem para produzir no rosto uma depressão agra-

davel, tem-as Bogotá enfermas, e tão enfermas que lhe causam perturbações cerebraes. São muito protuberantes, orladas de pestanas, as palpebras teem movimento, e por conseguinte o cerebro conserva-se n'um estado constante de irritação.»

—«Deveras?» atalhou Jacob.

—«Julgo eu poder affirmar com bastante segurança que, para o curar de todo, basta apenas fazer-lhe uma operação cirurgica, simples e facil—vem a ser, a remoção d'esses corpos irritantes.»

—«E ficará depois são?»

—«Completamente. E virá a ser um cidadão exemplarissimo.»

—«Louvado seja Deus, que nos deu a sciencia!» exclamou o velho Jacob.

E sem mais demora foi dar conta a Nuñez das fagueiras esperanças que o doutor lhe suggerira.

Mas a attitude fria de Nuñez, ao receber a feliz nova, impressionou-o e desapontou-o,

—«A maneira por que me acolhes,» disse elle, «leva a suppor que não te importas nada com minha filha.»

Foi a propria Medina-saroté que instou com Nuñez para que se sujeitasse á operação. Elle redarguiu:

—«Pois tu queres que eu perca o dom da vista?»

Ella abanou a cabeça.

—«Na vista é que está para mim o mundo.»

A cabeça d'ella descahiu sobre o peito.

—«Que lindas cousas existem, que belleza infinita de cousas! As flores, o musgo da rocha, os suaves reflexos das pelles sedosas, o firmamento longinquo com os seus flocos de nuvens, os poentes esplendidos, as estrellas. E tu e tu. Só por ti vale a pena ter vista, para a deleitar em teu rosto meigo e sereno, em teus labios tenros, n'essas lindas e estremecidas mãos que estás cruzando agora... São estes meus olhos que tu venceste, estes olhos que a ti me prendem, são estes olhos que esses idiotas querem arrancar-me. Se o conseguirem, eu poderei tocar-te, poderei ouvir-te, mas nunca mais tornarei a ver-te. Ficarei debaixo d'esse tecto de rocha, de peneiro e de treva, esse tecto horrendo sob o qual a vossa imaginação é esmagada... Não, não! tu podes lá querer que tal se faça!...»

Surdiu dentro d'elle uma suspeita desagradavel. Interrompeu-se, dando á sua phrase uma intensão interrogativa.

Ella disse então:

—«Eu ás vezes desejava tanto...»

E suspendeu-se.

—«O que?» perguntou elle, com alguma apprehensão.

—«Desejava tanto... quê tu não falasses d'esse modo!»

—«D'este modo?»

—«Comprehendo bem como isso é bello! Mas é tudo imaginação tua. Gosto de te ouvir, mas agora...»

Elle sentiu-se regelar.

—«Agora?» perguntou elle em voz debil.

Ella permaneceu immovel.

—«O que tu pensas... o que tu queres expressar... Ah! como eu estimaria que tu... que tu...»

Elle percebeu rapidamente o que se ia passando pelo animo da rapariga. Sentia-se porventura irritado, irritado pela crueza estúpida do destino, mas ao mesmo tempo commovido, quasi apiedado, pela deficiencia de entendimento d'ella.

—«Minha querida!» murmurou.

E a pallidez de Medina-saroté revelava-lhe a tensão do seu espirito para as cousas que ella não se arrojára a dizer-lhe. Cingiu-a nos braços, beijou-a ao de leve na face, e ambos ficaram durante alguns minutos sentados e silenciosos.

—«Se eu consentisse n'isso?» disse elle por fim, em voz muita branda.

Ella deitou-lhe os braços ao pescoço, e desatou a chorar perdidamente.

—«Ah! se tal fizesses!» soluçou ella, «se tal fizesses!»

Durante a semana que precedeu a operação, a qual devia erguel-o da servidão e da inferioridade ao nivel de um cidadão cego, não soube Nuñez o que era dormir. Pelas horas quentes e assoalhadas, enquanto os outros gozavam de um somno tranquillo, sentava-se elle a meditar ou passeiava á tóa, procurando apertar o espirito entre as faces do terrível dilemma. Dera a sua resposta, dera o seu consentimento, e no emtanto não estava ainda firme na sua resolução.

Acabaram as horas de trabalho, ergueu-se o sol em toda a sua gloria sobre as cristas de ouro; começava para elle o derradeiro dia de visão. Teve uns minutos de colloquio com Medina-saroté, antes que ella se recolhesse.

«Amanhã» disse elle, «amanhã deixarei de ver para sempre!»

—«Meu bem!» redarguiu ella, apertando-lhe a mão com toda a força. «Não te farão doer muito,» proseguiu ella. «E é por mim, por mim, que te resignas a soffrer, a soffrer, meu amor!... Ah! se tanto vale a vida e a alma de uma mulher, hei-de pagar-te o sacrificio, meu querido, meu extremecido bem, sim, tudo farei por pagar-t'o!»

Elle estava todo impregnado de piedade por si proprio e por ella. Estreitou-a nos braços e pousou os labios nos d'ella, e depois, pela ultima vez, fartou o olhar n'aquelle semblante meigo.

— «Adeus!» murmurou elle despedindo-se d'aquelle delicioso espectáculo, «adeus!»

E, silenciosamente, afastou-se d'ella.

A rapariga escutou-lhe os passos lentos que se desviavam, e houve o quer que fosse de doloroso no seu rythmo que produziu n'ella um transe de lagrimas.

Elle afastava-se.

Tinha resolvido ir para um sitio solitario onde os campos eram lindos, pintalgados de narcisos brancos, e ficar por lá até chegar a hora do sacrificio. Mas ao encaminhar-se para ahi, ergueu os olhos e viu a manhã que descia maravilhosa pelas encostas abaixo, como um anjo n'uma armadura de ouro...

Afigurou-se-lhe que, perante aquelle esplendor, elle, e mais o mundo cego do valle, e mais o seu amor, tudo, tudo, não era tudo mais que um abysmo de peccado.

Em vez de fazer o que tencionava, foi-se encaminhando para a muralha até a transpor, trepando pela rocha com os olhos sempre fitos no gelo e na neve, illuminados pelo sol.

Encheu os olhos d'essa belleza infinita, e a sua imaginação remontou-se ainda acima, para as cousas alem d'ella a que elle devia renunciar para sempre!

Veu-lhe á memoria o grande mundo livre de que elle se apartava, o mundo que era d'elle, e teve a visão d'aquellas abas longinquas da serrania, de Bogotá, aquella terra de complexas e estimulantes bellezas, gloria do dia, mysterio luminoso da noite, terra de palacios e de fontes monumentaes e de estatuas e de

casas brancas, e de ruas cheias de povo a que elle gostaria de misturar-se. Pensou na viagem rio abaixo, dia a dia, desde a grande cidade até ao mundo alem, mais vasto ainda, passando por cidades e aldeias, florestas e sertões, no rio correndo precipitoso á medida que se avançava, até que de encontro ás margens se vissem chafurdar os vapores immen-



TEVE UNS MINUTOS DE COLLOQUIO COM MEDINA-SAROTÉ,
ANTES QUE ELLA SE RECOLHESE

sos, até que a gente se sentisse finalmente em pleno mar—o mar sem limites, com os seus milhares e milhares de ilhas, e os navios descortinados ao longe, muito ao longe, no meio das incessantes derrotas com que cortavam o mundo. E ahi, via-se o ceu—o ceu, não a nesga estreita que do valle se avistava, mas uma aboboda de incommensuravel azul, um abysmo profundissimo em que fluctuavam as lampejantes estrellas...

E os olhos d'elle começaram a pesquisar mais pormenorizadamente a cortina de montanhas.

Sim! Quem seguisse por aquella quebrada alem chegaria lá acima, a meio d'aquelles pinheiros enfezados que se erguiam n'uma especie de prateleira... E depois? Poder-se-hia aproveitar aquelle talude alem. Em seguida, talvez que se achasse maneira de trepar até ao precipicio coberto de neve... E depois? Chegar-se-hia até esse manto nevoso, a que a luz dava tons de ambar, a meio caminho dos pinaros... Ah! se a fortuna protegesse o audacioso!...

Lançou um olhar para a aldeia, e depois voltou-se para traz e contemplou-a de braços cruzados.

Pensou em Medina-saroté; tornara-se para elle uma figura mesquinha e remota.

Virou-se de novo para as muralhas das montanhas, por cuja falda o dia se approximava.

Depois, com grande prudencia, começou a trepar.

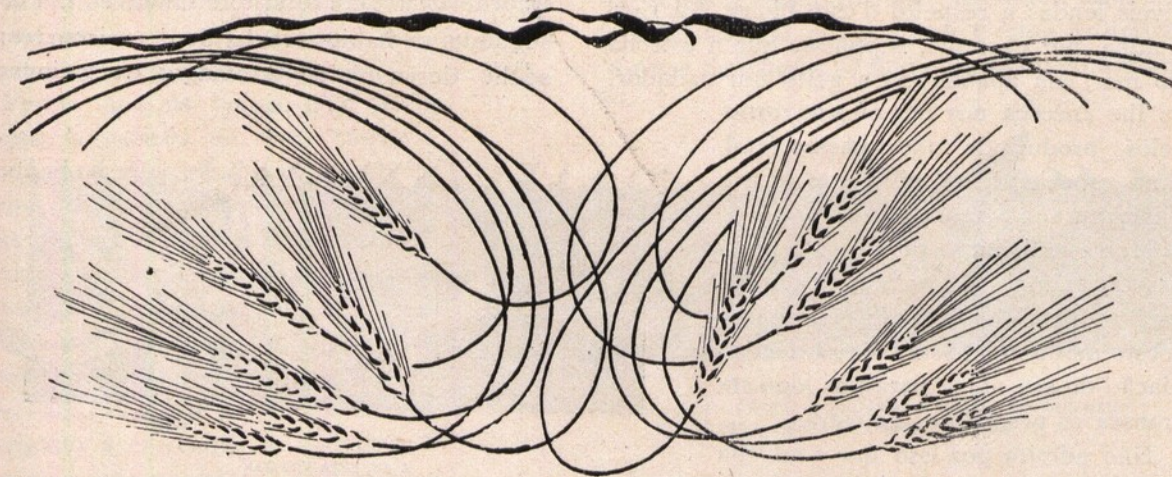
Á hora do sol posto, já elle não trepava; achava-se longe e bem alto. Tinha o fato esfrangalhado, o corpo ennodado de sangue, contusões em muitos pontos, mas deitou-se como se estivesse muito a seu contento, e illu-

minou-se-lhe a phisionomia com um sorriso.

Do sitio onde elle repousava, parecia-lhe que o valle estava n'um poço, a cousa de uma milha abaixo d'elle. Cerrava-se já de nevoa e de sombra, ao passo que as cumiadas em volta d'elle estavam esbrazeadas e esplendidas. E os pequenos objectos, sobre a rocha, ao alcance de suas mãos, estavam banhados de luz e de belleza, um veio de mineral verde que surdia do terreno pardacento, um lampejo de cristal n'um que outro ponto, um minuscuro lichen alaranjado e melindroso, mesmo á beira do seu rosto. No desfiladeiro havia sombras profundas e mysteriosas, um azul que se aprofundava até á purpura, uma purpura que se diluia n'uma treva luminosa, e sobre a sua cabeça alongava-se a illimitada vastidão do firmamento. Mas elle desviou de tudo isso a attenção. Jazia prostrado, a sorrir de contentamento só por ter fugido d'esse valle dos Cegos, onde elle sonhára ser rei. E a claridade do crepusculo passou, e chegou a noite, e elle continuava para alli deitado e immovel, sob a luz fria e clara das estrellas.

H. G. WELLS

Versão de H. LOPES DE MENDONÇA.





A zoologia offerece extraordinarias surpresas aos curiosos. O mar sobretudo abriga creaturas de formas extranhas e habitos pittorescos, cujo estudo tem o interesse de um verdadeiro romance. Uma d'essas creaturas é a asteria ou estrella do mar, de que se occupa por fórma singularmente amena o seguinte artigo.

UM INIMIGO CRUEL DAS OSTRAS

ABANDONADA pelo refluxo, enclhada na praia, a asteria ou estrella do mar, com os seus grossos e ponteagudos braços alongados para todos os rumos, afigura-se-nos um animalsinho innocente e inoffensivo, absolutamente incapaz de grande energia, movimento ou estrategia.

E comtudo não ha malfeitor no mundo que supplante em artimanhas tenebrosas este phytozoario hypocrita.

Em varias populações maritimas vogam terribes lendas a respeito d'este bicho. Na Cornualha, por exemplo, suppõe-se que a estrella do mar, em apanhando a geito um nadador, se lhe enrosca nos pés ou nos tornozelos, produzindo um espasmo fatal, uma especie de caimbra que leva o desventurado á morte.

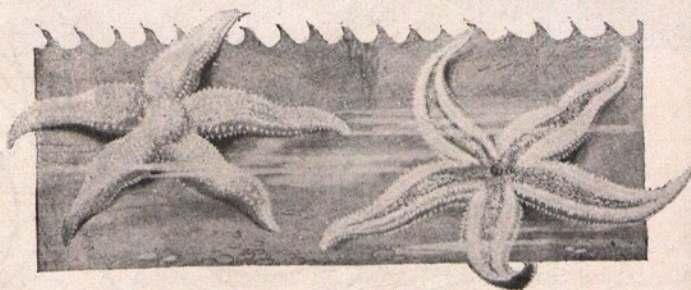
Mas o mais largo theatro das proezas do animal, são os bancos das ostras, porque é elle o mais fero inimigo d'este mollusco. Basta a simples enunciação do seu nome para pôr logo em transe os pescadores de ostras.

Não admira por isso que a estrella do mar, em consequencia do seu appetite soffregio pela ostra, cause perdas annuaes que montam a muitos milhares de libras. Só n'uma pouco extensa região da costa americana, entre o cabo Cod e a ilha State, os destroços, causados pelo daminho bicho, são computados em cerca de 100 contos de réis annuaes.

UM APETITE INSACIAVEL

Á primeira vista, parece incrivel que um animal de corpo relativamente molle e de apparencia lethargica, sem arma cortante que salte aos olhos, seja capaz de extrahir uma ostra viva de dentro da casca hermeticamente fechada. Como é que elle executa essa façanha, apparentemente impossivel?

Para o explicarmos, convem remontar ás origens. Durante innumeras gerações, teem as estrellas do mar gozado de um appetite extraordinariamente robusto e saudavel. Por consequente, no habito secular de devorismo teem-se-lhe desenvolvido estomagos excepçionaes,



A ASTERIA VULGAR

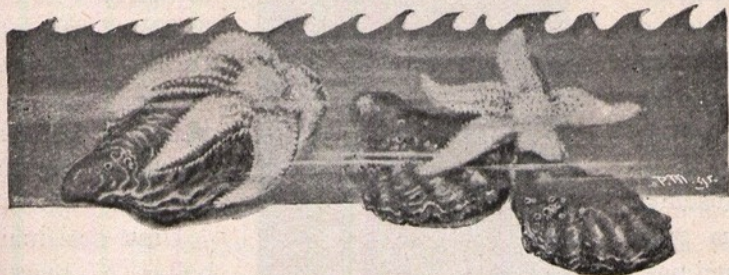
Mostrando o seu aspecto pela parte superior e pela parte inferior

especialmente adaptados a uma creatura permanentemente esfomeada.

Ora o estomago da asteria não só preenche quasi toda a cavidade circular do centro do corpo, mas estende-se ainda por parte dos

cinco raios, que lhe fazem as vezes de membros.

E quando as circunstancias a isso a forçam, este notavel estomago pode ser sacado, sem dôr nem damno algum, de dentro dos cinco raios, virado do avesso, e litteralmente expellido pela boca do animal.



A ESTRELLA DO MAR PODE ABRIR UMA OSTRA COM O SEU TREMENDO PODER DE SUCCÃO, E É POR CONSEQUENTE UM INIMIGO TERRIVEL DAS OSTREIRAS

COMO A ESTRELLA DO MAR ATACA A OSTRA

Supponhamos que á hora do almoço a estrella do mar se encontra nos proximidades de uma bella ostra muito gorda, cuja concha é tamanha que não caiba na boca, embora muito elastica, do bicho comilão.

Que faz a estrella do mar?

Abraça com ternura o misero mollusco, apertando com força os raios por fora da casca, e collando a bocca de encontro aos rebordos das valvulas.

A ostra, suspeitosa e atemorizada, fecha logo as valvulas com toda a força, e fica anciosa á espera dos acontecimentos.

Vendo que os beijos não fazem mossa, a estrella do mar começa a alongar para fóra da bocca a parte inferior do estomago, muito lentamente mas com segurança vae esse estomago sahindo do corpo para cima da ostra. O terrivel echinoderme não tem pressa. Chega um ponto em que o pobre mollusco está exaurido pela succão que lhe vae rodeando a concha, e vê-se obrigado a entreabrir as valvulas. É um momento emquanto se abysma no estomago do glutão, que começa a digerir o almoço com todo o seu vagar.

Furiosos com os estragos causados pelos seus multiplos inimigos, os pescadores costumavam d'antes desabafar o seu rancor despedaçando-os membro a membro, e arrojando-os depois ao mar para ahí estrebucharem

nas ancias da morte. Era isto pelo menos o que elles suppunham.

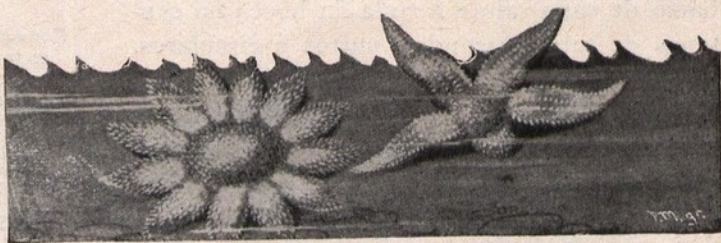
RECONSTITUIÇÃO PRODIGIOSA

Mas o que é extraordinario é que, quanto mais eram os bichos que elles assim esquarterjavam, tanto mais crescia de anno para anno o numero das estrellas do mar, até que ao cabo de poucas estações tinham chegado a tal profusão, que nada menos de 2:500 individuos eram colhidos em dois dias sobre as ostreiras.

E o que aterrava os honrados pescadores, ainda mais do que o rapido crescimento dos seus inimigos, eram os feitos extravagantes que muitas das estrellas do mar assumiam.

Umam tinham corpos desmesuradamente enormes com bracinhos ridiculamente minusculos; outras tinham apenas metade do corpo e tres raios do tamanho normal, ao passo que a outra metade e os dois raios restantes apresentavam dimensões proporcionalmente acanhadas; outras ainda tinham um dos raios desmarcado, em confronto com o corpo pequenissimo e quatro raiosinhos de má-morte.

Como derradeiro recurso, appellou-se para os sabios em cata de conselho. Para os homens de sciencia bastante experimentados, nada havia de terrivel ou pasmoso n'estas grotescas formas da asteria. O que ellas eram com effei-



A ASTERIA SOL, E UMA ASTERIA VULGAR QUE PERDEU UM DOS RAIOS E QUE ESTÁ EM VIA DE O RECONSTITUIR

to, eram a chave de toda a mysteriosa propagação das estrellas do mar.

Não tardou muito que a observação e as experiencias provassem sem duvida possivel que eram os proprios pescadores os responsaveis pelo rapido augmento dos assoladores echinodermes. Porque, em vez de darem cabo d'elles,

como suppunham, quando os atiravam despeçados ao mar, cada um dos braços ou raios arrancados assentava confortavelmente no fundo do oceano, e dava nascença a uma nova estrella do mar. D'ahi resultava naturalmente que uma unica estrella, por esta forma mutilada, se reproduzia em cinco vorazes e activos comedores de ostras.

D'esta prodigiosa faculdade de reproduzir as partes do corpo perdidas é que deriva o pasmoso apetite da estrella do mar, por isso que tem de consumir e digerir uma enorme quantidade de alimento para a reconstrução rapida de novos tecidos.

Não é por isso a ostra a unica guloseima das estrellas do mar. O campo da sua gula voraz estende-se aos mexilhões, ás ameijoas, aos caranguejos, ás anemonas. É escusado acrescentar que hoje em dia as estrellas do mar, sabidos como ficam os seus astuciosos meios de reproducção, já não são feitas em pedaços e atiradas ao charco.

Todas as que se apanham são levadas para terra no fundo das embarcações, e vendidas aos lavradores como um adubo excellente e barato.

COSTUMES E DESENVOLVIMENTO DA ESTRELLA DO MAR

Ora apezar de todas estas malfeitorias da estrella do mar, não se pode negar que a muitos respeito ella é uma creatura interessante.

Quando a maré está alta, é espantosa a facilidade com que ella trepa pelas rochas escorregadias e transporta para onde lhe apraz o corpo um tanto ou quanto desastrado. Por baixo de cada raio e á roda da bocca ha centenas de tubos carnudos, curtos e circulares, de que ella se serve como de pés-ventosas, alçando-se pelas rochas acima e agarrando-se por meio d'elles ás superficies mais lizas e empinadas.

Na infancia, a estrella do mar não se parece nada com os paes, nem na apparencia nem na maneira de viver. É então uma creaturinha graciosa e de corpo delicado, prodigiosamente activa e irrequieta, nadando de um lado para o outro por meio de uns cabellos ou cilios compridos e delgados, que revestem certas partes do seu corpo mimoso e meio transparente. Á proporção que cresce, vae gradualmente mudando de forma e de maneira de viver, até ficar por fim exactamente como os paes.

FLORES EM ANDAMENTO

Não se deve suppôr, pelos damnos causados aos pescadores pela estrella vulgar de cinco raios, que todas as outras especies de asteria são igualmente antipathicas. Muitas ha na ver-

dade que são lindissimas, quer na forma quer no colorido, e que até certo ponto desempenham na vida o util mister de varredores do Oceano.

Uma das mais bellas e interessantes é porventura a estrella de pennas rosadas, um animalsinho particularmente gracioso, de braços delicados, que se encontra pelas costas da Mancha e do mar do Norte. Os seus braços compridos e em forma de espinha, variam muito de côr, sendo ás vezes azues ferrete com espinhas côr de rosa, ou brancos, ou cinzentos raiados de escarlate. É muito mais activa do que a asteria commum, e m'ove-se lenta-



A EVOLUÇÃO DA ASTERIA DE PENNAS ROSEAS

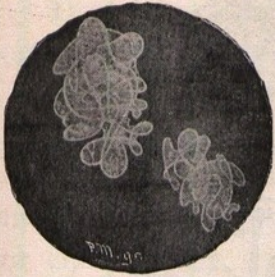
Começa a vida n'uma haste delgada presa á rocha. A flôr do extremo da haste abre-se, e d'ella cresce gradualmente a estrella do mar.

mente atravez da agua agitando os raios mimosos.

Quando o assustam ou quando o agarram, o animalsinho expelle bruscamente os raios para fóra de si, deixando na mão apenas o corpo em fórmula de disco.

Mas se tornam a deital-o ao mar, não tarda que lhes cresça uma nova andaina de braços, porque possui, como todos os individuos da familia, a prodigiosa faculdade de substituir rapidamente as partes mutiladas.

Ora esta delicada estrella de pennas roseas forma um elo particularmente interessante



ESTAS CREATURAS EXTRANHAS, NEBULOSAS, DIAPHANAS, SÃO ASTERIAS EM COMEÇO DE VIDA

com as velhas épocas geológicas da terra. Durante um certo período de infancia, a sua vida é relativamente sedentária. Desenvolve-se n'um pedicelo comprido e delgado, preso a uma rocha ou a uma alga. A principio só se vê o corpo da estrellinha infante, parecido

cóm a cupula de uma glande no extremo da haste. A cupula vae-se abrindo pouco a pouco, e á proporção que se expande, crescem-lhe dos rebordos os longos e graciosos raios emplumados.

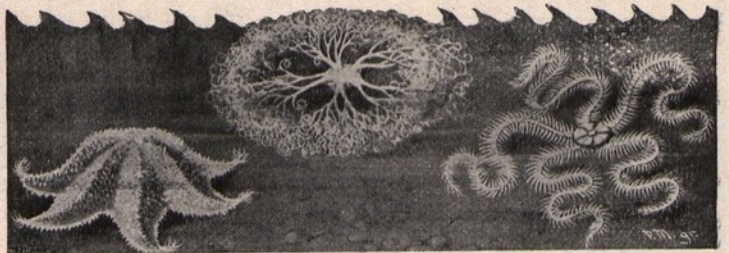
OUTROS PARENTES DA ESTRELLA DO MAR

As estrellas do mar teem um grande numero de parentes esquisitos, os quaes, á primeira vista, não teem a minima semelhança de familia com a parentela de cinco ou mais raios.

Um d'elles é o ouriço do mar, tão conhecido e vulgar nos costas de Portugal.

Mas talvez que os mais extraordinarios parentes da asteria sejam as holothurias, a que se dá vulgarmente o nome de «pepinos do mar», e que os francezes chamam «trepangs»

ou «bechés de mer». Muitos d'esses animaes teem cores lindissimas, e longos corpos, de apparencia cylindrica, e as suas dimensões divergem entre 5 centímetros e 1 metro. Ao contrario das estrellas do mar, as holothurias teem os corpos molles e flexiveis, com um grande numero de placas cálcareas incrustadas na pelle, ás vezes singularmente regulares e bellas de aspecto. A maneira de se moverem é extendendo e contrahindo os corpos, os quaes mudam de forma constantemente, com auxilio de musculos poderosos. Em redor da bocca circular, muitas holothurias teem uns braços numerosissimos e ramiformes, que tem a importancia principal de orgãos de respiração. Aos lados do corpo, acham-se frequente-



VARIOS EXEMPLARES DE ASTERIA, MAIS RAROS

mente cinco zonas regulares de tubos, especie de ventosas que servem de pés e com os quaes o animal se agarra aos objectos e trepa pelos rochedos.





dos Lírios

Longe, muito longe, acima das montanhas coroadas de neve e para além do profundo mar azul, havia uma terra onde o verão durava sempre.

E era sempre verde a relva e sombrio o arvoredado, e pelos campos serpeavam regatos crystalinos, e por isso ninguem lá tinha calor nem sede, apesar de o verão durar sempre.

Não havia gente n'aquella terra, mas havia fadas e eram os espiritos das flores que já tinham dado aroma e que jaziam pelo chão desfolhadas.

E entre as fadas das flores viam-se as lindas assucenas todas vestidas de branco, e as pequeninas margaritas, umas tambem de branco e outras de côr de rosa, e dançavam todas ao som que produziam as bonitas campainhas azues, quando a brisa as fazia balouçar.

As violetas, com seus vestidos rôxos, falavam baixinho umas ás outras, enquanto as sécias, as dhalias e as anémonas, ostentando variegadas côres, se espennejavam ao sol muito alegres, muito vaidosas.

Mas a rainha de todos e de todas a mais linda, era a Rosa, que tinha um bello vestido de setim vermelho claro, guarnecido de verde e ouro.

Olhava para as outras muito sobranceira, e fazia com que ellas a respeitassem, e até lhe tivessem medo, por causa dos agudos espinhos de que estava armada. E era talvez este o motivo principal por que todas lhe obedeciam.

Na terra do Espirito das Flores as casas, em vez de serem de pedra e de madeira, faziam-se com as folhas do outomno. E assim, umas eram de oiro e prata, outras vermelhas ou amarellas, ou tambem acinzentadas, mas quasi todas da côr pardacenta que teem as folhas cahidas.

Não morava n'uma d'estas casas a rainha, mas n'um palacio, isto é, n'uma casa muito maior, mais rica, e muito linda por ser feita de lírios de todas as qualidades

Já viste lírios no jardim e nos campos? Teem badalos e martellos doirados dentro d'aquelles sinos, umas vezes brancos, outras amarellas, rôxas ou vermelhas.

Dois jarros, muito hirtos e apumados, estavam postados como sentinellas á porta do palacio, que era feita de lirios brancos.

Certa manhã acordou cedo a rainha D. Rosa e exclamou toda lampeira: — Vou sahir e aproveito o passeio para me banhar nas gotas de orvalho.

Disse isto comsigo mesma e não com os seus botões, que eram os pagens da rainha, mas que ainda estavam a dormir. Não querendo que ninguem acordasse por causa d'ella, sahiu sósinha.

Que passeio encantador!... As gotas de orvalho scintillavam entre a relva como brilhantes... De repente sentiu puxarem-lhe pelo vestido. Voltou-se e viu... Ai que bicho tão horrendo!... Era uma lagarta! Vinha a arrastar-se pelo chão,



MUITO ASSUSTADA A RAINHA D. ROSA FUGIU PARA O PALACIO

muito desengraçada e bojuda, mostrando serias tenções de agarrar-se á formosa rainha. Foi quando D. Rosa se lembrou do que tinha contado uma vez a tia *Rosa Amelia*: que perdera quatro das suas cem folhas, devoradas pelas lagartas, grandes inimigas de toda a familia das Rosas e promptas sempre a comerem quantas lhes apparecem.

Muito assustada, a rainha D. Rosa fugiu para o palacio, mas a lagarta seguiu-a correndo tanto como ella, por isso que tinha muitos pés.

Quando chegou á entrada os dois jarros curvaram-se para a cumprimentar e apresentaram-lhe armas, que eram bastões de oiro delicadamente torneados. As portas dos lirios brancos abriram-se por si mesmas, para dar passagem á rainha, que se foi esconder dentro d'um lirio amarello, mas que viu logo não poder escapar de modo nenhum, porque bem sentia já perto a lagarta fazendo: Cruip! Cruáp! Cruip! Cruáp!

N'isto houve para a lagarta uma surpresa desagradavel. Quando ia transpondo a entrada, os jarros tambem se curvaram para ella, mas em vez de a cumprimentarem, deram-lhe primeiro uma chicotada com as folhas largas e carnudas, e depois muita paudada com os bastões de oiro.

Apezar d'isto a lagarta foi entrando.

Mal a viram, os lirios brancos desataram a tocar as campainhas, com tanta força que iam assustando o inimigo.

— Por isso mesmo hei de entrar! — disse a lagarta. Mas os lirios de todas as cores cahiram-lhe em cima, batendo-lhe com os badalos e os martellos de oiro, ao mesmo tempo que os jarros tambem desancavam desesperadamente a intrusa, que afinal ficou estirada á porta do palacio, sem dar accordo de si. Foi quando os lirios e os jarros pararam de combater, julgando que o inimigo estivesse morto. Ali ficou dias e dias, visto os lirios e as outras flores não poderem com um peso tamanho. A rainha D. Rosa habituou-se tanto a ver aquelle corpo, que já lhe passava perto sem receio, até que uma manhã, olhando-o com mais attenção, conheceu que estava inteiramente vasio! Chegou-se mais e viu que da tremenda lagarta só a casca tinha ficado. Ao mesmo tempo, sentiu o bater subtil de uma aza; olhou para o ar e viu pousado na corolla de um lirio o mais lindo ente que ainda lhe apparecera. Tinha azas de todas as cores do arco iris, e duas antenas em logar de braços.

— Muito bons dias, linda rainha D. Rosa! — disse elle amavelmente, abaixando muito as quatro azas, como se quizesse fazer uma mesura.

— Bons dias! — respondeu D. Rosa, tornando-se mais vermelha que a sua vassalla Papoila. — Quem és tu?



SOU O REI DOS INSECTOS — RESPONDEU O OUTRO — E CHAMO-ME BORBOLETA

— Sou o rei dos insectos — respondeu o outro — e chamo-me Borboleta. Acabo de nascer d'essa casca.

— Pois é possível que já fosses tão feio? — perguntou a Rosa.

— Se era feio no reino das flores, era bonito no reino das lagartas.

— Não te zangues e aproxima-te — disse D. Rosa, cheia de ternura.

— Não posso. Ainda me lembro dos maus tratos que me deram os lírios e...

— Mas agora hão de de tratar-me muito bem! — tornou-lhe a rainha.

— Porque me julgam bonito? Porque as minhas azas parecem feitas de ouro e pedras preciosas? — perguntou a Borboleta. — Vou-me embora! — Está a chamar por mim uma grande campina, onde cresce o tomilho, a hortelã e muitas plantas de aromas suaves e onde vivem felizes muitas famílias de Borboletas.

E mal acabava de dizer estas palavras, voou pelos ares, muito leve, muito subtil.

Teve tal desgosto a rainha D. Rosa que logo ali se desfolhou, e uma das petalas, arrastada pela briza, foi pelos ares além, seguindo a Borboleta, como ella muito leve, muito subtil.





É esta uma secção permanente, aberta pelos Serões, onde terão cabimento todos os problemas de diversas indoles que possam exercitar as faculdades do raciocinio. Os Serões convidam os seus leitores para n'ella collaborarem com quaesquer problemas, enviando-nos desde logo as respectivas soluções, por isso que a redacção não aspira, por falta de tempo, ao justo orgulho de as encontrar. Afim de comprehenderem bem a indole das questões que especialmente nos conveem, continuamos n'este numero o interessante artigo sobre o que vulgarmente se chama perguntas de algibeira, muitas das quaes são verdadeiramente intrincadas.

Fique bem assente no entretanto que não é propriamente com charadas, enigmas e logogrifhos que pretendemos encher esta secção, embora um ou outro d'esses exercicios de raciocinio se possa impôr á nossa attenção pela sua originalidade e pelo seu engenho. Pelo artigo que hoje continuamos n'esta secção e pelos problemas que apresentamos sob o titulo «Para Scismar», perceberão melhor os leitores quaes sejam os nossos desejos, conformes, queremos crer, aos seus interesses intellectuaes.

Perguntas de algibeira

CONTAS QUE ATRAPALHAM

Talvez nas questões, que envolvem qualquer especie de calculo simples, é que se embrulham mais quasi todas as pessoas.

Ahi vae um exemplo.

Ao levantar-se da meza de um restaurant, o freguez pede a conta. Importa em 2\$500 réis. O freguez dá uma nota de 5\$000 réis ao creado, mas, como este não tem troco, vae a uma loja visinha e traz o equivalente em prata. O freguez recebe os 2\$500 de troco e vae-se embora. D'alli a bocado, apparece o visinho lojista todo esbaforido, annunciando que a nota é falsa. O dono do restaurant não tem naturalmente remedio senão trocal-a novamente por bom dinheiro. Agora a questão que se apresenta é a seguinte: quanto é que elle

perdeu ao todo na transacção? A mulher sustenta que elle perdeu dez mil réis ao todo.

—«Deste ao ladrão o valor de 2\$500 em comida,» diz ella, «alem de outros 2\$500 em dinheiro de contado, e agora tiveste que dar mais 5\$000 réis por um pedaço de papel sem valor.»

—«Qual historia!» opina o filho, joven prodigio em calculos. «Nós não perdemos mais de 7\$500, que vem a ser os 5\$000 réis que demos para trocar a nota e mais a importancia da conta. A mãe não se lembra de que os 2\$500 que o larapio levou foram-nos fornecidos pelo visinho.

Ora basta um momento de reflexão para se ver que ambos os calculos estão errados. A perda total, soffrida pelo homem do restaurant, é a importancia da conta e mais o

troco de 2\$500 com que o caloteiro se esportou. Os 5\$000 réis que elle teve que restituir ao visinho podem ser considerados simplesmente como um empréstimo temporario, completamente distincto da tranquibernia do burlão. Por obvio que isto seja para pessoas costumadas ao negocio, homens praticos ha que não fazem logo de repente esta distincção.

Se o espertalhão do filho tivesse que responder á pergunta seguinte, talvez que o fizesse com correcção: «Sardinha e meia por trinta réis, quanto custa duzia e meia?» Dezoito vintens, está claro.

ARITHMETICA EMBARAÇOSA

Mas, por ladino que fosse, é possível que não resolvesse com tanta promptidão o seguinte problema:

«O preço de uma penna e de uma caneta é 25 réis. A caneta vale mais um vintem do que a penna. Qual é o preço de cada um dos objectos?» A resposta que vem immediatamente á bocca—«um vintem a caneta e cinco réis a penna»—é manifestamente incorrecta, visto que um vintem tem apenas 15 réis de excesso sobre 5 réis. A verdadeira solução é que o valor da penna é dois reaes e meio e o da caneta vinte e dois reaes e meio, o que tudo perfaz 25 réis.

Se quizerem ainda pôr á prova a sciencia arithmetica do rapazote, proponham-lhe o seguinte problema. Como o nosso amigo Manuel—é o nome do sujeitinho—se fina pelas maçãs, imagine elle que, de companhia com o seu collega Chico, trepou a uma macieira, e palmou uma porção de fructa. Elle apanhou quatro maçãs, e o Chico, mais feliz, palmou sete. Aparece n'isto o visinho Pedrito, e propõe-lhes repartirem egualmente as maçãs entre os tres, pagando elle a sua parte. Dito e feito! n'um relance de olhos vão as maçãs parar ao bucho da rapaziada. O Pedrito, que é rapaz brioso, esportula-se com 55 réis pelo seu quinhão, e deixa os outros dois a repetir dinheiro como lhes parecer. Como se deve fazer com justiça essa repartição? O nosso Manuel é capaz de ficar assombrado, quando lhe disserem que não lhe cabe mais de 5 réis, e que o meio tostão restante vae para o bolso do Chico. Pois é esta a divisão justa. E a explicação é simples: cada um dos patusquinhos regalou-se com 3 maçãs e dois terços. Quer dizer, o que tinha quatro maçãs co-

me-as todas, menos um terço; é essa a parte com que contribue para o quinhão do terceiro, ao passo que o Chico deixou de comer 3 maçãs e um terço, das sete que possuia.

UMA QUESTÃO DE PHYSICA

Sempre gostava de ver como um rapazito, um pouco versado em sciencias physicas, resolve o problema seguinte.

Em campanha, promete-se um premio a quem primeiro perceber a descarga de uma peça n'uma bateria inimiga.

Questionam tres soldados sobre a prioridade que lhes cabe na denuncia. O primeiro baseia a sua reclamação no facto de ter visto a granada bater na terra, a uma distancia bastante curta do lugar onde se achava; o segundo reconhece não ter visto a granada, mas affirma ter visto a chamma, quando se deu o tiro; o terceiro nem viu a chamma nem a granada, mas ficou meio atordoado com o estampido. Qual dos tres foi realmente o primeiro a dar conta do caso? N'esta pergunta não ha rãtoeira de especie alguma. A resposta correcta depende simplesmente dos conhecimentos sobre a velocidade relativa da luz e do som. Desde que se saiba que a luz tem uma velocidade infinitamente maior do que o som ou do que qualquer projectil, não resta duvida que o soldado a quem cabe o premio é o que primeiro percebeu a chamma do tiro. É possível que ainda se levante discussão entre os outros dois, para o direito á honra do segundo lugar. Esta só se pode decidir pela distancia a que cada um d'elles estava da peça. A detonação atordoou um d'elles. Por conseguinte, a peça não devia estar muito longe, e como a velocidade inicial da granada é muito superior á d'aquella com que o som caminha, o soldado que viu o projectil bater na terra tem toda a razão em reclamar a honra de ter dado pela descarga antes do seu camarada que ouviu a detonação.

Aqui vae, por ultimo, uma pergunta que provoca um sorriso: «Se cinco galgos podem perseguir e apanhar cinco lebres em cinco minutos, quantos são precisos para perseguir e apanhar vinte lebres em vinte minutos?»

«Vinte galgos», é logo a resposta. Não ha tal. Bastam os mesmos cinco galgos que perseguiram e apanharam as primeiras cinco lebres.

Para seismar

ENIGMA

Não sei porque, o Gil e o Sá,
Andam ha tempos em questão;
Disse-me o Gil:—«razões não ha»...
Disse-me 'o Sá:—«razões é que *hãõ!*»

Apóda o Sá de atheu o Gil.
Porque na missa nunca o vê.
Acho o motivo assás pueril
P'ra que tal nome assim lhe dê.

Por outro lado, o Gil—ratão!
Pensou tambem o Sá chrismar;
Como blasona em ser christão
Alcunha achou mesmo ao pintar.

E o certo é que o bom do Sá
Levar não póde a coisa a mal,
Que em tal alcunha o Gil lhe dá
O nome seu profissional.

IN-JUSTO

APANHADO!

—Meu caro, vê lá se adivinhas este enigma.

—Vamos lá a ouvir.

—Um burro está sósinho n'um campo, á beira de um rio. Tem uma fome de mil demônios, e o campo está tosquiadinho de relva. Mas da outra banda do rio ha uma data de feno, que é de luzir o olho a um burro. Este nosso jumento está morto por passar o rio, mas não se sente com força de nadar. N'estas circumstancias, que faz elle?

—É boa! Dá um pulo.

—Não pode. O rio é muito largo.

—Então atravessa a ponte.

—Qual ponte! Não ha ponte nenhuma.

—Mette-se n'um bote.

—Não ha bote, nem jangada de nenhuma especie.

—Então não sei!

—Renuncias?

—Renuncio.

—Foi exactamente o que fez o burro.

PERGUNTAS EXQUISITAS

O que é que apparece uma vez n'um minuto, duas n'um momento, e nenhuma n'um seculo?

×

O que pesa mais? Um kilo de pennas ou um kilo de chumbo?

PARA GUARNECER UM VESTIDO

Uma senhora compra uma porção de renda a 750 réis o metro. Mas, depois de ir para casa, reconhece que para a guarnição a que a destinava ainda faltam 4 metros. Volta á loja, devolve a renda que comprara, dá mais 1\$800 réis, e leva uma peça mais barata a 700 réis o metro. Sobejam-lhe depois 4 metros.

Quantos eram os metros de que ella precisava?

QUAL É A EDADE?

Um sujeito, interrogado sobre a sua idade, respondeu: «Em 1887 eram os annos da minha idade eguaes ao triplo da somma dos quatro algarismos que formam o anno do meu nascimento. A differença dos dois primeiros d'esses algarismos é a data do mez em que eu nasci, e a somma dos dois ultimos representa a ordem d'esse mez dentro do anno.»

Quando nasceu o sujeito?

SOMMAR SEM TER PARCELLAS

Acham que é impossivel? Pois eu lhes mostro a maneira de embasbacarem os amigos com esta habilidade.

Peça o leitor a um amigo que lhe dê um numero qualquer de sete algarismos. A este pode elle ajuntar tres outros numeros tambem de sete algarismos, e o leitor outros tantos da mesma especie. Mas, apenas elle lhe dá o primeiro numero, o leitor pode dizer-lhe qual a somma dos sete numeros todos. Pode ainda dar-se maior côr de mysterio, escrevendo esse total n'um bocado de papel que se dobra e

se entrega ao amigo para elle depois o confrontar com a somma que ha de encontrar-se.

As regras são simples. Do ultimo algarismo do numero dado subtraem-se 3, e colloca-se o algarismo 3 á esquerda do numero. É essa a somma requerida.

Assim, se elle apresentar o numero 9672015, immediatamente o leitor escreverá a somma: 39672012.

Ora agora vamos tratar dos seis numeros restantes. As regras são simplesmente estas: (1) Os numeros são dados alternadamente, a começar pelo amigo. (2) Cada numero que o leitor der deve ser o resto que fica subtraindo de 9999999 o numero que elle acabou de dar. (3) O terceiro e o quarto numero, dados por elle, devem ser mais pequenos que o segundo, contendo sempre, já se vê, sete algarismos.

Por exemplo: se o primeiro numero d'elle fôr 9672015 e a somma prevista pelo leitor 39672012, as operações serão as seguintes:

Óá está o primeiro	9672015
Agora, suppunhamos que elle dá o numero	8543210
O leitor subtrah-o do tal numero de sete nove, e acha	1456789
O terceiro numero d'elle é	6231008
O segundo do leitor será	3768991
Elle aponta o quarto numero	5318270
E o leitor junta logo	4681729
E aqui tem a somma, encontrada de antemão pelo leitor,	39672012

UMA DISTRIBUIÇÃO INTRINCADA

Um negociante, que está no Brazil, tem um bello dia a generosa ideia de mandar para

a sua terra natal de Marco de Canavezes, a quantia de 840\$000 réis aos sobrinhos dos dois sexos que alli tem, devendo distribuir-se metade d'esta somma pelos sobrinhos e a outra metade pelas sobrinhas. Ora acontece que ha mais sobrinhos do que sobrinhas, e por conseguinte a cada uma d'estas cabe um quinhão que excede 17\$500 réis o de cada sobrinho. Se os 840\$000 réis fossem repartidos irmãmente por todos elles, sem distincção de sexos, cada um dos sobrinhos receberia mais 7\$500 réis.

Quantos são os sóbrinhos e quantas as sobrinhas?

PROBLEMA DAS HORAS

O meu relógio leva 6 segundos a dar 6 horas. Quanto tempo levará a bater doze horas?

Provavelmente responderão logo: Doze segundos! Pois enganar-se-hão de meio a meio. A resposta exacta é $13 \frac{1}{5}$ segundos.

E senão vejam. Quando o relógio bate seis pancadas, ha cinco intervallos eguaes de tempo entre as pancadas, o que dá para cada um $1 \frac{1}{5}$ segundos. Ora, ao bater doze pancadas, esses intervallos são onze, $11 \times 1 \frac{1}{5} = 13 \frac{1}{5}$

DISPOR OS NOVE ALGARISMOS

Sim, senhores: dispol-os por forma que, fazendo uma somma, dê como resultado 100.

Como é? É assim:

15
36
<hr/> 47
98
<hr/> 2
100





Poucos leitores acolherão sem incredulidade a ideia de que existe espirito em qualquer cousa dos chinezes, e muito especialmente na sua lingua.

Pois existe realmente um fundo extraordinario de zombaria occulta, não só debaixo do aspecto impassivel e apatetado do china, mas especialmente sob os caracteres fantasticos que constituem a sua linguagem escripta, tão intrincados para toda a gente que não haja nascido ou vivido no Celeste Imperio.

Na forma original, não passam os caracteres chinezes de grosseiros contornos dos objectos que eram destinados a representar.

Mas desde essa construcção original, com o andar dos seculos, fizeram-se alteraçoes na formação de muitos d'esses caracteres e eliminaram-se linhas menos importantes, deixando apenas aquellas cujo conjuncto representava para o espirito chinez a forma especial ou os pontos essenciaes da imagem.

A palavra chineza que designa um homem, por exemplo, serve perfeitamente para demonstrar a maneira impiedosa com que foram mutiladas algumas das formas primarias e suggestivas d'essas imagens, até ficarem reduzidas a representações inintelligiveis a quem não seja chinez.



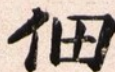
Forma original da palavra *homem*



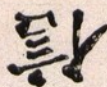
As duas formas actuaes da palavra *homem*



Um campo dividido em lotes



Um lavrador Um homem ao lado de um campo



Honradez Um homem agarrado a sua palavra



Um c'ixa quadrangular

O alumno mais pequenito de qualquer escola elementar seria capaz de interpretar a escriptura chineza, se todos os caracteres fossem tão simples como a palavra original que designa um homem, a qual tem a reproducção sufficientemente clara do objecto representado. Era essa a forma adoptada quando o povo chinez iniciou as suas tentativas para expressar as ideias por signaes graphics, n'uma epoca que ainda não poudeser determinada.

Na forma presente, a palavra foi consideravelmente reduzida, tendo desaparecido a cabeça e os membros superiores e restando apenas o tronco e as pernas.

Todas as palavras da lingua chineza teem uma razão logica de existencia e de formação, e cada uma d'ellas consiste ou n'um caracter individual, ou n'um certo numero de caracteres combinados de maneira que completem uma palavra. Tome-se, por exemplo, a palavra *campo*, representada por um quadrado dividido em secções ou lotes. Quando se escreve ao lado d'este a palavra *homem*, a combinação expressa a palavra *lavrador*.

Mais suggestiva ainda é a palavra que exprime verdade, sinceridade, lealdade, honradez. E' formada pela combinação de um homem e do caracter que designa em geral *palavra*. Assim expressa

囚

Um preso
Um homem
dentro
de uma caixa

門

Uma porta

口

A bocca

問

Pedir
Uma bocca
no meio
de uma porta

耳

Ouvir

聞

Escutar
Um ouvido
no meio
de uma porta

門

Fechar
Uma tranca
atravessada
n'uma porta

女

Mulher

子

Filho

que uma das formas da honradez consiste em o homem estar ligado á sua palavra.

A palavra *caixa* é indicada por um quadrado, e um *preso* é litteralmente um homem dentro de uma caixa. A ideia não é de todo metaphorica na China, onde os condemnados á morte são levados ao logar da execução dentro de um caixote de superficie quadrangular.

Não é difficil reconhecer o character chinez que designa uma *porta*. Colloque-se entre os humbraes d'essa porta a palavra *bocca*, e representar-se-ha o verbo *pedir*, evidente allegoria aos mendigos e vagabundos que importunam as casas chinezas.

O mau habito de escutar ás portas, trouxe á linguagem chineza a combinação que representa o verbo *ouvir*, o character que exprime *ouvido* collocado no meio da porta.

As portas das casas chinezas são fechadas com uma tranca de madeira atravessada pela parte de dentro; d'ahi deriva a forma graphica do verbo *fechar*.

No chinez, a palavra *bem* é cheia de uma significação profunda e suggestiva. Consiste nas palavras *mulher* e *filho* combinadas. É dupla a significação allegorica do termo, suggerindo a um tempo o grande valor que um pae chinez attribue a um filho masculino, e a felicidade que cabe á mulher quando presenteia seu marido e senhor com um herdeiro. Este facto tem para ella uma immensa importancia, porque a levanta de um estado de escravidão a uma condição mais elevada, na qual gosa de um respeito e de uma estima a que até então não a haviam habituado.

Em vista da situação deprimente da mulher chineza, e da obscuridade a que a relega a sociedade do seu paiz, não surprehende porventura que poucas palavras haja na lingua chineza em que o vocabulo *mulher* se empregue para trazer á mente qualquer significado bom.

Uma palavra ha, comtudo, que parece indicar a ideia que o china faz da mulher quando isolada: é a palavra *paz*, formada por uma mulher debaixo de um tecto. Mas é excepcional esta ligeira concessão feita em favor do bello sexo na lingua escripta dos chinezes. Os seus inventores tiveram evidentemente o proposito de reprimir a inconsciente tendencia para a vaidade, formando com duas mulheres juntas a palavra que significa *desordem* e com tres mulheres combinadas a palavra que designa *intriga*.

Esta philosophia pessimista faz qua-i perder a fé na mulher — pelo menos na mulher chineza.

A forma mediocrementemente polida porque o chinez lança mão da propria noiva está illustrada na palavra *agarrar*, expressa por uma mulher agachada debaixo de umas *garras*. E a palavra *esposa*, indicada por uma mulher ao lado de uma vassoura, demonstra a opinião do chinez com respeito á sua companheira do lar.

好

O bem
Uma mulher
e um filho
masculino

安

Paç
Uma mulher
debaixo
de um tecto

妾

Questionar
Duas mulheres
juntas

姦

Intriga
Tres mulheres
juntas

棲

Cubigar
Uma mulher
debaixo
de uma arvore

妥

Agarrar
Uma mulher
debaixo
de umas garras

妻

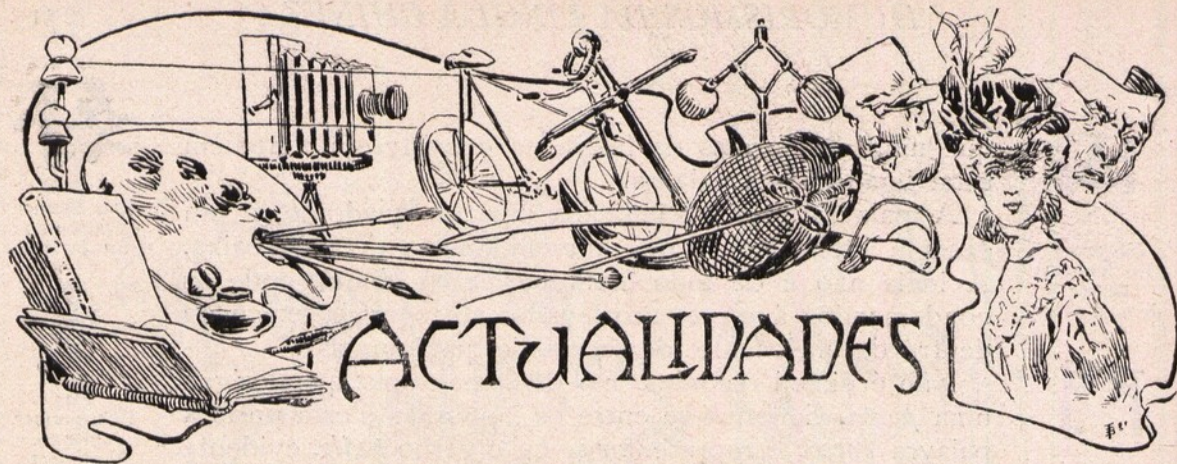
Esposa
Uma mulher
e uma vassoura

家

Lar
Um porco
debaixo
de um tecto

嫁

Casamento
Uma mulh
e um porco
debaixo
de um tecto



ACTUALIDADES

Grandes topicos

ROOSEVELT

mo a qualificação de «homem do dia», é seguramente Mr. Theodoro Roosevelt, o presidente dos Estados Unidos. Para elle converge a attenção universal. Sabe-se porquê. Em 8 de junho, Mr. Roosevelt dirigiu aos governos russo e japonês uma nota em que vivamente sollicitava os belligerantes a entabolar negociações directas tendentes á conclusão da paz, tendo assim em vista contribuir para um feliz resultado, conforme os desejos de todo o mundo.

A publicação de tal documento, immediatamente seguido das negociações entre os delegados da Russia e do Japão, teve uma enorme notoriedade, e a iniciativa do Presidente dos Estados Unidos foi saudada com um concerto de elogios, tanto em razão das boas consequências que logo se aguardaram, como pelas altas considerações que a tinham inspirado.

Mr. Roosevelt é, acima de tudo, um

SE ha neste momento uma personalidade á qual se applique na mais larga acepção do ter-

notavel homem de acção, guado por uma esplendida cultura intellectual; é um apologista vehemente da força e da energia, comc testemunham os seus

escriptos e os seus discursos; foi um soldado valente e resoluto, organisador do famoso corpo de cavallaria de voluntarios denominado *Rough-riders*, á frente do qual, por occasião da guerra hispano-americana, bateu o inimigo e conquistou a popularidade—numa palavra, uma das figuras mais caracteristicas da historia contemporanea.

Por estes dois factos—a iniciativa das negociações para o tratado da paz, chegada a tão bom termo, e o logar onde essas negociações decorreram—os Estados Unidos assumem uma posição preponderante na politica do Extremo Oriente. Continuando os armamentos navaes dos Estados Unidos, e a politica ambiciosa e audaz do Presidente Roosevelt, duas grandes potencias dominarão o Pacifico: os Estados Unidos e o Japão.

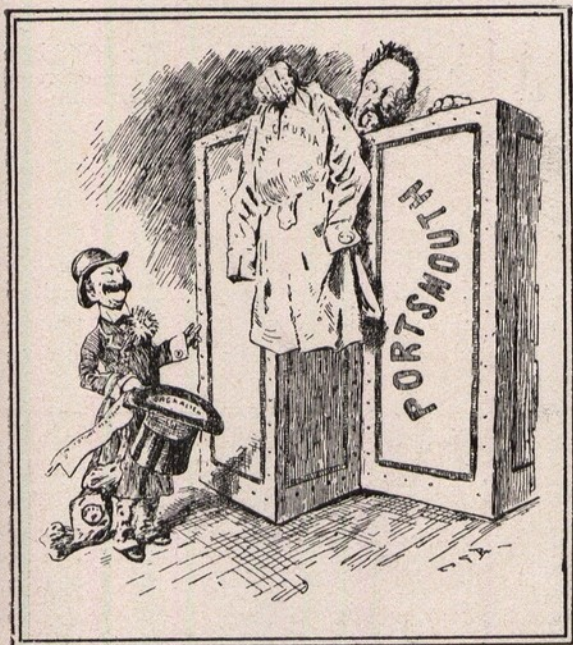
O retrato que reproduzimos do Presidente Roosevelt, co-



THEODORO ROOSEVELT, PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA

Reprodução de um retrato de Sergent.

piado de Sergeant, eminente pintor norte-americano, dá-nos esse grande homem de estado em uma das suas habituaes attitudes de orador, de cadadura concentrada e meditabunda. Através, porém, dos seus traços fisionomicos de severidade, divisa-se-lhe bem, na fronte ampla e rasgada, um ar de



M. WITTE LARGANDO A CAMISA AOS PEDAÇOS
Caricatura extrahida do «New York World».

bondade e de indulgencia, um mixto de rigor e de doçura, que talvez explique o seu extraordinario poder de sugestão e de influencia varonil.

Não ha com effeito quem, acercando-se d'este chefe de estado, não misture ao natural respeito uma larga dose de affecto, tal é a sympathia que se desenvolve da sua personalidade, tal o encanto que infunde a simplicidade da sua apresentação e do seu viver.

O FIM DA GUERRA

ESTÃO restabelecidas as relações de paz e amizade entre a Russia e o Japão. Os russos reconheceram a preponderancia dos interesses japonezes na Coréa. A Mandchuria será evacuada simultaneamente pelas tropas russas e japonezas. Os antigos direitos dos russos sobre Porto Arthur, Dalny, terras e aguas adjacentes, passam inteiramente para o Japão. Nem a Russia nem o Japão porão qualquer obstaculo ás medidas geraes que tome a China para o desenvolvimento do commercio e da industria na Mandchuria. O caminho de terre mandenuriano é dividido entre a Russia e o Japão assegurando ambas o traço commercial. A Russia cede ao Japão a parte

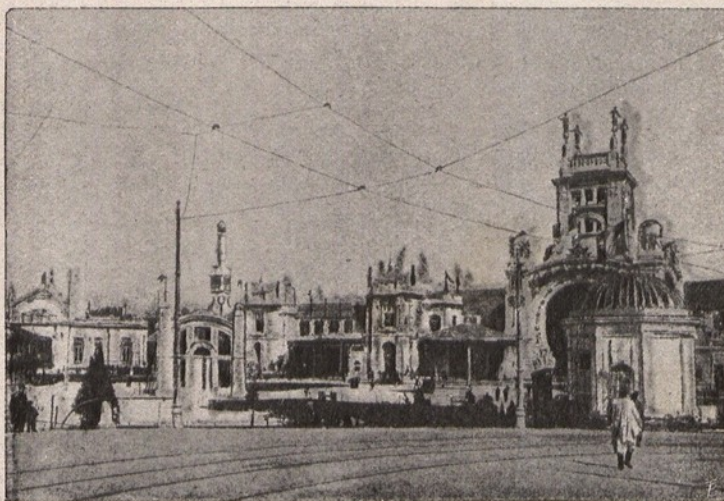
sul da Ilha Sakaline e as ilhas d'ella dependentes. É assegurada a livre navegação nos estreitos de La Perouse e Tartaro. Serão assegurados aos japonezes direitos de pesca nas aguas russas dos mares do Japão, de Okhotsk e de Behring. Os prisioneiros de guerra serão entregues reciprocamente, pagando cada nação á outra as despesas feitas com a sua alimentação.

Estas são as linhas geraes do tratado de paz que deverá ser ratificado no prazo de 50 dias a contar da data da sua assignatura.

A Russia queria a guerra e foi obrigada a aceitar a paz; o Japão queria a paz, e conseguiu-a. Quem tem acompanhado a grande politica internacional desde que rompeu a guerra, os interesses desencontrados das grandes potencias, as suas rivalidades, vê claramente que da lueta titanica entre brancos e amarelos, em tudo quanto dependeu da força, os amarelos coroaram-se de louros; e no final, que dependeu de sagacidade, para aproveitamento dos sacrificios e dos successos, o Japão mostrou-se superior a todos os brancos.

Como muito bem observa um publicista illustre; a Europa que d'um lado está vendo os povos da America emancipados, crescendo, prosperando, e já grandes, vê agora no lado opposto os seus planos de expansão na Asia totalmente frustrados, e custa-lhe reconhecer que vae gradualmente ficando secundaria no nosso planeta, não porque esteja em decadencia, mas porque os povos americanos e aziaticos vão-se tornando independentes e importantes.

A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LIÈGE ESTÁ estendendo-se sobre uma superficie total de 70 hectares. Só ás machinas



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LIÈGE

caldeiras, gazogemios e material de caminho de ferro reservou-se um espaço de 28:000 metros quadrados. Vê-se por isto que ella é, antes de tudo, uma exposição industrial.

Mas são também notaveis as secções das Artes, das Sciencias, do Commercio e das Colonias. Como atra-

ctivos, exhibem-se um velho Liège com uma exposição de arte antiga, uma exposição do Estado Livre do Congo e uma aldeia chinesa.

Ha edificios concebidos com verdadeira grandeza: entre outros os halls da Industria e do Commercio, compostos de galerias de 15 a 25 metros de largura, com a superficie total de 100:000 metros quadrados. O hall das machinas comporta 3 galerias de 25 metros e 3 de 15 metros, cobrindo mais de 25:000 metros quadrados, 15:000 dos quaes occupados pela exposição belga.

Estes algarismos dão ideia de envergadura da empreza, á qual se consagraram perto de 12 milhões de francos.

Trinta e duas nações estrangeiras adheriram á exposição, e o total dos expositores anda por quatorze mil.

Ha toda a razão de assegurar o melhor exito á empreza, não só pelo interesse que despertará no mundo da arte, da sciencia e da industria, como pelas facilidades de comunicação que Liège offerece aos visitantes.

Vida na arte

O ARCHITECTO
WATERHOUSE

Os 75 annos, falleceu o architecto inglez Alfredo Waterhouse, que durante uma certa época se notabilizou em Inglaterra, primeiro pelas suas construcções em estylo medieval (o tribunal e o palacio municipal de Manchester, entre outros), e depois pela applicação da terra-cotta á edificação moderna, de que é o exemplo mais importante o Museu da Historia Natural de Londres.

Embora a sua arte, sobrecarregada de ornamentações, tresandando a gothico, estivesse hoje fóra de moda e não lhe conciliasse a admiração dos novos, é fóra de duvida que Waterhouse foi um architecto de um grande valor e que a sua opinião era sempre escutada com respeito. Era tambem um paisagista distincto, pintando a oleo e a aguarella.

Nota curiosa: Waterhouse foi o iniciador de uma *Sociedade para reprimir os abusos dos annuncios publicos*, destinada a proteger as ruas e as paisagens contra a ancia dos commerciantes. Esta sociedade tem prestado relevantes serviços em Inglaterra.

Muito necessaria se vae tornando entre nós uma instituição analogá!

CONGRESSO
DE ARTE PUBLICA

DEVE ter-se realizado em Liège, de 15 a 20 de setembro, o terceiro congresso de arte publica. Tem este por fim «o progresso moral, economico e social pela escola, a academia, o museu, as exposições, o theatro e a administração do dominio publico». As principaes questões são:

Ensino da arte e da esthetica na escola;

Reorganisação dos museus e das exposições;

O theatro lyrico popular, o theatro ao ar livre, etc.

O mau gosto nos edificios publicos, a defesa da architectura e da paizagem;

O papel dos poderes publicos em assumptos de arte.

MORTE
DE BOUGUEREAU

WILLIAM Bouguereau, agora fallecido, foi um dos mais celebres pintores da França contemporanea. Morreu com perto de oitenta annos, mas a consagração do seu talento data de quando elle apenas contava vinte e cinco annos

Atacado, admirado, imitado, pastichado, muitas vezes mettido a ridiculo, mas triumphando sempre de malquerenças e ataques, Bouguereau conheceu,



BOUGUEREAU

durante esse largo periodo de producção incessante, todas as amarguras e todos os gosos que a gloria traz comsigo. O gosto moderno desviou-se, a partir de um certo tempo, da pintura idillica em que o seu

talento se comprazia; Bouguereau não o ignorava, mas, fiel ao seu ideal de mocidade, não procurava nunca modificar a sua «maneira». Por certo devido a esta justa teimosia, é que os seus quadros foram sempre disputados calorosamente pelos colleccionadores dos dois mundos.

Bouguereau possuía uma correcção de desenho, uma leveza de tintas, uma graça de transparencias, que o tornavam absolutamente inconfundível. Os seus faunos, as suas pastorinhas, os seus amores, as

suas bacchantes, as suas donzellas tomando banho tiveram sempre, embora muito repetidos em algumas centenas de télas, o mesmo prestigio do colorido e da graça.

Em 1876, Bouguereau fôra nomeado membro da Academia de Bellas Artes de Paris, e n'esse mesmo anno recebia o officialato da Legião de Honra, da qual foi nomeado commendador em 1885.

Era presidente da Associação dos Pintores e da Sociedade dos Artistas Francêzes.

Vida na sciencia e na industria

POSSIBILIDADE
DO MOTO
CONTINUO

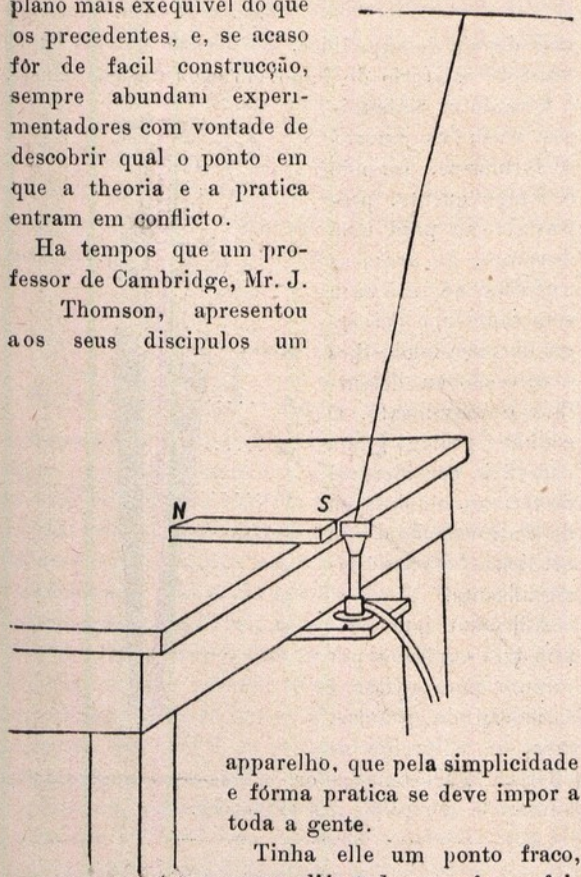
BASTA apenas mencionar o moto continuo para que um homem do mundo abane a cabeça e mude logo de assumpto.

Sob o seu aspecto theorico, é possível que elle se interesse em ouvir novas suggestões sobre o problema, mas é quando elle percebe o desejo de caminhar da theoria para a pratica que se lhe assombrea logo a catadura.

Todavia, uma vez por outra, lá apparece um plano mais exequível do que os precedentes, e, se acaso fôr de facil construcção, sempre abundam experimentadores com vontade de descobrir qual o ponto em que a theoria e a pratica entram em conflicto.

Ha tempos que um professor de Cambridge, Mr. J.

Thomson, apresentou aos seus discipulos um



apparelho, que pela simplicidade e fórma pratica se deve impor a toda a gente.

Tinha elle um ponto fraco, como aliás todos os esforços feitos n'este sentido, mas é possível que a descoberta das propriedades do radio tenha removido a difficuldade.

Consiste o apparelho n'uma barra de ferro macio N S (veja-se a fig. junta) orientada na direcção

norte-sul magnetica. Enquanto occupar essa posição, a barra constitue um magnete.

A um fio delgado de quartzo, fixo por um dos extremos ao tecto, está suspensa uma pequena peça de ferro macio. O ponto de suspensão do tecto não fica perpendicularmente por cima do extremo S do magnete, mas em posição tal que permita o movimento pendular do pingente de ferro macio.

Mesmo por debaixo do sitio em que o pingente deveria chegar ao contacto do magnete, mas disposta de modo que não possa tocar no magnete, ha constantemente um foco de calor.

Dê-se balanço ao pendulo; apenas chega a contacto com o magnete, o pingente é attrahido, por isso que por inducção se torna um magnete. Mas n'esta posição, o pingente é cercado pela chama, que immediatamente começa a desmagnetisal-o, e por conseguinte afasta-se logo do magnete.

Os processos de magnetisação por inducção e de desmagnetisação pelo calor continuam a alternarse, enquanto o magnete N S estiver no meridiano magnetico e existir o foco de calor. O ponto fraco da suggestão era exactamente este ultimo, e enquanto não se pudesse obter uma fonte pequena de calor, o invento pouco mais valor teria do que milhares dos seus antecessores.

Mas affirma-se que os effeitos calorificos do radio são tão permanentes como as suas propriedades radio-activas. Por conseguinte, a questão é simplesmente concentrar aquelles effeitos até ao grau necessario para desmagnetisar uma peça pequena de ferro macio, e fica resolvido o moto continuo.

O apparelho com o radio como fonte de calor poderia fixar-se no vacuo, e assim se poderia eliminar o effeito de atrazo, produzido pela atmosphera.

ENXERTIA
CAPILLAR

ALEGREM-SE os calvos. A sua infelicidade pôde ter remedio, o seu craneo desnudado pôde ainda ostentar uma farta cabelleira. É questão d'um simples enxerto. O leitor deve já, a estas horas, ter relegado para a companhia dos espaventosos réclamos, que nos jornaes diarios pindorisam a efficacia de maravilhosos especificos contra a calvicie, a noticia da curiosa enxertia. E se o leitor é

calvo, então, sentiu já tentações d'amarrotar os deliciosos *Serões* que se comprazem em ridicularisar a sua desgraça. Mas não; os *Serões* fallam muito a sério e vulgarisam uma novidade que póde adornar um craneo completamente desnudado com o bellissimo adorno natural dos cabellos.

Todos sabem que os tecidos vivos são eminentemente aptos para a reproducção e para a soldadura antoplastica. Desde que a enxertia é coisa corrente na cirurgia moderna, porque não tentar para a cura da calvicie, a enxertia capillar? Foi o que tentou um medico de Constantinopla, Menahem Hodara.

Menahem lembrou-se de praticar, n'um craneo desnudado pela tinha, escarificações sobre a epiderme e camada superficial da derme. Nos sulcos abertos pelas escarificações implantou cabellos arrancados com o bolbo intacto. A cicatrização sobreveio rapida e os cabellos *pegaram* como o melhor enxerto de jardim. Pegaram e cresceram! Estava, pois, descoberto o remedio especifico da calvicie. E então o nosso medico não teve mãos a medir, conseguindo guarnecer com bellos cabellos a cabeça de muitos calvos.

Mas Menahem quiz fazer um estudo scientifico da sua descoberta. Repetiu as suas experiencias sobre animaes e, após o completo successo e confirmação dos anteriores trabalhos, sacrificou os animaes ao exame microscopico dos cortes dados atravez da pelle, reconhecendo que em volta da raiz plantada, a derme se havia diferenciado, as partes superficiaes da assentada cellular externa se tinham aberto em calices de fundo dilatado e em fórma de papilla. Entre o pélo e esta papilla havia intimas connexões, manifestando-se ainda a existencia e o bom funcionamento da camada geradora por cellulas em via de evolução. Em summa, os elementos geradores do pélo estavam em completa actividade assegurando-lhe uma vida duradoira. Era a plena confirmação de todos os trabalhos. Não ficou ainda por aqui a descoberta. Como nem sempre é facil ter á mão cabellos arrancados de fresco e com todos os annexos da raiz, Menahem procurou verificar se o enxerto se não poderia tornar muito mais simples, se, do mesmo modo que a derme se tinha diferenciado de modo a produzir uma camada geradora, só a haste do cabelo não poderia produzir uma raiz com o bolbo piloso. Implantando simples hastes de cabelo sem raiz, sobre uma pelle glabra, o resultado foi exactamente egual ao anterior, mostrando a analyse microscopica que as raizes agora formadas eram absolutamente analogas ás do cabelo normal.

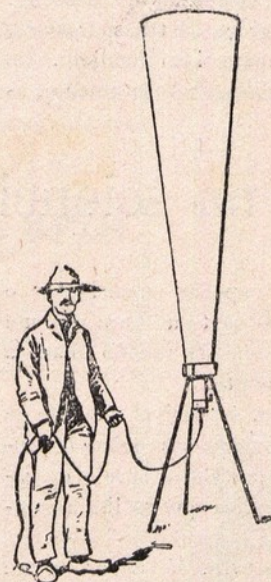
Notemos — para que esta noticia não seja tomada á conta de menos veridica — que Menahem Hodara não occultou a ninguem a sua technica operatoria, mas antes a expoz scient'ficamente n'uma memoria, pedindo que outros medicos verifiquem as suas experiencias.

Alegrem-se, pois, os calvos; com uma simples operação cirurgica poderão ainda ostentar nos salões toda a artistica garridice de que é capaz uma cabelleira bem tratada.

MARIOTTE.

O GRANISO
BATIDO
PELA ARTILHARIA

PARA afastar a chuva de pedra, tão dammosa aos vinhedos, usa-se em certas regiões da França um canhão de factura opecial. E' um cone invertido, como se vê na fig. junta, e assente n'um tripé de um metro de alto. O canhão tem de altura 2,^m15 precisamente, e carrega-se com um cartucho de polvora.

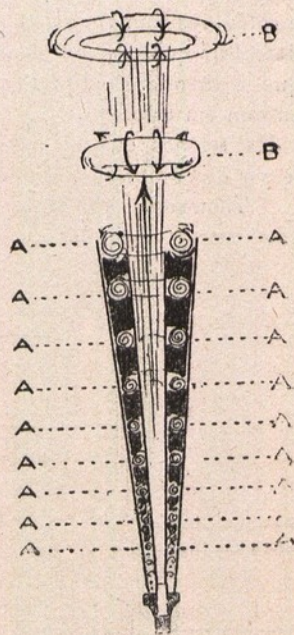


A detonação é muito estrondosa. Assim que se dá fogo, por meio de uma espoleta do antigo systema, vê-se logo a chamma na bocca da peça, seguida immediatamente por circulos de fumo. A acção de polvora no ar é representada pela outra figura que publicamos, a qual mostr. uma secção longitudinal do funil, que constitue a peça, no momento da explosão. A representa os aneis ou novelos de fumo em via de formação, e B os mesmos aneis depois de expellidos.

As flechas indicam o movimento rotatorio do fumo em cada um dos aneis.

Quando os vinhateiros veem as nuvens a formar-se, estando o tempo quente, preparam-se para uma descarga. Se acaso as nuvens se movem com rapidez, a descarga da peça muda-lhes a direcção ou detem-lhes o movimento. O canhão protege uma superficie consideravel de terreno, e a despeza de cada estação d'esta artilharia benefica é insignificantemente.

Afirmam que bastam tres explosões por minuto para evitar a formação do graniso, mas, se o perigo se offerece mais ameaçador, n'esse caso augmenta o numero e a rapidez das explosões.



DESAPARECIMENTO DO NEVOEIRO
PELA
ELECTRICIDADE

NINGUEM, porá em duvida que os nevoeiros são para muitas cidades não só um incommodo mas ainda um prejuizo. Londres é o exemplo classico sempre apresentado para corroborar tal factio. Ainda na semana do Natal

do anno ultimo um intenso nevoeiro, que se estendeu sobre a costa oriental da Inglaterra, foi causa de prejuizos calculados em cerca de cincoenta mil contos de réis. Se fosse possível fazer dissipar tal incommodo, grandes serviços seriam prestados ao commercio, á navegação e á exploração ferro-viaria. Assim o pensou sir Oliver Lodge, actual reitor da Universidade de Birmingham, que desde algum tempo se tem dedicado á solução d'este problema. O principio em que se fundam as explicações de sir Oliver Lodge, é conhecido já ha muito. As particulas solidas ou liquidas em suspensão n'um gaz caem sob a acção da gravidade desde que o gaz seja submettido á acção d'um campo electrostatico poderoso. Assim uma machina electrica de Wimshurts, funcionando n'um aposento cheio de fumo de tabaco, torna a atmospheria rapidamente limpa. As experiencias de laboratorio deram optimos resultados; a electricidade dissipa por completo todos os nevoeiros e fumos artificiaes.

Lodge fez então experiencias em grande escala, não sendo infelizmente os resultados tão satisfatorios pela difficuldade que ha em obter na atmospheria descargas electricas sufficientemente poderosas. Ainda assim as descargas produzidas na extremidade d'um grande mastro dissiparam rapidamente, em Liverpool, um espesso nevoeiro n'um raio de 50 metros. Sir Oliver Lodge tenciona repetir as experiencias no proximo inverno, de modo a chegar a determinar a technica definitiva para a dissipação dos nevoeiros e fumos da atmospheria. Será este um resultado altamente humanitario, porque não só o commercio mas também a hygiene dos grandes agrupamentos humanos será melhorada.

MARIOTTE.

PAPEL DE ALUMINIO

TODOS conhecem o chamado papel d'estanho muito empregado para proteger algumas substancias alimentares e especialmente o chocolate. Este papel tem agora um succedaneo no aluminio. O estanho, embora offereça grandes vantagens como órgão protector de determinadas substancias, também apresenta alguns inconvenientes. Póde estar-lhe addicionada uma certa quantidade de chumbo, susceptivel de prejudicar a saude, e é de preço bastante elevado. O aluminio, que agora se apresenta a fazer concorrência ao estanho neste emprego, não contem metal algum toxico, é tão flexivel como o estanho e é menos permeavel ao ar que este ultimo. A unica impureza que o papel d'aluminio póde apresentar é a alumina, materia inoffensiva. No preço também o aluminio combate com vantagem o estanho: um kilogramma de papel d'aluminio, representando um minimo de 30 metros quadrados, em folhas de 1 centesimo de millimetro de espessura, póde ficar por 1\$600 réis. É, pois, provavel que o papel d'aluminio des-thronise o papel d'estanho na protecção das substancias alimentares.

MARIOTTE.

AS CATARACTAS DO YARAGUASSU

PENSA-SE no Brazil, no estado da Bahia, em utilizar industrialmente, e, já se vê, hydro-electricamente, as famosas cataractas do YARAGUASSU, as quaes representam uma força superior a 100:000 cavallos.

CAMINHOS DE FERRO ELECTRICOS

A Allemanha deve possuir de aqui a pouco tres importantes linhas de caminhos de ferro electricos, as quaes ligarão Francfort a Wiesbadeu (42 km.), Colonia a Dusseldorf (39 km.) e Leipzig a Halla (82 km.) A duração do trajecto n'essas tres linhas não deverá exceder meia hora, incluindo as paragens das duas cidades, testas de linha. Os comboios partirão de 15 em 15 minutos.

O CABO TRANSATLANTICO MAIS EXTENSO DO MUNDO

Eo de San Francisco a Manilha (Philipinas) Tem 14:140 km. de comprido, e a imersão varia entre 4:000 e 9:633 metros. Passa por Honolulu, ilhas Midwry e Guam (Mariannas).

NOVO MICROPHONE

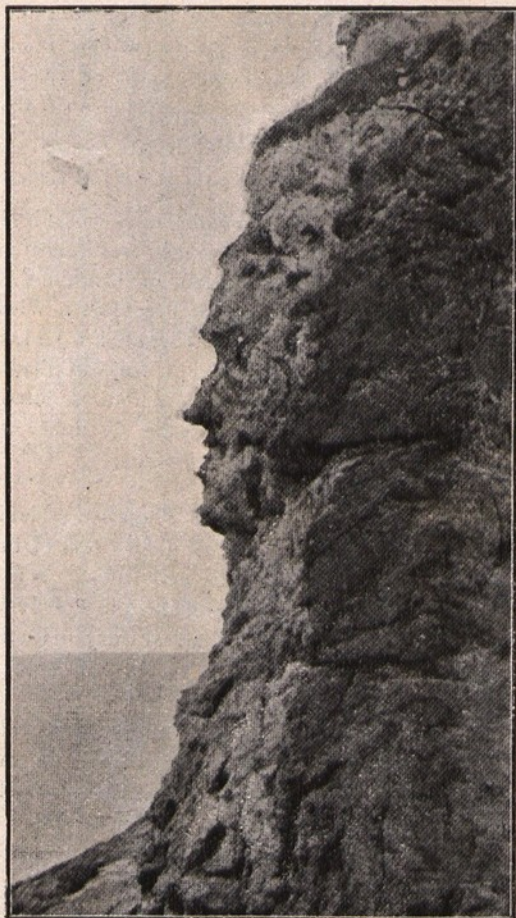
Fizeram-se recentemente em Roma experiencias de um microphone inventado pelo professor italiano Majorama. Estabeleceu-se comunicação entre Londres e Roma, a uma distancia de mais de 1:500 km. Os resultados consta que foram muito satisfatorios. Na rede de Londres ouviram-se e entenderam-se as palavras do correspondente de Londres.

OS IBEROS EM MARSELHA

M. Vasseur, professor na faculdade de Marselha, anuncia a descoberta, em Baou-Roux, perto de Simiane (Boccas-do-Rhodano), de objectos de olaria analogos aos encontrados perto de Narbonne e na Hespanha. Esta ceramica parece que remonta ao seculo XII antes de Christo e que é de origem ibero-myceniana. Provado isto, deduz-se que o porto de Marselha foi frequentado por navegadores ibericos muito antes da colonisação phoceana.

VELOCIDADE DAS AVES

A locomotiva attinge de ordinario ao mesmo nivel, em distancias curtas, a velocidade de 110 a 120 kilometros por hora: o automovel nas mesmas distancias vae facilmente alem dos 150 km. por hora. Mas essas velocidades são insignificantes, comparadas com os excessos de velocidade commettidos pelas aves: a codorniz vence 17 metros por segundo, ou 61 km. por hora: o pombo viajante, 27 metros por segundo ou 100 kilometros por hora; a aguia, 31 metros por segundo, ou 112 km. por hora; a andorinha, 67 metros por segundo, ou 241 km. por hora; o gaivão ou andorinhão, 88 metros por segundo, nada menos que 316 km. por hora.



PENEDO NA GRÃ-BRETANHA

A NATUREZA
ESCUPTORA

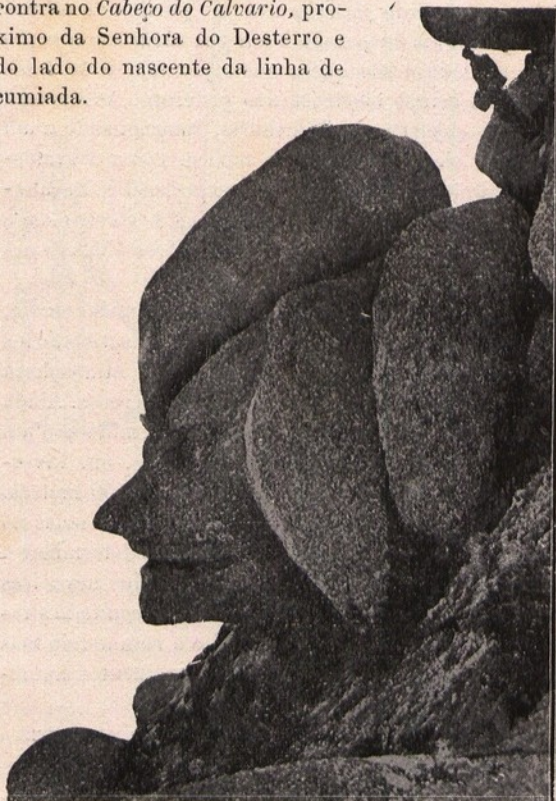
A gravura que hoje publicamos representa um penedo solitario nas costas da Grã-Bretanha, perto de St. Austell. Como se vê, dá uma ideia muito nítida de um perfil humano, no qual os inglezes acham muitas parcerças com o fallecido estadista sir William Harcourt. Exquisitices analogas não são raras na configuração dos rochedos. E' bem conhecido pelos mareantes aquelle monte da ilha de S. Vicente de Cabo Verde, que apresenta o perfil

CABEÇA DE PRETO—DO LIVRO «SERRA DA ESTRELLA»
DO DR. ADELINO DE MORAES

de um homem deitado e ao qual os inglezes dão o nome de Nelson's Head (A Cabeça de Nelson).

Tambem na serra da Estrella existem exemplares curiosos d'estas ratices naturaes. Do interessante livro do sr. dr. Adelino de Abreu extrahimos duas gravuras, e transcrevemos o texto correspondente:

«Digno de notar-se é, porém, um monumento curiosissimo de anthropoglyphita, representando a cabeça de uma velha, a que os pintores chamam — *Cara de Velha*, cujo megistocephalo se encontra no *Cabeço do Calvario*, proximo da Senhora do Desterro e do lado do nascente da linha de cumiada.

CARA DE VELHA—DO LIVRO «SERRA DA ESTRELLA»
DO DR. ADELINO DE ABREU

«Curioso é tambem o *Cabeça do Preto*, formado por um montão de penedos, que se agrupam proximo do Observatorio, no cimo dos quaes se destaca uma fraga boleada, que vista a distancia configura a *cabeça de um preto*. Estes singulares monumentos, que mais parecem obra do homem que da natureza, não devem deixar de ser vistos pelo *touriste*».

PROIBIÇÃO
DOS SUBMARINOS

EM consequencia dos desastres que se produziram na França e na Inglaterra, aventou-se em Londres a ideia de abrir negociações com os governos estrangeiros, afim de prohibir o uso dos submarinos na guerra maritima.

Vida nos campos

PASSADOS os trabalhos das diferentes colheitas, começa o lavrador a romper de novo as suas terras para substituir a camada em que vegetou a ultima planta, por outra que durante esse tempo se conservou em baixo. Este trabalho é facilitado pela acção das primeiras chuvas ou mesmo apenas pelo estado mais humido da atmospheria que amacia a terra, até então resequida pela acção do sol de verão.

Nos campos largos este trabalho é feito com as charruas de uma, duas ou mais juntas de bois, segundo a importancia da lavoura.

Com as charruas de aiveca fixa que só viram para um lado a leiva, talha-se a lavoura em secções, abrindo um rego ao meio de cada uma, e seguindo alternadamente de cada lado d'esse rego com o trabalho de virar a terra para dentro do sulco anterior, até acabar a secção, repetindo o processo na secção seguinte. Com as charruas de aiveca movel pode fazer-se a carreira sempre seguida, por se poder ir suster a posição d'ella segundo o lado para o qual se caminha.

Nos jardins emprega-se em geral a enxada. Para

começar abre-se uma valla a um fudo da folha que se quer cavar e transporta-se esta terra para o lado opposto. Para dentro d'essa valla cava-se a terra que deixa aberta uma segunda valla, que se enche com a terra de uma terceira e assim successivamente, até se abrir a ultima valla que se encha com a terra que se transportou da primeira.

Os vinhateiros teem acabado já n'este mez a faina da vindima e pisa da uva, e obtida a transformação do mosto em vinho, o que se conhece pelo acabamento da fermentação tumultuosa do liquido, envasilham então o vinho nas vazilhas onde se acaba de fazer durante o mez em fermentação lenta.

Nos jardins admira-se a encantadora variedade dos crysanthemos, das despedidas do verão, que constituem hoje e cada vez mais o prazer dos amadores que cultivam estas bellas flores, procurando uns obter mais uma variedade nova, outros aperfeiçoar qualquer outra já conhecida e mais da sua predilecção.

É n'esta variedade de occupação e cuidados se passa no campo a vida, longe da bulha da civilização e das luctas mais ou menos compensadoras da vida nas cidades.

Variedades

OS JORNAES
NA AMERICA
DO NORTE

EM 1850 havia nos Estados Unidos 2:500 jornaes. Actualmente, ha 25:000, dos quaes se imprimem por anno 400 milhões de exemplares. Os annuncios publicados n'esses jornaes custam aos annunciantes, moeda nossa, 450 contos de réis por anno. Vinte grandes estabelecimentos de New-York gastam annualmente 1:800 contos em annuncios, o que corresponde a 4 por cento da importancia das suas vendas. Estes numeros, quasi inacreditaveis, explicam os resultados da propaganda insistente que dos productos americanos se faz hoje em todo o mundo.

BANQUETE
ORIGINAL

Em uma mina de carvão, na Nova Zelandia, a quinhentos metros de profundidade, realisou-se um banquete. A galeria foi transformada em sala de jantar, os supportes cobertos de flores e verduras, e a luz electrica espalhada a jorros. O menu foi excellente, e os vinhos das melhores proveniencias. As paredes da galeria, brilhantes de minerio, reflectiam como espelhos, o mais original festim que é possivel fantasiar.

O QUILATE

Comitê Internacional de pesos e medidas aventou ultimamente a ideia da unificação universal da medida das pedras preciosas, que é, como se sabe, o quilate, hoje variavel de paiz para paiz. Adoptar-se-hia n'esse caso como unidade a massa de 200 milligrammas, a qual tomaria a denominação de «quilate metrico».

SOMNO
PROLONGADO

CONTAM de Burgos o caso extraordinario de uma mulher de Villacienzo, de nome Benita de la Fuente, que despertou ha pouco de um somno de trinta e dois annos. Foi em 1874 que ella cahiu no estado cataleptico; desde então, o seu unico sustento consistia na absorpção forçada de umas gotas de agua, de caldo ou de leite. Logo que acordou, recuperou o uso da palavra, e pediu que não lhe dessem mais leite. Tres dias depois, a familia obrigou-a a levantar-se e a dar uns passos no quarto. Reconheceu todas as pessoas de familia, mas não se recorda de cousa alguma anterior ao seu somno e recusa-se absolutamente a acreditar que dormia ha trinta e dois annos. A sua idade é hoje sessenta e dois annos.

Vida no sport

A COUPE DOS ALPES FRANCEZES **E'** curiosa a regulamentação d'este concurso de automoveis, organizado pelo Syndicatu de Grenoble. Cada competidor, com os mapas e livros de derrota, recebe um relógio metido n'um estojo de metal que permite dar-lhe corda sem que se lhe possa tocar no machinismo e nos ponteiros. Feito isto, o concorrente realisa a seu arbitrio o circuito. O essencial é parar nos hotéis indicados pelo syndicatu e cuja lista está no livro de derrota.

O *touriste*, logo que chega, sem se apeiar, apresenta o relógio e o livro ao dono do hotel, que lhe marca a hora, e depois, se quizer, vae-se embora para dar um passeio pela povoação ou para escolher hotel que mais lhe convenha. Ou então parte logo para a seguinte estação, por isso que o unico preceito é que a direcção de todos seja a mesma no circuito.

Logo que o competidor tenha data e hora marcadas ao partir de um dos hotéis da lista, entende-se que está correndo até que no dia seguinte lhe marquem a ocasião da chegada. Depois passa a ser um *touriste* como outro qualquer, com liberdade para explorar a povoação n'uma hora ou os arredores n'um mez. Mas, para continuar a corrida, tem de partir do mesmo hotel, onde lhe marcam a hora no livro, segundo o relógio fechado e selado que elle traz consigo. E assim por deante, de escala em escala e de

circuito em circuito, até que se completem os onze circuitos que constituem o total da corrida.

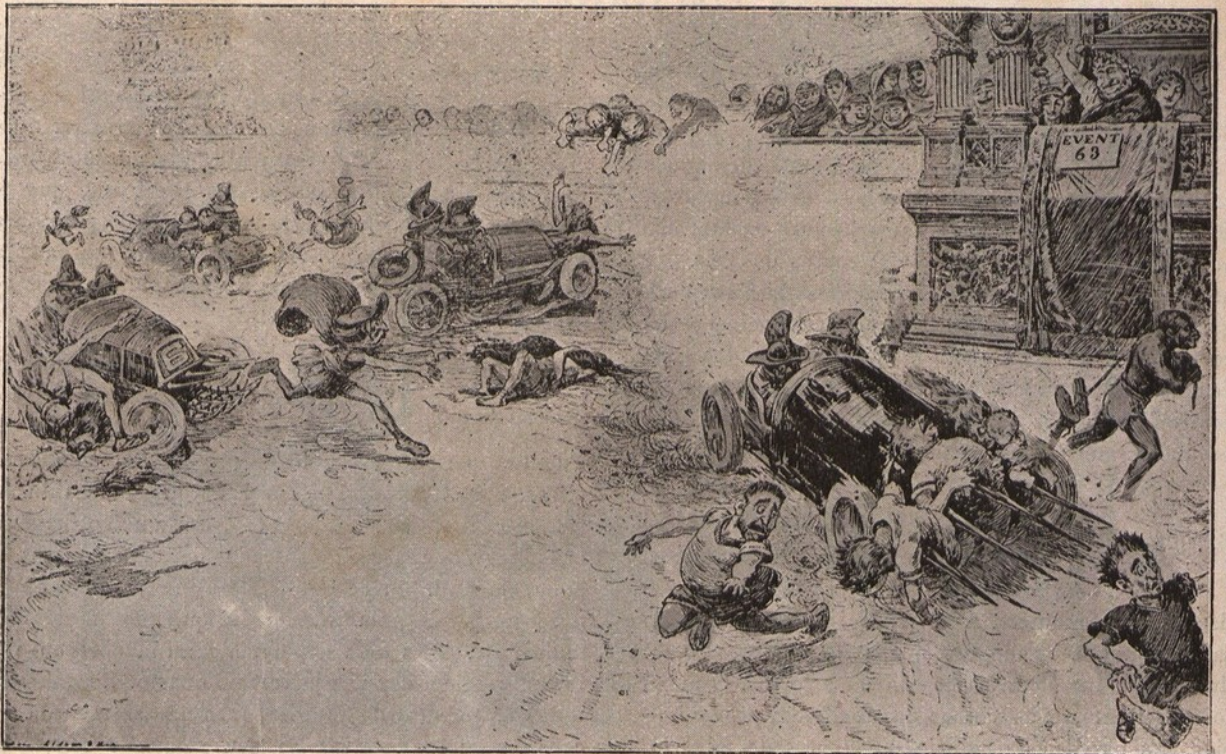
Outra especialidade d'este concurso é não permitir que se adeante tempo, nem que se engula caminho. Não se marcam velocidades superiores a 25 km. por hora, na classificação final.

O syndicatu de iniciativa de Grenoble obteve os seus primeiros fundos ha 15 annos, e desde então tem organizado a região, melhorado as communicações, construido hotéis nos pincaros mais elevados, aberto caminhos, organizado viagens circulares, conseguido comboios rapidos, e levado a cabo a rede das estradas Alpinas. Deve-lhe muitissimo a Suissa.

Quem dera que o *sport* automobilista contribuisse para eguaes resultados nas regiões mais pittorescas do nosso paiz.

PREÇO DOS POMBOS CORREIOS **E'** extraordinario o preço que attingem os pombos correios. Noventa e dois individuos do Pombal Coucke produziram um total de 3:772 francos, quer dizer, a media de 41 francos por cabeça. N'um leilão realiado em Verviers, os 196 pombos de M. Hansenne venderam-se por 14:000 francos, o que dá o preço medio de 71 francos por cada um.

Houve exemplares, muito disputados, que chegaram a vender-se por 240, 300, 400 e 530 francos. Um amator comprou tres pela bagatella de 1:485 francos.



SE NERO TIVESSE ADIVINHADO...

Caricatura extrahida da «Fictorial Comedy»